

Ana Filipa Correia Maceira

ISCTE-IUL Instituto Universitário de Lisboa, 2017

ISCTE – IUL | Mestrado Integrado em Arquitetura

Ana Filipa Correia Maceira

Componente prática de grupo realizada conjuntamente com:

Vasco Neves da Costa Reis | Miguel Dias Coutinho | João Montalvão

Componente prática do trabalho de projeto realizado no âmbito da unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura

Tutor: Professor Doutor Pedro Mendes, Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

Componente teórica do trabalho de projeto realizado no âmbito da unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura

Orientadora: Professora Doutora Paula André, Professora Auxiliar, ISCTE-IUL

Índice Geral

Parte I - Trabalho de vertente teórica :

Arquitetura em comunidades desalojadas em contexto de poucos recursos.

Parte II – Trabalho de vertente prática :

(Re) Ativar Alenquer

Contextualização e Estratégia Urbana

Projeto Final – Requalificação da Fábrica da Chemina

VERTENTE TEÓRICA

Arquitetura e comunidades desalojadas em contexto de poucos recursos

Projeto Final de Arquitetura

Trabalho teórico submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura.

Ana Filipa Correia Maceira

Orientadora da vertente teórica: Professora Doutora Paula André, Professora Auxiliar

Tutor da vertente prática: Professor Doutor Pedro Mendes, Professor Auxiliar ISCTE-IUL

Departamento de Arquitetura e Urbanismo | Mestrado Integrado em Arquitetura

Lisboa, Outubro de 2017

Agradecimentos

À Professora Paula André e ao Professor Pedro Mendes pela orientação.

Ao Conselho Português para Refugiados e ao atelier MUDA pela disponibilidade para a realização de entrevistas.

À arquiteta Patricia Lourenço pela amabilidade e material disponibilizado.

Ao arquiteto Carlos Franco pela entrevista concedida, pelo entusiasmo e conhecimento transmitidos.

À doutora Ana Filipa Ângelo pela abertura de espírito e dedicação.

A todos os amigos e colegas que enriqueceram o meu percurso académico.

À Filipa pela disponibilidade, pela amizade.

Ao Vasco pela tranquilidade, ao Miguel pelos conselhos e ao Rúben pela paciência, por inspirarem os dias mais difíceis e alegrarem as noites mais longas com um sentido de humor e companheirismo ímpares.

À Maria João por toda a coragem e inspiração, pelo apoio e amizade incondicionais.

À Margarida por todo o companheirismo e por uma amizade que guardarei sempre com carinho.

À Catarina por me resgatar de mim própria, pela calma e amor ao longo de uma década de aventuras.

Ao Nuno por toda a música e por todo o amor. Pelo apoio e paciência incessantes.

Ao meu irmão pelo carinho, por me mostrar a tranquilidade em mim.

À minha mãe que sempre me apoiou e acreditou nas minhas capacidades.

Ao meu pai que me ensinou a acreditar em mim, a olhar para as estrelas e a prestar atenção às flores.

Índice

Resumo

Abstract

Introdução

01 – Arquitetura de Emergência	35
01.1 - Contextualização histórica	36
01.2 - O processo de arquitetura de emergência, com base na obra <i>Shelter after Disaster</i>	43
01.2.1 – Fases do processo	46
01.2.2 – Princípios base	54
01.2.3 – Agentes intervenientes	64
01.2.4 – O abrigo de emergência	71
0.1.2.5 – A reconstrução	80
02 – Modos de abordagem à arquitetura de emergência em contexto de escassos recursos	83
02.1 – Habitação de Emergência	86
-Tenda leve de emergência, UNHCR	
-BOLD (building oportunites and Livelihoods in Dafur), CHF international	
- Shelter, ELEMENTAL	
02.2 – Habitação de Transição	96
-Super Adobe, Cal-Earth	
-Transitional community, Oxfam	
-Paper Log houses, Shigeru Ban architects	
02.3 – Habitação Permanente	106
-Quita Monroy housing Project - ELEMENTAL housing initiative	
- MUTUO	
02.4 – Centros comunitários	111

-Centro de mulheres Rufisque – Hollmén Reuter Sandman architects	
02.5 – Saúde	115
-Centro de cirurgia cardiaca no Sudão – TAM Associati	
02.6 – Educação	118
-Gando primary school – Diébédo Francis Kéré	
02.6.1 – Desporto	
-Skateistan – Convic designs	
02.6.2 - Artes	
-Tiwana el fuerte parque cultural – Lab.Pro.Fab	
02.7 – Acupuntura Urbana	125
-In Situ Slum Rehabilitation – Prasana Desai Architects and Urban Nouvea	
03 – A materialização a partir da teoria	129
03.1 - Campo de Refugiados Kakuma, Quénia	130
03.2 – Reconstrução da ilha de Mayotte	141
04 – Considerações Finais – reflexões a prolongar	151
Bibliografia	156
Índice e créditos das imagens	167
Anexos	173

Resumo

O presente trabalho elabora uma análise centrada na relevância do papel da Arquitetura em países de escassos recursos e com um alto déficit habitacional devido a catástrofes Naturais ou Guerras intensas.

Este trabalho demonstra a relevância da Arquitetura na reabilitação destas comunidades, através de uma profunda análise de obras de investigação como *Shelter After Disaster*, *Design Like you Give a Damn*, *Design Like you Give a Damn(2)*, e *Beyond Shelter – Architecture for Crisis*. Apesar de ter vindo a aumentar, a participação de arquitetos em operações de ajuda humanitária relacionada com habitação, ainda é rara.

Centramos o nosso foco no campo de refugiados de Kakuma, no Quênia (iniciado em 1992), de modo a entender os problemas mais graves, a nível social e económico, num campo de desalojados e tendo como objetivo revelar como a arquitetura pode ajudar a resolvê-los. Foi também estudado o caso da reabilitação social na ilha de Mayotte (iniciado em 1976), território francês situado no arquipélago das Comores, com o intuito de demonstrar a abrangência que uma intervenção, aparentemente efetuada apenas ao nível arquitetónico, pode ter na sociedade em questão.

Foi ainda recolhida informação junto do Conselho Português para os Refugiados (CPR), bem como junto do arquiteto Carlos Franco, do Atelier Studio Muda. Enquanto que a primeira entrevista se foca na situação de um indivíduo com estatuto de refugiado, assim como no processo da reabilitação e realojamento do mesmo, na entrevista a Carlos Franco é abordado o trabalho do arquiteto no âmbito de arquitetura social e de emergência

Palavras-chave:

Arquitetura Humanitária, Arquitetura de Emergência, Habitação de Emergência

Abstract

This study aims to understand the influence of emergency architecture in countries that lack resources, with unstable governments, that have experienced Hazards or War.

Even though it has increased, there are not many architects involved in humanitarian help. This dissertation aims to un-reveal the importance of architecture, in the rehabilitation of these communities, through an in-depth analysis of investigations like *Shelter After Disaster*, *Design Like you Give a Damn*, *Design Like you Give a Damn(2)*, and *Beyond Shelter – Architecture for Crisis*.

There is also an analysis of the Kakuma refugee camp (began in 1992), that aims to understand the most serious problems, socially and economically, in a displaced camp. The goal is to understand how architecture can help solve them. Therefore, the rehabilitation in the Island of Mayotte (began in 1976), Comoros, is also analysed, to show the impact an architecture intervention can have in society.

Interviews were made to the Portuguese refugee center (PRC), and to the architect Carlos Franco, from Studio Muda. In the first interview the aim is to understand the situation of a person that seeks asylum in a new country, in the second one, emergency architecture is the main topic. By discussing the architect's work in that branch, there is a conversation about how architecture can contribute in an emergency situation.

key-words:

Emergency Architecture, Humanitarian Architecture, Shelter

“Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda quanto aos serviços sociais necessários, e tem direito à segurança no desemprego, na doença, na invalidez, na viuvez, na velhice ou noutros casos de perda de meios de subsistência por circunstâncias independentes da sua vontade”¹.

Introdução: PFA | Tema | Metodologia

No âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura, do ISCTE- IUL (Instituto Universitário de Lisboa), do ano letivo 2016/2017, foi proposto que os alunos desenvolvessem um trabalho cujo modelo se reparte em duas vertentes, uma prática e outra teórica, sendo o presente documento a vertente teórica.

Sendo que a vertente teórica não necessita de estar relacionada com a vertente prática, o tema escolhido foi a Arquitetura de Emergência, e as questões referentes à sua complexidade e interligação com outras áreas de trabalho, como a sociologia e a economia. Deste modo foram analisados vários projetos de arquitetura cujo objetivo é tentar resolver um dos grandes problemas da atualidade: a crise mundial de desalojados.

Compreende-se que uma situação de emergência, se traduz na perda de habitações e equipamentos em massa, resultando numa comunidade sem capacidade de ser autossustentável. Tal pode suceder devido a uma catástrofe Natural, ou no caso de uma Guerra. Uma vez que um conflito armado tende a ter uma duração extensa, existem vários indivíduos que procuram asilo fora do seu país. Ao obter o estatuto de refugiado, um sobrevivente de guerra, deveria receber ajuda imediata. No entanto, é notória a dificuldade em ajudar estes indivíduos, devido às razões políticas e burocráticas que os rodeiam. O interesse em perceber a dura realidade que enfrentam, e em como a arquitetura social, ou de emergência, poderia ajudar a encontrar soluções para uma melhoria da sua habitabilidade, originou a escolha dos seguintes casos de estudo para uma análise mais detalhada; designadamente o campo de refugiados de Kakuma no Quênia, e a urbanização social de Mayotte no arquipélago das Comores.

23

Lord Paddy Ashdown, Alto Representante para a Bósnia Herzegovina, entre maio de 2002 e maio de 2006, descreve a complexidade e urgência do problema da distribuição de abrigo aos inúmeros desalojados existentes por todo o mundo:

“Providing adequate shelter is one of the most intractable problems in international humanitarian response. Tents are too costly and do not last long enough. Plastic sheeting can be good but most often is low quality and falls apart immediately. Rebuilding houses takes years even when land issues are not major obstacles”².

² Davis, Ian - **Shelter after disaster**. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p. 11

A metodologia adotada para o desenvolvimento do trabalho centra-se na análise de fontes primárias e secundárias, sendo a consulta de documentos relevantes para o estudo, realizada em bibliotecas da cidade de Lisboa, tais como a Biblioteca do ISCTE-IUL, bem como a Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian.

O campo de refugiados de Kakuma e a urbanização social de Mayotte foram analisadas como materialização a partir da teoria. Foi também elaborada uma entrevista ao arquiteto do Studio Muda, Carlos Franco, e recolhida informação junto do Centro de Acolhimento para Refugiados, sito na Bobadela, concelho de Loures.

As fontes secundárias são constituídas por teses, dissertações, *websites*, artigos, bem como por documentos que constituem os casos de estudo. A estruturação do trabalho deve-se à consulta destas fontes primárias e secundárias, tendo-se recolhido informação que permite entender a Arquitetura de emergência.

O presente documento encontra-se escrito de acordo com o novo acordo ortográfico da língua portuguesa, respeitando as “Normas de apresentação e harmonização gráfica para dissertação ou trabalho de projeto de mestrado e tese de doutoramento”, estabelecidas pelo ISCTE-IUL. As normas bibliográficas presentes no trabalho estão de acordo com a “Norma Portuguesa NP-405”.

24

Apesar de ser um tema relativamente recente têm sido elaborados alguns estudos sobre a Arquitetura de Emergência. Dos estudos desenvolvidos, alguns têm sido submetidos como provas finais para a obtenção de diferentes graus académicos. Da busca efetuada foi também possível encontrar diversos artigos, monografias e *websites* sobre o tema em questão, constituindo assim o estado da arte que se apresenta de seguida.

Estado da arte

As primeiras obras a abordar o tema Arquitetura de Emergência são obras de autores estrangeiros. Assim, um dos primeiros trabalhos sobre o tema é editado pelo arquiteto Ian Davis e intitulado “Shelter after Disaster”, de 1982. Este livro foi redigido em colaboração com a Federação Internacional da Cruz Vermelha e das Sociedades do Crescente Vermelho, tendo tido igualmente o apoio das Nações Unidas.

“*Shelter after Disaster*” é uma obra destinada não só a arquitetos, mas a todos os intervenientes na resposta a um cenário pós-catástrofe, em comunidades de poucos recursos económicos. Ao analisar vários casos de estudo, de modo a comparar um vasto leque de soluções, é possível obter várias conclusões generalistas. No entanto, os resultados desta pesquisa apontam para a importância de avaliar cada situação “per si”, considerando a sua singularidade.

Na segunda edição do livro são indicados mais exemplos que demonstram a dificuldade de contornar políticas corruptas, identificando soluções que se mostram insustentáveis, independentemente da situação. No entanto, é igualmente fornecido, um mapa da organização geral, transversal a qualquer situação de emergência, que visa a coordenação de todos os órgãos intervenientes. Uma das conclusões de Ian Davies é que, ao invés de se investir em abrigos desmontáveis e casas modulares, nos casos em que os recursos são mais escassos, se deveria investir de imediato em construções mais duradouras, sendo a comunicação com a população em causa e a utilização de materiais locais, vital para o sucesso do projeto.

A associação “Architecture for Humanity”, fundada pela jornalista Kate Stohr e pelo arquiteto Cameron Sinclair em 1999, é reconhecida não só pelo seu trabalho em arquitetura de emergência, mas também pela procura do reconhecimento da própria arquitetura como uma disciplina essencial para o futuro da humanidade. Sinclair defende que, ao contrário do que a atual crise mundial de empregabilidade dos arquitetos dita, existem inúmeras oportunidades de trabalho, além de pessoas e comunidades que necessitam desesperadamente da intervenção de um arquiteto. Tais ideais encontram-se ilustrados no seguinte livro desta associação, “Design like you give a damn – Architectural responses to Humanitarian Crises” de 2006, uma coletânea de projetos no âmbito da arquitetura de emergência em comunidades de poucos recursos, que inspiram uma nova geração de arquitetos humanitários.

Os projetos escolhidos naquela obra foram organizados em quatro capítulos, numa tentativa de abordar tudo o que envolve este processo, nomeadamente: Habitação, Comunidade, Água, Energia e Saneamento e, por último, Política e Planeamento. Estes projetos mostram essencialmente como o processo da própria arquitetura pode ser algo gerador de

uma sociedade mais pro-ativa e unida.

“*Design Like you give a damn (2)- Building change from the ground up*” é a segunda obra da fundação “Architecture for Humanity” de 2012 . Tal como a sua precedente, esta obra pretende ser uma reflexão sobre intervenções recentes no âmbito de arquitetura de emergência, encontrando-se repartida em cinco temas chave: *Reconstrução pós Catástrofe, Habitação, Comunidade, Serviços Básicos e Materiais, Política e Planeamento*. Os projetos que integram esta coletânea, demonstram a realidade da arquitetura social e de emergência ao nível mundial. Tendo escolhido exemplos de diversos continentes, a obra permite um entendimento dos problemas mais urgentes da atualidade.

“*Beyond Shelter – architecture and human dignity*” é uma obra editada pela arquiteta Marie J. Aquilino, de 2011. Este trabalho consiste numa coletânea de projetos de arquitetura de emergência, que termina com uma carta aberta a Arquitetos, Engenheiros e Urbanistas, escrita por Patrick Coulombel, diretor dos “*Architectes de l’Urgence*”, com o intuito de relembrar a responsabilidade social destes especialistas. Os projetos analisados encontram-se divididos em seis capítulos: *Arquitetura Pós-Desastre; O que podem fazer os Governos?; Risco Urbano e Recuperação, Resiliência Ambiental, Ensinar ações estratégica e a prevenção é possível?* Deste modo, a obra abrange a maioria dos temas e problemáticas inerentes à arquitetura de emergência.

26

A obra escrita pelo arquiteto Hassan Fathy, “*Architecture for the poor – uma experiência no Egipto rural*” de, 1973. O livro descreve o processo da criação de uma localidade com poucos recursos económicos, destinada ao realojamento de 7000 camponeses. O objetivo do arquiteto é projetar de acordo com a sua perceção da tradição e da cultura local, enriquecendo-a a partir dos diminutos recursos que dispunha.

“*Managing the Undesirables – Refugee Camps and Humanitarian Government*”, é um trabalho de investigação do antropólogo Michel Agier, de 2011. Esta obra procura entender a dura realidade de um campo de refugiados, encontrando-se dividida em três partes. A primeira parte denomina-se “*Um mundo de indesejáveis, uma rede de campos*” e aborda a questão da definição de refugiado e respetivos problemas humanitários. Na segunda parte, “*O quotidiano dos campos de refugiados do século XXI*”, descrevem-se os problemas sociais e económicos de campos visitados pelo autor. “*Depois dos Campos*” terceira e última parte daquele trabalho de investigação, convida o leitor a pensar um campo de refugiados como uma Cidade, um Mundo e um Governo.

Do segundo volume da revista “*Studies on Emergency and Disaster Relief*”, de 1995, fazem parte dois importantes artigos

para o desenvolvimento do presente trabalho, designadamente “*Refugee and Labour Movement in Sub-Saharan Africa*” pelo Dr. Jonathan Baker e “*Shelter Provision and Settlement Policies for Refugees*” pelo Dr. Roger Zetter. O primeiro artigo trata da problemática referente à percentagem de refugiados na região Sub-Sahariana em Africa, uma vez que a mesma apresenta os mais elevados números, em comparação com qualquer outro continente. Este artigo demonstra também a insensibilidade dos governos para com os indivíduos que procuram asilo e são tomados como emigrantes ilegais, e as repercussões sociais que daí advêm.

O segundo artigo trata dos problemas do funcionamento da distribuição de abrigos para os refugiados, que a presente vertente teórica pretende estudar. Segundo o autor, Dr. Roger Zetter:

“Although the provision of shelter is one of basic needs of refugees, host governments, and humanitarian agencies usually adopt short term responses. The apparent dilemma facing policy makers and governments is the contradiction between permanency of housing and the presumed temporariness of refugees”³.

“*Un Monde de Camps*” é uma obra do antropólogo Michel Agier, de 2014. Este trabalho é uma coletânea de descrições sobre campos de refugiados por todo o mundo. A sua relevância para o presente trabalho deve-se também ao facto de descrever um dos casos de estudo escolhidos, o maior campo de refugiados do mundo, o Campo de Kakuma, no Quênia, África.

“*Versus: Heritage for Tomorrow – Vernacular Knowledge for Sustainable Architecture*” é uma obra editada por Mariana Correia, Letizia Dipasquale e Saverio Mecca, de 2014. Sendo o resultado do projeto com o mesmo nome, esta obra analisa um conjunto de exemplos de arquitetura vernacular que são desvalorizados, sendo classificados como desatualizados ou subdesenvolvidos, e demonstra que podemos tirar várias lições dos mesmos. A importância deste estudo encontra-se na exploração de soluções tradicionais ecológicas e sustentáveis, que possam ser utilizadas na arquitetura contemporânea.

“*Mayotte Development Projects*” é um relatório redigido por Omar Hallaj, de 2001. O trabalho pretende descrever a urbanização social em Mayotte, no arquipélago das Comores, descrevendo todos os passos de formação da mesma, de forma a explicar os seus aspetos positivos, apesar das dificuldades de todo o processo. Neste relatório é ainda dado

³Zetter, Roger – *Shelter Provision and Settlement Policies for Refugees – A state of the art review*. Suécia, Reprocentralen HSC, 1994. p.5

ênfase à importância de se entender a cultura social e arquitetônica do local.

“*Is Mayotte a Model for Development?*” é um trabalho de investigação de Hubert Guillaud, Patrice Doat e Hugo Houben, em colaboração com Vincent Lietar e Leon Attila Cheyssiah, de 1990. Este trabalho pretende demonstrar o porquê do sucesso desta intervenção social, indicando os recursos naturais escolhidos e o tipo de apoio económico fornecido, sendo que se conclui que o apoio gradual e contínuo foi um dos fatores de maior relevância no desenvolvimento da região.

“*Mayotte - Filière Blocs de Terre Comprimée – Typologie des Éléments et Systèmes Constructifs*” é um documento de Gisèle Taxil e Arnaud Misse, de 1999, no qual se descreve os pormenores construtivos dos edifícios integrantes da urbanização social de Mayotte. Neste caso, a *CRAterre*, organização internacional para a promoção da arquitetura em terra, desenvolveu um tipo de tijolo a partir do solo local para a otimização de todo o projeto.

“Alejandro Aravena - The Forces In Architecture”, de 2011, é um documento de diversos autores sobre a obra Alejandro Aravena, que conta com uma entrevista ao arquiteto sobre a sua visão para o futuro da arquitetura. O arquiteto entende as forças em arquitetura como sendo as forças dos nossos costumes. Assim sendo, foca-se em revelar a importância de um qualquer equipamento arquitetónico funcionar como resposta à pergunta certa, em contraposição ao desperdício de recursos numa resposta exímia a uma pergunta desnecessária para o seu usuário.

“Shigeru Ban” da curadora Matilda McQuaid, publicada em 2006. A coletânea de projetos do arquiteto Shigeru Ban, relatam uma arquitetura integrada na sua envolvente, respeitando-a. As experimentações com materiais cartão e tubos de papel são abordadas como algo em desenvolvimento na arquitetura social e de emergência.

A dissertação para a obtenção do grau de mestrado em Arquitetura, pela Faculdade de Arquitetura de Lisboa, do arquiteto Bruno Manuel de Brito Pereira Gonçalves denominada “*Arquitetura de Emergência: O papel da arquitetura na resolução dos problemas pós-catástrofe*”, de 2015, trata este tema abordando a primeira fase de intervenção, após um desastre Natural ou Humano. Este trabalho visa dissecar todas as condicionantes da tragédia; entre elas, as condicionantes sócio-culturais e económicas, bem como a transição entre abrigos. Simultaneamente apresenta três casos de estudo, o terramoto de 2004 na Indonésia, o terramoto de 2005 no Paquistão e o terramoto de 2010 no Haiti. Nesta obra, o arquiteto Bruno Pereira Gonçalves apercebe-se que muitos dos campos de refugiados e módulos de emergência não são apenas utilizados durante alguns meses, tendo uma longevidade muito superior à prevista, originando bairros sociais sem condições humanitárias. Assim, face a esta realidade, o autor conclui que é necessário repensar o abrigo dito de transição.

“*Arquitetura de Emergência: do Abrigo Temporário à Habitação Permanente*” é o título da dissertação que a arquiteta Raquel Alexandra Gomes Sousa redigiu para a conclusão do mestrado integrado em Arquitetura, pela Faculdade de Arquitetura de Lisboa, em 2015. Esta obra aborda o processo de arquitetura de emergência, e a forma como este pode ser pensado para responder a um possível desastre natural na cidade de Lisboa. A autora pretende perceber o papel do arquiteto numa primeira fase de ajuda imediata, num cenário pós-catástrofe, e posteriormente na criação de um abrigo de carácter mais permanente. O objetivo final da dissertação é o desenho de um plano de ação, na hipótese da cidade de Lisboa sofrer um novo terramoto.

“Rethinking Emergency Habitats for Refugees: Balancing Material Innovation and Culture” é o tema da dissertação de mestrado em Arquitetura, da arquiteta Maria Alexandra Sinisterra, pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), em 2004. A autora pretende encontrar uma solução, ao nível da arquitetura de emergência, para refugiados na Colômbia. Essa solução deverá ser sustentável, a nível construtivo, e compatível com a preocupação adicional do respeito pela cultura dos sobreviventes. Deste modo, a obra engloba vários casos de estudo e diversas experimentações a nível de materiais que respeitem o ambiente. O objetivo final é uma solução que ultrapasse a simples resolução de uma situação de emergência, e que torne a comunidade de refugiados numa comunidade próspera e sustentável.

29

A arquiteta Ketsia Colinet redigiu a dissertação “*Modular Housing Development in Boston: An Affordable Housing Option Revisited*”, para a obtenção do grau de mestre em planeamento urbano, pelo Instituto de Tecnologias de Massachusetts, em 1998. Nesta obra é abordado o tema da casa modular na habitação social, com o intuito de perceber se se justifica como um investimento sustentável. A partir de vários casos de estudo, a autora expõe a necessidade de se entender a real eficiência de todo o processo modular.

“*Building Community in Low-Income Areas: Designing a New Architectural Language for Community Centers in Jordan*” foi a dissertação submetida por Dalia Osama Ali, para a obtenção do grau de licenciatura em Arte e Design pelo Instituto de Tecnologias de Massachusetts, de 1994. Defendendo o papel essencial de um centro comunitário na formação do espírito de comunidade, originando melhorias sociais e económicas, a autora pretende repensar este equipamento tendo em consideração não só a estrutura social e cultural, mas também o clima e os materiais locais. Nesse sentido, a investigação foi feita durante o processo da execução do projeto de um centro comunitário, num bairro social da Jordânia.

“*Urbanismo Emergente – Desenho e Processo de Planeamento em Situações Pós-Catástrofe*” foi a dissertação submetida

por Ana Isabel Ferreira Lopes, para a obtenção do grau de mestre em Arquitetura e Urbanismo do ISCTE-IUL, em 2015. Face à problemática dos acampamentos de emergência, mais precisamente dos inúmeros campos de refugiados existentes na atualidade, este trabalho pretende perceber como é que o desenho urbano dos mesmos, pode afetar, de uma forma positiva, a sua realidade.

“Light Steel Framing - Uso em construções habitacionais empregando a modelagem virtual como processo de projeto e planeamento” foi a dissertação submetida por Patricia Farrielo de Campos, para a obtenção do grau de mestre em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, em 2014. O seguinte trabalho pretende procurar soluções sustentáveis para colmatar o deficit habitacional no Brasil, através de sistemas BIM e materiais pré-fabricados.

“Arquitetura e Emergência” foi a dissertação submetida por Tiago Sá Gomes, para a obtenção do grau de mestre em Arquitetura e Urbanismo do ISCTE-IUL, em 2016. Esta dissertação tem como intuito perceber a legitimidade do recente interesse dos arquitetos e alunos de arquitetura na arquitetura de emergência. Simultaneamente pretende fazer uma análise de todo o processo de arquitetura de emergência, de forma a entender como o otimizar.

30 *“Arquitectura de Causas - uma arquitectura social na era da globalização económica”* foi a dissertação submetida por António Miguel Ferreira Gonçalves, para a obtenção do grau de licenciatura em Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, em 2009. O seguinte trabalho de investigação pretende perceber qual o papel que o arquiteto na nossa sociedade. O autor tem como intuito demonstrar que a arquitetura pode ir para além do seu valor estético, uma vez que lhe é possível melhorar as condições de vida da população que serve.

As obras referidas constituem um contributo para o estudo da presente vertente teórica, abordando temas que permitiram o entendimento sobre a arquitetura de emergência. Deste modo foi feita uma pesquisa sobre a realidade dos campos de refugiados e as diversas táticas de resposta humanitária a uma crise de desalojados, bem como sobre o papel do arquiteto na resolução destes problemas contemporâneos.

Em anexo encontram-se transcrições de entrevistas realizadas no decurso do trabalho. A entrevista à organização CPR – Conselho Português para os Refugiados, foi realizada no dia 20 de Julho de 2017, nas instalações do CPR em Bobadela. Posteriormente, foi realizada uma entrevista ao arquiteto Carlos Franco, via Skype, no dia 7 de Setembro de 2017.

Objetivos | Contributos | Estrutura

A presente vertente teórica pretende revelar a importância da prática da arquitetura na resolução de problemas sociais e económicos de comunidades com poucos recursos, sendo o foco, casos extremos de campos de refugiados e acampamentos de emergência. Considera-se que a arquitetura poderia ter um papel determinante na transição do regime de sobrevivência para uma comunidade autossustentável e próspera. Assim sendo, é feita uma análise de vários projetos dentro de arquitetura social e de emergência que abordam várias áreas consideradas fundamentais a qualquer campo de refugiados ou de emergência. Deste modo, a presente vertente teórica tem com intuito demonstrar, não só que arquitetura social e de emergência são Arquitetura, e não uma ramificação inferior da disciplina, mas também que Arquitetura pode ter uma influência considerável em áreas como a economia, a sustentabilidade e a psicologia de uma comunidade. Assim, o presente trabalho é constituído por três capítulos, a seguir descritos.

No primeiro capítulo é abordado o processo de arquitetura de emergência, assim como as suas origens e complexidade. Efetua-se inicialmente uma contextualização histórica da situação dos refugiados e desalojados a nível mundial e qual o atual papel da arquitetura na construção de abrigos e habitações para esses indivíduos. Sendo que nos encontramos perante a maior vaga de refugiados desde a segunda guerra mundial, é igualmente descrito o papel da UNHCR/ACNUR, criada em 1951, com o intuito de responder às questões humanitárias do pós-guerra. A UNHCR/ACNUR é um departamento das Nações Unidas cuja crescente importância é justificada pela urgência da procura de soluções para a vaga de refugiados da atualidade. Ainda neste capítulo, é pormenorizadamente explicado todo o processo de reconstrução pós catástrofe, a partir da obra *Shelter after Disaster*, produzida com o apoio das Nações Unidas, por uma equipa liderada pelo arquiteto Ian Davis, que incluía o engenheiro e urbanista Fred Cuny, o economista Aloysius Fernandez, e três arquitetos com experiência em arquitetura de emergência Paul Thompson, Fred Krimgold e Ludovic Van Essche. Aquela obra analisa vários procedimentos de emergência em situações pós-catástrofe por todo o mundo, utilizados na década de 70 do século passado, sendo atualizada com exemplos atuais, identificando todos os pontos a melhorar numa intervenção de emergência. Os autores focam-se em catástrofes, naturais e Humanas em países pouco desenvolvidos, cujos escasos recursos e respetivos governos impossibilitam a reabilitação das comunidades sobreviventes. A estrutura do primeiro capítulo é, assim, um resumo da obra "*Shelter after Disaster*", das fases de todo processo de reconstrução pós catástrofe, os seus princípios base, os agentes intervenientes, o abrigo de emergência e por fim a reconstrução da comunidade onde a catástrofe aconteceu.

Procede-se ainda à análise de obras que relatam a realidade da vivência nos campos de refugiados e descrevem soluções

humanitárias urgentes face à crise de desalojados da atualidade. Nestas obras incluem-se “*Managing the Undesirables*” e “*Um Monde de Camps*” de Michel Agier, bem como os relatórios do Dr. Jonsthan Baker e do Dr Roger Zetter para “*Studies on Emergencies and Disaster Relief*”.

Uma vez que com a presente vertente teórica se pretende demonstrar como a arquitetura poderia contribuir para o melhor funcionamento, não só de um campo de refugiados, mas também para qualquer acampamento de emergência e consequente reabilitação, foi estudado o trabalho de Sandra Urzo, uma arquiteta humanitária, assim como a obra *Beyond Shelter*, uma coletânea de projetos de arquitetura de emergência editada pela arquiteta humanitária Marie J. Aquilino.

No capítulo II são analisados quinze projetos nos quais a arquitetura consegue resolver diversos problemas sociais e económicos em acampamentos de emergência e regiões de poucos recursos, numa tentativa de colmatar a informação do I capítulo sobre os procedimentos ideais numa situação pós catástrofe. Esses projetos são:

- ✓ A tenda leve de emergência da UNHCR/ACNUR;
- ✓ O projeto BOLD da CFH International;
- ✓ O abrigo de emergência, do atelier Elemental;
- ✓ O projeto Super Adobe, da Call Earth;
- ✓ A comunidade transitória, da Oxfam;
- ✓ As casas de papel, do arquiteto Shigeru Ban;
- ✓ O projeto de arquitetura social da Quinta Monroy, pelo atelier Elemental;
- ✓ O projeto Mutuo;
- ✓ O centro de mulheres em Rufisque das arquitetas Hollmén Reuter Sandman;
- ✓ O centro de cirurgia cardíaca no Sudão do atelier TAM Associati;
- ✓ A escola primária em Gando do arquiteto Diébédo Francis Kéré;
- ✓ O pavilhão desportivo Skateitan do grupo Convic design;
- ✓ O centro cultural de Tijuana, pelo atelier Lab.Pro.Fab;
- ✓ O projeto de pintura de favela, dos arquitetos Hass&Hahn;
- ✓ A reabilitação de uma favela indiana, pelos ateliers Prasana Desai e Urban Nouvea.

O objetivo do capítulo II é também demonstrar a importância de equipamentos cuja função esteja para além da sobrevivência, propriamente dita, como por exemplo, escolas e centro comunitários. Deste modo alerta-se para a necessidade

de um planejamento que vise a prosperidade, quer seja de um campo de refugiados ou de um acampamento de emergência. Esta abordagem poderá ter consequências benéficas, não só para a vítima como também o país que a acolhe, partindo do argumento de que quanto maior for o número de indivíduos com acesso à Saúde e Educação, maior será a qualidade de vida a nível global. Como refere Marie Curie, “You cannot hope to build a better world without improving the individuals. To that end each of us must work for his own improvement, and at the same time share a general responsibility for all humanity, our particular duty being to aid those to whom we think we can be most useful”⁴.

No capítulo III são analisados dois casos de estudo. Em primeiro lugar é estudado o campo de refugiados de Kakuma, situado no Quênia, cuja escolha se deve ao facto de este ser o maior campo de refugiados do mundo, segundo a UNHCR/ACNUR. Existe assim uma tentativa de demonstrar a dura realidade deste tipo de acampamento de emergência, onde, por razões políticas, as vítimas se tornam prisioneiras. Sendo um dos exemplos mais negros, o campo de Kakuma demonstra, de forma exímia, a urgência de procura de soluções para esta problemática contemporânea. É exatamente nesse sentido que se escolheu para segundo caso de estudo, o projeto de habitação social da ilha de Mayotte, no arquipélago das Comores, elaborado pela Société Immobilière de Mayotte, com a ajuda do centro internacional de construção em terra, CraTerre. Sendo Mayotte uma região com poucos recursos, aquele projeto é um exemplo de como a arquitetura pode resolver problemas sociais e económicos com um orçamento reduzido, a utilização de materiais locais e a participação da população residente na ilha.

⁴ Curie, Marie e Curie, Pierre – **Autobiographical Notes**. New York, 1923. p. 168

Davis, Ian - **Shelter after disaster**. 1982.

Baker, Jonathan - **Refugee and Labour movements in Sub-Saharan Africa – A review**. 1994.

Baker, Jonathan - **Shelter after disaster**. 1982.

1982

1993

1995

2001

2003

2004

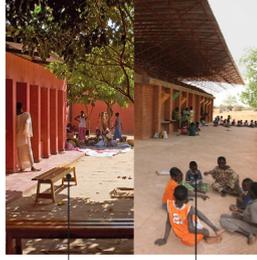
Super Adobe
Cal-Earth



Paper Log houses
Shigeru Ban architect



Centro de mulheres Rufisque - Hollmén Reuter Sandman architects



Quita Monroy housing Project - EMENTAL



Gando primary school
Diébédo Francis Kéré

Transitional community
Oxfarm



Birkeland, Nina M., Vermeulen, Ellen and Vágli, Tor, NRC – **Camp Management Toolkit**. 2004.

BOLD
CHF International



2004 / 2005

Tiuna el fuerte
parque cultural
Lab.Pro.Fab



2005

Centro de cirurgia
cardiaca no Sudão
TAM Associati



2007

Architecture for Humanity –
Design like you give
a Damn, Architectural
Responses to
Humanitarian Crises. 2006.

In situ Slum Reha-
ilitation - Prasanna
Desai Architects and
Urban Nouveau



2008

Agnier, Michel –
Managing the undesira-
bles – Refugee Camps and
Humanitarian
Government. 2011

Aquillino, Marie J. –
Beyond Shelter –
Architecture and
Human Dignity. 2011

Shelter
ELEMENTAL



2014

Architecture for Humanity –
Design like you give a Damn
(2), Building from de ground
up. 2012.

Correia, Maria; Dipasquale
Letizia; Saverio Mecca
(Ed. Lit.) – **Versos: Heritage**
for tomorrow - Vernacular
knowledge for Sustainable
Architecture. 2014.

Agnier, Michel –
Um Monde de
Camps. 2014

01

Arquitetura de Emergência: Definição do processo

01.1 - Contextualização histórica

Em 1951, a Organização das Nações Unidas (ONU) criou o *Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados*, (ACNUR em português e UNHCR em inglês), destinado a apoiar os refugiados a nível mundial. Com a criação desta organização permitiu-se que os países ocidentais pudessem contribuir na luta pelos direitos humanos de muitas comunidades, ignoradas pelos seus governos corruptos. A criação da ACNUR/UNHCR, por parte das Nações Unidas (NU) deveu-se em parte à guerra fria, no sentido em que o mundo ocidental demonstrava pertencer ser a terra de asilo para os *inocentes*⁵. É nesse sentido que o estatuto de refugiado, definido na convenção de Genebra, no ano de fundação da ACNUR/UNHCR, é mais abrangente do que o estatuto de refugiado político, isto é, “The definition of ‘refugee’ in this Convention reflected the universalistic aim of ‘protecting’ the stateless, being broader than the status of ‘political refugee’ that had previously been in use, and that international institutions refer to as ‘conventional’. Gradually, however, a function of control (whether in the application of asylum policies or in the management of camps) came to accompany that of protection, and very often to dominate it”⁶. Assim, em regiões mais problemáticas a tática de controlo máximo sobre os refugiados é tida como a norma; uma decisão aparentemente eficaz que, na atualidade, apresenta consequências catastróficas.

38

Na verdade, existe uma disciplina que poderia ter um papel revolucionário na resposta às necessidades de abrigo das comunidades refugiadas: a arquitetura. No entanto, na maioria dos casos, a intervenção do arquiteto não é solicitada. Um facto alarmante, que poderá justificar tal afastamento, é a baixa percentagem de habitações e equipamentos a nível mundial, que são efetivamente construídos por arquitetos. De acordo com a investigação da professora de História de Arte, Marie J. Aquilino:

“At the conference Risques Majeurs 2008 (...) The officials and ministers I spoke with reminded me that on average architects contribute to only 3 percent of the world’s built environment. They indifference – or worse, irrelevance – to the world’s most vulnerable communities made them seem hardly worth talking about. (...) But if not architects and planners, who is in charge of rebuilding towns and villages leveled by earthquakes and cyclones? The answer is disquieting: no one is in charge”⁷.

⁵Agier, Michel – *Managing the undesirables – Refugee Camps and Humanitarian Government*. Cambridge: Polity Press, 2011. p.11

⁶Agier, Michel – *Managing the undesirables – Refugee Camps and Humanitarian Government*. Cambridge: Polity Press, 2011. p.11

⁷Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - *Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity*. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.8

A falta de coordenação sobre a organização urbana e arquitetónica dos campos de refugiados resultou num aglomerado de tendas de lona, de cariz temporário. Simultaneamente, os diversos agentes humanitários encontravam-se desorganizados, sendo a comunicação entre os mesmos limitada. Existia ainda uma ignorância desastrosa sobre a cultura e as necessidades da região afetada com a qual estes agentes trabalhavam; um exemplo disso era a falta de organização dos vários equipamentos a nível urbano, sendo habitual a existência de armazéns repletos de alimentos a apodrecer, a meros quilómetros de uma população esfomeada.⁸ Uma das pessoas responsáveis pela melhoria da articulação no seio destas organizações foi Fred Cuny⁹ (1944-1995), um engenheiro civil especializado em planeamento urbano que trocou a sua próspera carreira pelo trabalho humanitário, tornando-se um especialista na resposta a situações pós-catástrofe¹⁰.

A partir dos conhecimentos existentes sobre urbanismo, Fred Cuny reorganizou os acampamentos onde intervia, projetando, por exemplo, espaços comuns, perto dos acessos à água potável, onde toda a comunidade podia cozinhar, bem como espaços independentes destinados a instalações sanitárias (fig.1). Esta simples e linear definição dos espaços, não tinha, até à data, sido implementada por nenhuma organização. O resultado foi um maior controlo de doenças, bem como do sentimento de segurança por parte dos residentes¹¹.

Fred Cuny, percebe também a importância de ensinar a população sobrevivente a construir e reabilitar as suas próprias habitações. A partilha dos seus conhecimentos de engenharia resultou em sobreviventes e/ou refugiados autossuficientes, sendo uma prática defendida por diversos agentes humanitários atuais. Este engenheiro defendia também que, utilizar a ajuda dos próprios refugiados sobreviventes, na reconstrução das suas habitações, era essencial ao crescimento da economia local. Assim sendo, Fred Cuny é considerado o responsável por incluir a arquitetura na resolução de situações de pós-catastrofe.

⁸Agency, Spatial. Architectural NGOs [Em linha]. USA [Consult. 18 Nov.2016]

Disponível em WWW:<URL: <http://spatialagency.net/database/where/organisational%20structures/architectural.ngos>

⁹O engenheiro e urbanista americano **Fred Cuny**, dedicou a sua carreira à melhoria de campos de refugiados e desalojados, em países de recursos escassos. Face à problemática de organização de espaço e intercomunicação das diversas ajudas humanitárias, Cuny decidiu reorganizar estes sistemas. Assim sendo, o engenheiro desempenhou um papel fundamental na humanização dos campos, facilitando o processo de recuperação da comunidade afetada. Em 1995 desaparece na Chéchenia durante uma missão humanitária.

¹⁰Foundation, Mac Arthur. Mac Arthur Fellows Program [Em linha]. USA [Consult. 5 Ago. 2017]

Disponível em WWW: <URL: <https://www.macfound.org/fellows/508/>

¹¹Agency, Spatial. Architectural NGOs [Em linha]. USA [Consult. 18 Nov.2016]

Disponível em WWW:<URL: <http://spatialagency.net/database/where/organisational%20structures/architectural.ngos>

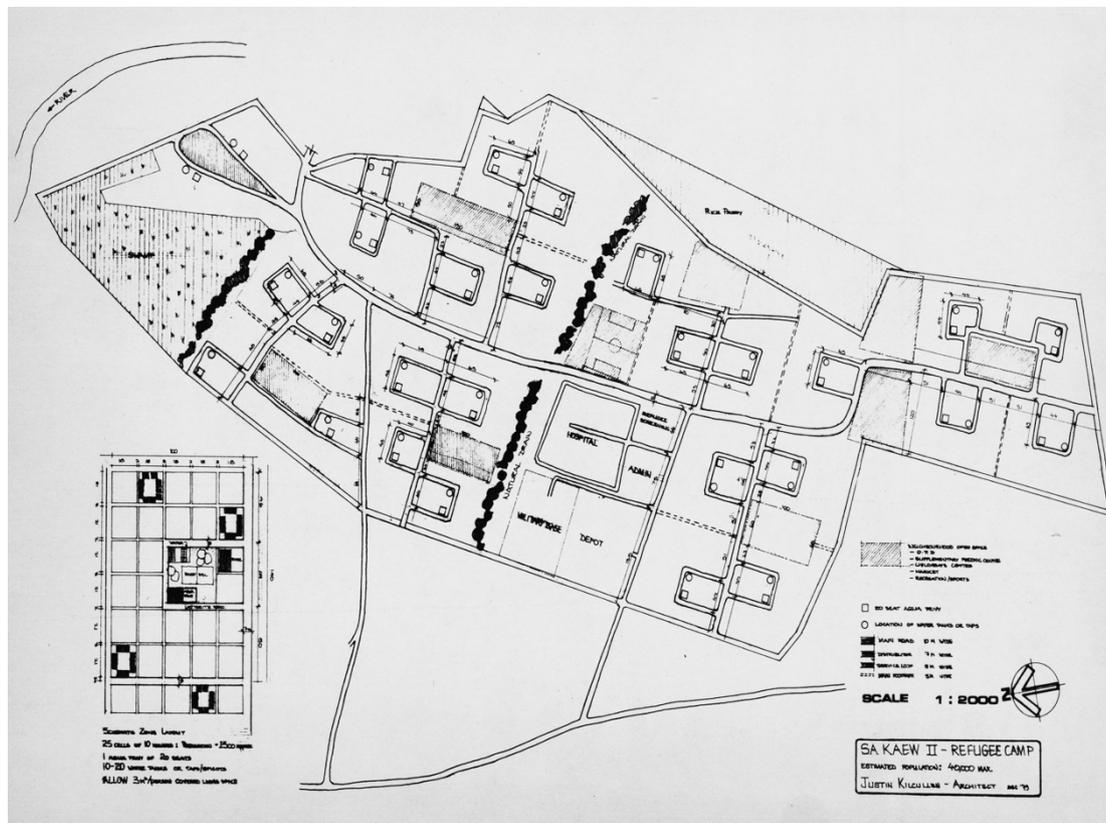


Fig. 1 - Campo de refugiados SA Kaew II. Projetado por Fred Cuny. Mapa de 1969

É nesse sentido que trabalha com a UNDRR, e com o arquiteto Ian Davis¹² na obra *Shelter after Disaster*, um relatório extremamente completo sobre todo o processo de resposta a situações de emergência, que se tornou num dos documentos mais informativos do meio.

¹²O arquiteto humanitário londrino **Ian Davis**, trabalha na área de gestão de desastres naturais desde 1972. Colaborou com organizações humanitárias à escala internacional como a UNHCR, tanto em investigações como trabalho de campo, que culminaram em obras como "Shelter after disaster". Assim, considera-se um arquiteto determinante no desenvolvimento e divulgação da Arquitetura de Emergência. Atualmente é professor de *Gestão de Desastres* na Universidade de Coventry.

O arquiteto Cameron Sinclair¹³ e a Jornalista Kate Stohr¹⁴ referem a influência que o mesmo teve na fundação por eles criada: *Arquitetura pela Humanidade* (AHF). Esta fundação, para além de defender o papel do arquiteto na procura de soluções para situações pós-catástrofes, defende igualmente a importância do design na solução de problemas sociais. Deste modo, promove vários concursos públicos com o intuito de atrair arquitetos para este tipo de projetos. Cameron Sinclair refere como a sua carreira como arquiteto de emergência nos anos 90 foi inovadora;

“You have to imagine years ago, when I said architects should get involved in humanitarian issues, people laughed at me. It was a very different climate. And now we’ve got lots of design entities. Of course there was a strong social engagement movement in the 1960s and 1970s, but we were like the next waves, kind of the first pioneers of this new wave of humanitarian design”¹⁵.

Assim sendo, existem atualmente, várias ONG’s de arquitetura, assim como um crescente número de arquitetos humanitários. Este é um facto crucial na atualidade, uma vez que o mundo se encontra perante a maior crise de refugiados da história. Segundo os dados da UNHCR/ACNUR, em 2016, 65,6 milhões de pessoas foram forçadas a abandonar as suas habitações, das quais 22,5 milhões apresentavam o estatuto de refugiado e 10 milhões eram apátridas¹⁶.

Sendo os campos de refugiados a resposta normalizada para responder às necessidades básicas de todas estas comunidades desalojadas penso ser urgente a mudança de paradigma sobre os mesmos, considerando o seu funcionamento catastrófico. Construídos como acampamentos temporários, lugares de passagem, a gravidade dos seus problemas advém maioritariamente do facto de muitos deles se terem tornado alojamentos permanentes. Nesse sentido, a UNHCR/ACNUR afirma que, *“The ongoing care and maintenance programme, which was based on the assumption that the refugee situation is temporary, focuses on providing refugees with basic humanitarian assistance, including free food, non-food items and basic services”¹⁷*. Estes lugares albergam famílias que nunca conheceram outra realidade para além da vida

41

¹³O arquiteto humanitário americano **Cameron Sinclair** é determinante para a divulgação de Arquitetura de Emergência. Para além da sua obra literária, é professor convidado em várias universidades. O seu trabalho na área iniciou-se com a fundação da organização Architecture for Humanity, sendo o primeiro projeto dirigido à reconstrução de Kosovo em 1999. Desde essa intervenção participa na reconstrução de diversas localidades afetadas por catástrofes naturais ou guerras, como por exemplo o Haiti.

¹⁴A jornalista americana, **Kate Stohr** é a co-fundadora da organização Architecture for Humanity. Em parceria com Cameron Sinclair criou diversas organizações que contribuem para a recuperação das comunidades afetadas por catástrofes naturais ou guerras. Entre estas encontram-se; *Football for Hope*, e *2010 Haiti Earthquake Reconstruction*.

¹⁵ Howarth, Dan – Cameron Sinclair Interview. Dezeen [Em linha]. USA [Consult. 10 Out. 2016]

Disponível em WWW: <URL: <https://www.dezeen.com/2015/08/27/cameron-sinclair-interview-architecture-for-humanity-small-works-disaster-relief/>

¹⁶ UNHCR – Figures at a glance. UNHCR – The UN refugee agency. [Em linha]. EU [Consult. 26 Jun. 2017]

Disponível em WWW: <URL: <http://www.unhcr.org/figures-at-a-glance.html>

¹⁷ UNHCR – Kalobeyei Settlement. UNHCR – The UN refugee agency. [Em linha]. EU [Consult. 10 Mai. 2017]

Disponível em WWW: <URL: <http://www.unhcr.org/ke/kalobeyei-settlement>

no campo de refugiados, onde as condições básicas são escassas, o acesso à educação quase inexistente e a liberdade uma mera miragem.

Uma vez que existem diversos constrangimentos políticos que impedem a maioria dos habitantes de um campo de sair do mesmo e trabalhar no país onde se encontram, o cenário no interior de um campo de refugiados pode ser extremamente dramático. Além disso, poderá ainda existir uma sobreposição entre ações de assistência e ações policiais, o que se traduz num abuso de poder por parte dos agentes *humanitários* que trabalham diretamente com os refugiados. Segundo a experiência do antropólogo Michel Agier¹⁸,

“The proximity between the functions of investigation, control and care, between acts of assistance and police actions, is accompanied today, in the first decade of the twenty-first century, by even more frequent and commonplace ‘slippages’ in the exercise of power over the lives of immigrants and refugees – either recognized and documented, tolerated or declared ‘illegal’¹⁹.”

O crescente número de campos para refugiados deve-se também à crescente rejeição de pedidos de asilo por parte dos países da União Europeia, sendo que em 2007, a taxa de rejeição era superior a 90%, contrariando assim, o definido na convenção de Genebra. Michel Agier afirma que, “(...) it is legitimate to believe that the Geneva Convention of 1951 that defined the status of refugee has today been challenged by the facts on the ground, opening way to future political and institutional challenges, the rumours of which are growing in parallel with technical improvements in the management of population movements”²⁰. A definição exata de refugiado, redigida pela UNHCR/ACNUR é a seguinte:

“Um refugiado é uma pessoa que **receando com razão ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas**, se encontre fora do país de que tem a nacionalidade e não possa ou, em virtude daquele receio, não queira pedir a protecção daquele país; ou que, se não tiver nacionalidade e estiver fora do país no qual tinha a sua residência habitual, após aqueles acontecimentos não possa ou, em virtude do dito receio, a ele não queira voltar.”

¹⁸O antropólogo **Michel Agier**, é diretor de investigação no Instituto de Investigação pelo Desenvolvimento, e diretor de estudos escola francesa, *l'École des Hautes Études en Sciences Sociales*.

O antropólogo visitou diversos campos de refugiados, enquanto membro integrante dos Médicos sem Fronteiras de França. Após a sua análise, critica o “governo humanitário”, opondo-se assim à existência desses mesmos campos.

Entre as várias obras e artigos que desenvolveu, encontram-se “Un monde de Camps” e “Managing the undesirables – Refugee Camps and Humanitarian Government”, utilizados na presente dissertação de modo a compreender o Campo de Refugiados, e toda a política por detrás do seu funcionamento desumano.

¹⁹Agier, Michel – **Managing the undesirables – Refugee Camps and Humanitarian Government**. Cambridge: Polity Press, 2011. p.12

²⁰Agier, Michel – **Managing the undesirables – Refugee Camps and Humanitarian Government**. Cambridge: Polity Press, 2011. p.24

Na verdade, a crise económica experienciada pelos países ocidentais na primeira década do séc.XXI, alterou o entendimento desta mesma definição. De uma maneira algo xenófoba a população do *mundo desenvolvido* prefere a construção de campos de refugiados, que não interferem com o seu quotidiano, a lidar com o processo de integração de refugiados na sua comunidade. Segundo Michel Agier,

“There is thus a contemporary way in which economic crisis and ideological retreat in the face of a global culture make exile into a criminal experience, no longer valued as it has been at other points in history (migration of EU to South America). At the dawn of the twenty-first century, xenophobic and identitarian attitudes are developing more or less everywhere, and form a public pressure that tends to restrict the right of asylum and promote the building of walls and camps”²¹.

Tendo observado a decadência dos direitos humanos dentro de vários campos de refugiados, este antropólogo defende igualmente, a importância da UNHCR/ACNUR ao lembrar as restantes opções de ajuda a refugiados, como a repartição, integração no território de asilo ou a reinstalação num terceiro país. Marie J. Aquilino escreve sobre como a arquitetura poderia melhorar todo este processo de realojamento:

“Playing the roles of designer, historian, negotiator, and advocate, architects develop site alternatives that help secure land tenure, reblock overcrowded slums, afford better access to water, sanitation, air and light, introduce public spaces, and improve the relationship with the ecology. They can then represent community consenses on viable projects to intransigent or indifferent governments, and this, in turn, promotes local Independence”²².

43

Considera-se que o papel da arquitetura, no realojamento de populações cujas habitações e equipamentos foram destruídos, é óbvio e claramente pertinente. Nas palavras de Sandra Urzo, arquiteta que trabalha com a federação internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho (IFCR): “The architect has no exclusive right on habitat and construction projects, but his capacity to rethink physical and social space on different scales allows him to propose innovative solutions in time, much more interesting and resourcefull than projects just based on the technical efficiency”²³.

Se por um lado ainda existe uma falta de interesse por parte dos arquitetos em participar nestes projetos humanitários, por outro, existe um prestígio crescente pelos arquitetos que o fazem, tal como se pode observar na atribuição do prémio Pritzker aos arquitetos Shigeru Bahn (fig.2|3) e Alejandro Aravena, nos anos 2014 e 2016 respetivamente, pelo seu trabalho em arquitetura *humanitária*.

²¹ Agier, Michel – **Managing the undesirables – Refugee Camps and Humanitarian Government**. Cambridge: Polity Press, 2011. p.34

²² Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - **Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity**. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.9

²³ D'Urzo, Sandra Jeanette – **Emergency and Architecture**. Essay p.4



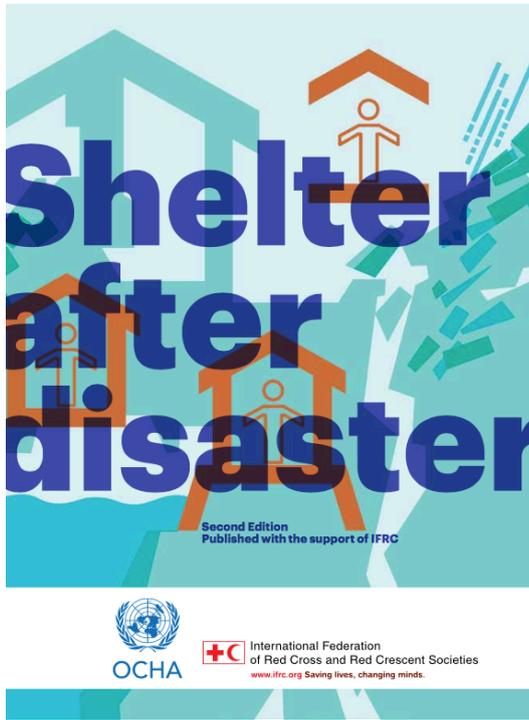
Fig. 2 - Casas Paper Log, India. Projetado por Shigeru Ban. Projeto de 1995

01.2 - O processo de arquitetura de emergência

Em 1975 as Nações Unidas elaboraram um estudo com o objetivo de melhorar as respostas ao alojamento de emergência. Nesse sentido, o arquiteto Ian Davis foi contratado para participar na criação de um protótipo de um abrigo de emergência a fornecer pelas Nações Unidas, que pudesse ser facilmente transportado e montado. No entanto, a noção de que arquitetura de emergência seria sinónimo de um abrigo de emergência foi rapidamente substituída pela percepção da amplitude dos parâmetros da mesma. Deste modo, o projeto de Ian Davis com a UNDRO torna-se num trabalho de pesquisa sobre as problemáticas ocorridas nas respostas a situações de emergência. O resultado é a obra: *Shelter after disaster*, um documento exímio, sobre respostas a variadas catástrofes Naturais e Humanas, cujas observações, críticas e conclusões servem agentes humanitários de qualquer área, na assistência pós-catástrofe.



Fig. 3 - Shigeru Ban a construir habitações de emergência com a população local, após terramoto no Haiti. Projeto de 2010



46

Fig. 4 - Capa da obra "Shelter after disaster"

Para além do engenheiro e urbanista Fred Cuny, fazem parte da equipa de Ian Davis, o arquiteto Fred Krimgold com um doutoramento efetuado na Suécia em *prevenção de desastres*, o arquiteto Paul Thompson com experiência em reconstrução na América Latina e o economista Aloysius Fernandez. Esta equipa era apoiada pelo arquiteto e coordenador sénior da UNDRP, Ludovic Van Essche²⁴, focando-se o estudo por ela desenvolvido, na ação de alívio e reconstrução de cenários pós-catástrofe em comunidades de poucos recursos. A relevância de tal especificação está no facto de que esta problemática não se coloca num país ocidental em que tanto os recursos como as entidades governamentais têm em vista a prosperidade da respetiva população.

²⁴Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.5

A obra *Shelter after disaster* foi revista em 2015 (fig.4), por três dos autores originais, Ian Davis, Paul Thompson e Fred Krimgold contando assim com uma análise da evolução do processo de arquitetura de emergência nos últimos trinta anos. No entanto, os autores mantêm a ideia de que o problema é demasiado complexo para uma solução estandardizada:

“Our position as consultants and academics is pluralistic, since we do not believe that anyone has a corner on the *truth*. Multiple agencies and diferent people all come at the subject of shelter from diferent perspectives and experiences. The complex issues of emergency shelter, permanent house reconstruction and how to get from the former to the latter are the subject of so many variables that it would be a mistake to say that any one set of principles are flawlessly universal”²⁵.

O trabalho acima descrito demonstra que a arquitetura de emergência é todo o processo de reabilitação de uma comunidade desalojada, desde a distribuição de tendas à construção de habitações e equipamentos permanentes, considerando a vítima é como um sobrevivente, e que a ajuda humanitária deve trabalhar com o intuito de fortalecer a população necessitada. Nesse sentido os autores argumentam que: “There is a need for any group involved with shelter or housing to recognize the importance of the house as a symbol of wealth, progress, or urban sophistication, and not to merely regard it as protection from the elements (or extreme hazards)”²⁶.

A professora de História de Arte, Marie J. Aquilino trabalha com uma abordagem semelhante nos seus projetos humanitários, argumentando ainda que a arquitetura pode elevar a qualidade dos projetos, promovendo a saúde pública, física e mental: “In a state of emergency it is difficult for desperate individuals to imagine a better future. Architectural expertise can promote public health, encourage investing in new skills and environmental awareness, and advocate for mitigating risk, which together help ensure a sustainable and safe way of life”²⁷.

47

²⁵Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.12

²⁶Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p. 165

²⁷ Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - *Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity*. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.9

01.2.1 – Fases do processo

A partir da obra *Shelter After Disaster* serão descritas todas as fases do processo de arquitetura de emergência, uma vez que se pretende sumarizar a complexidade do mesmo. Esta descrição poderá ser efetuada tendo em consideração que cada situação pós-catástrofe é única, variando com as diversas necessidades dos locais a intervir, uma vez que, “It is realized that these phases are some what arbitrary, but in the case of disasters of sudden onset they are adequate for descriptive purposes”.²⁸

São assim identificadas quatro fases no processo de arquitetura de emergência, sendo a primeira fase considerada uma pré-fase, a qual consiste na prevenção de danos que podem advir de um desastre de qualquer natureza. Ao elaborar planos de reação, como, por exemplo, um desenho urbano de largas vias estruturadas e um sistema construtivo adequado ao local, é possível atenuar as consequências de uma catástrofe.

Ao abordar este tema a arquiteta Arlene Lusterino, do atelier TAO-Filipinas, declara a sua frustração ao afirmar que várias catástrofes (ocorridas nas Filipinas) poderiam ser evitadas (fig.5); “Many of these disasters can be avoided. But ignorance, lack of preparedness, and complacency lead all too often to catástrofe. We now witness disasters throughout the country where before there were disaster-prone areas”²⁹.

48

²⁸ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p. 24

²⁹ Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - *Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity*. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.149

²⁹ D'Urzo, Sandra Jeanette – *Emergency and Architecture*. Essay p.4

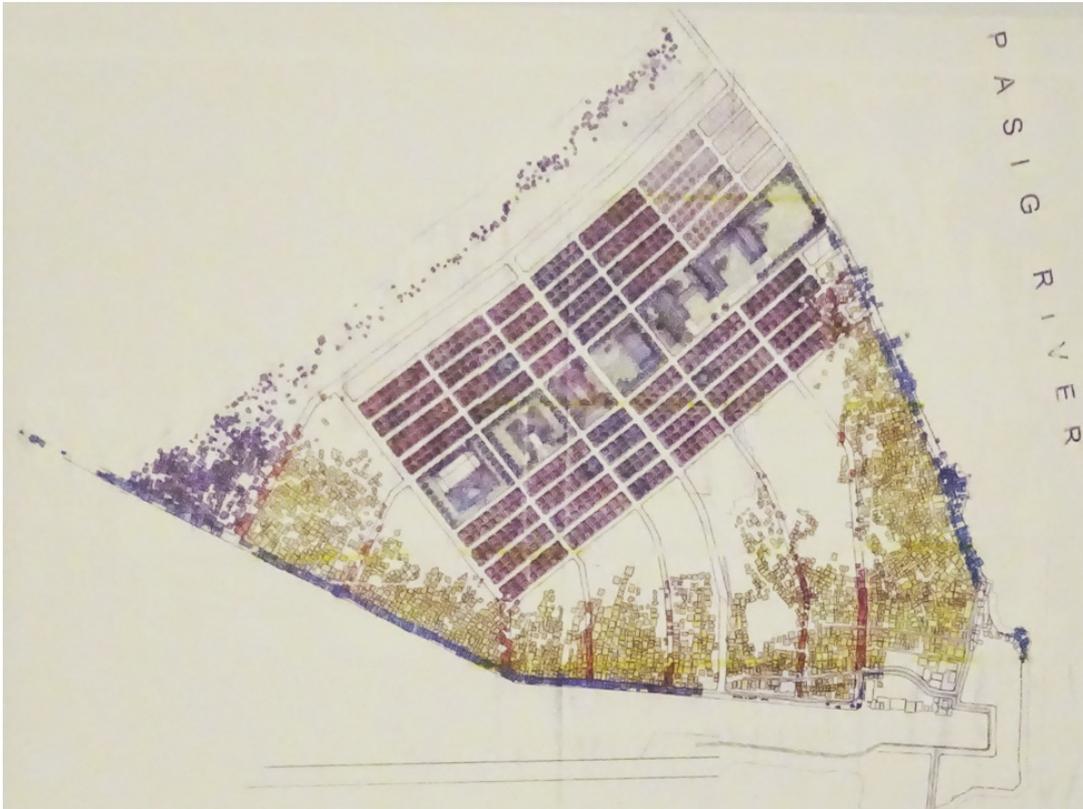


Fig. 5 - Plano Urbano para a reabilitação de Baseco, projeto de TAO-Pilipinas.

São vários os desastres que deixam centenas de desalojados por todo o mundo. Nos primeiros momentos após o desastre, existe a ajuda imediata, considerada a primeira fase do processo de arquitetura de emergência. Segundo as tabelas organizadas pelo grupo de investigação de Ian Davis, as atividades nas quais os grupos de assistência se devem focar nesta fase são as operações de resgate, seguidas pela limpeza e eventual reciclagem dos escombros. Posteriormente, o foco deverá ser a recuperação das telecomunicações, em paralelo com a coordenação da ajuda externa, a distribuição de abrigos de emergência e a recuperação de infraestruturas danificadas, como o abastecimento de água e a drenagem de esgotos. Por último, deve ser feita uma avaliação das necessidades dos sobreviventes. Uma vez que as vítimas de um desastre se encontram, maioritariamente, desalojadas e conseqüentemente em perigo de vida, a primeira fase é, normalmente, fundamental para a sua sobrevivência, sendo que, é necessário que a mesma seja atendida num período máximo de cinco dias.³⁰ Nesse sentido, os abrigos fornecidos são tendas de lona, cuja distribuição e montagem é simultaneamente fácil e rápida.

No caso de um campo de refugiados, é espéctavel que as famílias construam o seu próprio abrigo, a partir de materiais fornecidos pela UNHCR/ACNUR e ONGs responsáveis. No entanto, estes abrigos traduzem-se maioritariamente em tendas de lona (fig.5). Segundo a UNHCR/ACNUR existem várias regras sobre os direitos dos refugiados aos respetivos abrigos, que deveriam impedir a permanente utilização da tenda;

50

“Tents and public buildings can also be used as short-term accommodation. UNHCR has established minimum standards that are often applied in various displaced settings. All shelters must provide protection from changing weather conditions and provide a space to live, to store belongings, maintain privacy and promote a sense of security. Camp residents should be provided with sufficient materials to construct shelters with a minimum of 3,5 m² of floor space in warmer climates and 4,5 m² in colder climates”³¹.

³⁰ Davis, Ian (Ed. Lit.) - **Shelter after disaster**. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.61

³¹ Birkeland, Nina M., Vermeulen, Ellen and Vágli, Tor, NRC – **Camp Management Toolkit**. Oslo, Noruega: Norwegian Refugee Council/Camp Management Project, 2004. p.31



Fig. 6 - Campo de refugiados DaDaab, Quênia. Fotografia de 2009.

A segunda fase do processo, a qual consiste na reabilitação do local afetado. Segundo a equipa de Ian Davis, esta fase deverá ter uma duração não superior a três meses, sendo que os agentes intervenientes devem focar-se em distribuir não só materiais de construção, mas também, os seus conhecimentos sobre princípios construtivos mais seguros, para que as novas habitações possam ser mais resistentes do que as precedentes.³² A arquiteta Victoria L. Harris³³, do atelier Artigo

³² Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.62

³³ Doutorada em física nuclear, Victoria L. Harris, fundou a organização *Article 25* com o objetivo de desenvolver técnicas de reconstrução em cenários

25, reafirma essa mesma ideia;

“In the NGO sector the skilled architect can coordinate the roles of Project participants, which allows members of the community – the clientes or the beneficiaries – to get involved in line with their abilities. The process of construction can include training, skill sharing, and creating economic benefits for local suppliers and markets. This last is crucial: relief and reconstruction offer an opportunity to stimulate and support local business”³⁴.

Este processo é de extrema importância para comunidades menos desenvolvidas a nível industrial, que sejam propícias a sofrer catástrofes naturais, na medida em que, as consequências de um desastre futuro poderão ser consideravelmente inferiores.

No mesmo sentido a aquisição de terrenos seguros é fundamental para o sucesso desta operação. A agilização deste tipo de processos burocráticos deve ser um dos principais objetivos dos grupos de assistência. A arquiteta humanitária Arlene Lusterino refere a importância de ajudar a população, tanto a defender os seus terrenos como a redigir um planeamento urbano que tenha em vista os seus interesses, para que seja possível contrapor algo imposto por um governo corrupto (fig.7|8):

“We discuss how best to defend an area threatened by a master plan that will displace thousands of families. We work with the community to determine how it should be laid out, where facilities should be, what services are needed, and how to attach a value and a cost to their property commensurate with their means. We inform residents about minimum planning and design standards and requirements for compliance with laws”³⁵.

52

pós-catástrofe. Tendo sido reconhecida pelo seu projeto de habitações anti-sismicas no Paquistão. Victoria L. Harris ensina no departamento de Arquitetura na University Queens, Belfast, e supervisiona teses de doutoramento sobre alívio pós-catastrofe.

³⁴Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - **Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity**. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.15

³⁵Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - **Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity**. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.15



Fig. 7 - Plano Urbano para a reabilitação de Samapi, projeto de TAO-Pilipinas e população local, em 2001.

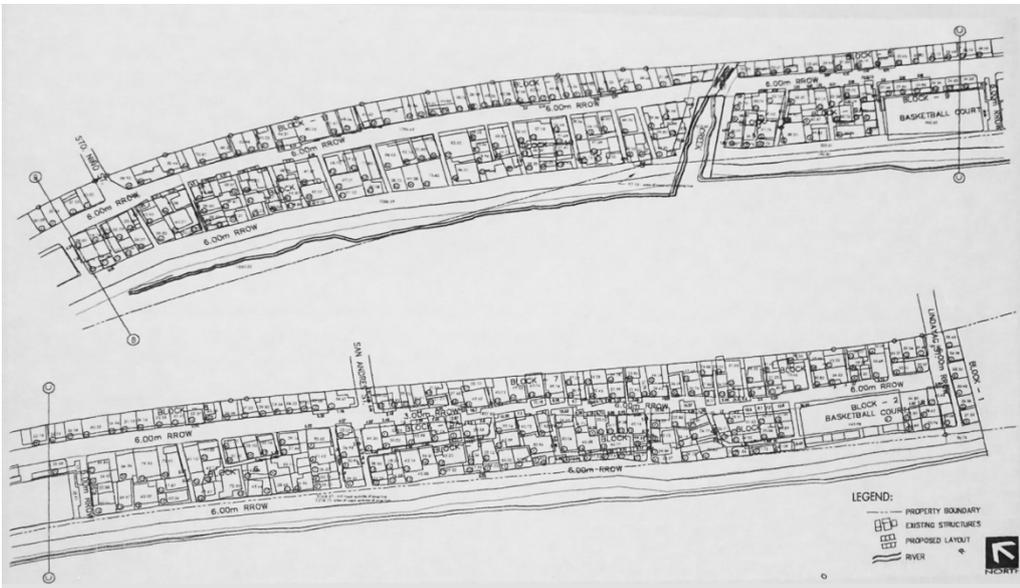


Fig. 8 - Plano Urbano para a reabilitação de Pineda, Pasig City, Manila, Projeto de TAO-Pilipinas e população local, em 2001.

Seguidamente, as infraestruturas danificadas devem ser restabelecidas, assim como reconstruídas as habitações que tenham sido parcial e totalmente destruídas. Simultaneamente, é necessário limpar os escombros. De forma a otimizar esta operação, é aconselhável a reciclagem dos materiais encontrados, na medida em que poderão ser utilizados na reconstrução. Para que tal possa ser concluído da forma mais sustentável possível, é necessário elaborar um relatório exímio sobre as condições das habitações existentes. À semelhança do que acontece na primeira fase, a coordenação da ajuda externa é fundamental. A arquiteta Sandra D'Urzo³⁶ afirma que, "The ARCHITECT should position himself like the professional who conceives and imagines spaces but also like the consultant on the global planning on all decision making and on different scales of intervention"³⁷.

O grupo de Ian Davis defende que, é igualmente necessário dar prioridade à recuperação da economia local e consequentemente à distribuição de fundos monetários pelos sobreviventes, para que consigam independência de ajudas humanitárias.³⁸

54 Sendo que num campo de refugiados esta fase tende a apresentar uma duração bastante superior aos meses espectáveis, existem ainda várias leis que restringem tanto as atividades dos seus habitantes como a ajuda das organizações humanitárias. Assim sendo, é tão ou mais importante desenvolver planos de desenvolvimento económico que sirvam estes casos. A diretora executiva do *International Trade Center*, Arancha González explica como a sua equipa pretende trabalhar com os refugiados de Dadaab no Quênia, ensinando um ofício que pode tornar o refugiado num membro necessário à sociedade, dentro e fora do campo (fig.9);

"In Dadaab, for example, we are implementing with the NRC, a pilot project to harness the IT skills of refugees, upgrade their skillsets and generate incomes. For this we are working with local Kenyan firms that are already exporting IT services such as data entry work and document format- ting. In a nutshell this is skills development geared towards addressing actual needs from real clientes"³⁹.

³⁶A arquiteta humanitária **Sandra D'Urzo** pretende melhorar as condições de vida de indivíduos, cujos recursos são limitados. Assim, dedica-se à arquitetura social e de emergência, sendo parte integrante do IFRC International.

Sandra D'Urzo, trabalhou também com a firma Holandesa, Mecanno, no desenvolvimento de arquitetura sustentável, bem como no planeamento de edifícios ecológicos.

³⁷ D'Urzo, Sandra Jeanette – **Emergency and Architecture**. Essay p.11

³⁸ Davis, Ian (Ed. Lit.) - **Shelter after disaster**. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.62

³⁹ Arancha González - **International Trade Forum. Refugees and economic opportunities**. 2016. p.3



Fig. 9 - Refugiados do campo Dadaab no Quênia.

A terceira e última fase do processo de arquitetura de emergência corresponde à fase de reconstrução e consiste na continuação da fase anterior. No final desta fase é espectável que todas as infraestruturas danificadas se encontrem reabilitadas, e que todas as habitações danificadas e destruídas estejam reconstruídas. Assim sendo, não existe um período de tempo limite para a conclusão da mesma. Adicionalmente, devem integrar desta fase, planos de contingência para futuros desastres. Tal implica a elaboração e otimização de códigos de segurança construtivos, assim como o armazenamento de materiais de construção que sejam considerados essenciais no caso de uma futura catástrofe.⁴⁰

55

De acordo com Marie J. Aquilino, a prosperidade da comunidade sobrevivente deve ser sempre o objetivo da ajuda humanitária, “Disaster relief and long-term development must be inextricably linked, and development opportunities assessed and insisted upon in every aspect of the reconstruction process”⁴¹.

⁴⁰Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.63

⁴¹Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - *Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity*. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.17

01.2.2 – Princípios base

A obra, “Shelter after disaster” define princípios base a ter em conta em qualquer situação pós-catástrofe, sendo que em primeiro lugar, é defendida a necessidade dar espaço á vitima para que use os seus próprios recursos, de modo a que não ocorram, nem um desperdício de fundos, nem a relocação de indivíduos que poderiam estar com as suas famílias, em campos de refugiados. Assim sendo, Ian Davis descreve o primeiro principio como, “The primary resource in the provision of post-disaster shelter is the grass-roots motivation of survivors, they friends and families”⁴². A família e os amigos podem oferecer um abrigo temporário, e os grupos de ajuda devem estar atentos a tal, facilitando-o. De igual forma, Sandra Urzo enfatiza a importância de reconhecer as capacidades e recursos da vitima, desafiando as organizações humanitárias a interagir com a mesma, e a vê-la como um sobrevivente,

“Emergency and relief action never take place in a “social desert”: often survival strategies have already been set up by the touched population, as *self-organisations* or *resilience* remain among the most powerful human resources. The risk that humanitarian aid undergoes is to see the “victims” just as receivers of care programs, ignoring their proper history and social being, thus not taking any form of real engagement *at their side*”⁴³.

56

No entanto, a distribuição eficiente das tarefas de ajuda, deve ser feita pelas autoridades locais uma vez que são estas que têm maior conhecimento das necessidades da comunidade. Segundo a investigação da equipa da UNDRO, “The success of a relief and rehabilitation operation depends on the correct and logical distribution of roles”⁴⁴. Numa situação em que as autoridades locais não conseguirem desempenhar esse papel a prioridade das organizações humanitárias deve ser apoiá-las para que rapidamente sejam autoridades capazes. De acordo a equipa de Ian Davis o processo de arquitetura de emergência deveria fortalecer os órgãos da comunidade local, promovendo o seu sucesso futuro, quando as ajudas exteriores abandonarem o local.

O antropólogo Michel Agier reafirma a importância desse fortalecimento dentro de um campo de refugiados: “The point is not to ‘compare’ the camp with the town as two distinct realities (...) In fact, we see repeatedly how, over time, camps create opportunities for encounter, exchange and the reworking of identity for all those who live in them. From this point of view we may ask whether and how the humanitarian mechanism of the camps produces the town”⁴⁵.

⁴² Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p. 38

⁴³ D’Urzo, Sandra Jeanette – *Emergency and Architecture*. Essay p.18

⁴⁴ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p. 36

⁴⁵ Agier, Michel – *Managing the undesirables – Refugee Camps and Humanitarian Government*. Cambridge: Polity Press, 2011. pág.24

O grupo liderado por Ian Davis frisa que, “The compulsory evacuation of disaster survivors can retard the recovery process and cause resentment”⁴⁶. Assim sendo, defendem a evacuação dos sobreviventes não deve ser obrigatória, na medida em que pode causar ressentimento por parte do sobrevivente para com o agente humanitário, que resulta num atraso significativo na recuperação da comunidade. Assim sendo, deve ser dada preferência a uma evacuação voluntária, tendo em conta a vontade pessoal do sobrevivente.

No entanto a norma dita um comportamento bastante destinto, em que, no caso de obter o estatuto de refugiado, o sobrevivente pode perder todo o seu direito de contradizer e expor as suas opiniões. Michel Agier afirma que,

“Refugees are adopted by national or international NGOs and UN agencies in the name of human rights, and these take responsibility for them as pure victims, as if they owed their survival simply to the fact of no longer being present in the world, i.e. being de-socialized and in a state of purely biological life – a life that the representatives of the international community decide to extend rather than let it extinguish”⁴⁷.

Em determinadas situações, o ideal será transferir na sua totalidade a aldeia ou cidade localizada numa zona de perigo, para uma região segura. No entanto a equipa de Ian Davis referencia que, “Despite frequent intentions to move entire villages, towns and cities at risk to safe locations, such plans are rarely feasible”⁴⁸. Naturalmente, a dificuldade desta operação premedita o seu fracasso. Deste modo, é defendido que se projetem tais transferências dentro da própria cidade ou aldeia afetada. Por exemplo, reconstruindo em zonas mais seguras, fora do leito de cheia ou falhas sísmicas.

57

Uma outra problemática que o arquiteto Ian Davis considera um princípio básico, é a avaliação da necessidade de um abrigo de emergência, “Assisting groups tend to attribute too high a priority to the need for imported shelter as a result of mistaken assumptions regarding the nature, and in some cases, relevance of emergency shelter”⁴⁹. A arquiteta Sandra Urzo apresenta uma opinião semelhante, “It is often forgotten that “Emergency shelter” are often considered essential by promoters to give rapid responses to crisis, but are not always considered to be priorities to the victims themselves: as a fact, families are somehow prepared to endure hard living conditions in order to successively have more satisfying long-lasting solutions”⁵⁰. Habitualmente é dada demasiada importância ao papel do abrigo de emergência importado, sendo a sua relevância hiperbolizada. Esta situação parece estar associada a uma contínua falta de interesse sobre a população

⁴⁶ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p. 36

⁴⁷ Agier, Michel – *Managing the undesirables – Refugee Camps and Humanitarian Government*. Cambridge: Polity Press, 2011. pág.155

⁴⁸ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p. 36

⁴⁹ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p. 36

⁵⁰ D'Urzo, Sandra Jeanette – *Emergency and Architecture*. Essay p.8

sobrevivente que advém de uma percepção errónea, da parte do agente humanitário, de que as necessidades e vontades do sobrevivente vão ser semelhantes às suas, independentemente das diferentes culturas. O arquiteto Andrea Fitrianto do atelier Uplink, reafirma essa realidade emergente ao relatar a sua experiência em Jakarta;

“Many of the larger international organizations, (...) provided prefabricated shelter units made outside the country. These were not expensive but prevented aid from being rooted in local investment. (...) These prefabs were of two types: one made from imported light steel frames and wood panels, cost 4,500 each. (...) And neither model included instructions for post-emergency use or disposal. As a result abandoned temporary shelters all over Banda Aceh became common, sad reminders of how easy it is to waste money and resources”⁵¹.

Na obra “Shelter After Disaster” é defendida a existência de várias estratégias possíveis dentro do processo de arquitetura de emergência, sendo que “Between emergency shelter provision and permanent reconstruction lies a range of intermediate options”⁵². No entanto, independentemente do ponto de vista sobre os passos a seguir, a equipa da UNDRP reconhece que o planeamento e execução que acelera a reconstrução final, reduz o impacto dos custos da catástrofe tanto a nível económico como social. Sendo um facto óbvio, em muitas situações pós-catástrofe em países pouco desenvolvidos, os próprios agentes humanitários atrasam todo esse processo pois não trabalham em equipa. Para além disso, a ajuda humanitária é constantemente incapacitada por burocracias governamentais que atrasam ou simplesmente não autorizam certos planos de ajuda, prejudicando significativamente o processo de reconstrução.

58

Segundo Andrea Fitrianto a ajuda emediata após o tsunami em Jakarta sofreu desses mesmos constangimentos; “Delays in planning, especially at governmental level, inhibited the sort of spontaneous initiatives that can emerge from real need. Planners following a conventional approach failed to consider that tsunami survivors wanted to reconstitute their lives as they had been before”⁵³.

O local da reconstrução é algo que o arquiteto Ian Davis considera um dos pontos principais a ter em consideração, uma vez que toda a reconstrução está dependente do espaço disponibilizado para a mesma. Assim sendo, “Success in reconstruction is closely linked to the question of land tenure, government land policy, and all aspects of land-use and infrastructure planning”⁵⁴. Por essa razão, é necessário que questões sobre a posse de terrenos e uso dos mesmos sejam

⁵¹Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - **Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity**. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.31

⁵²Davis, Ian (Ed. Lit.) - **Shelter after disaster**. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p. 36

⁵³Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - **Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity**. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. P.30

⁵⁴Davis, Ian (Ed. Lit.) - **Shelter after disaster**. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.36

agilizadas pelos agentes governamentais (fig.10).

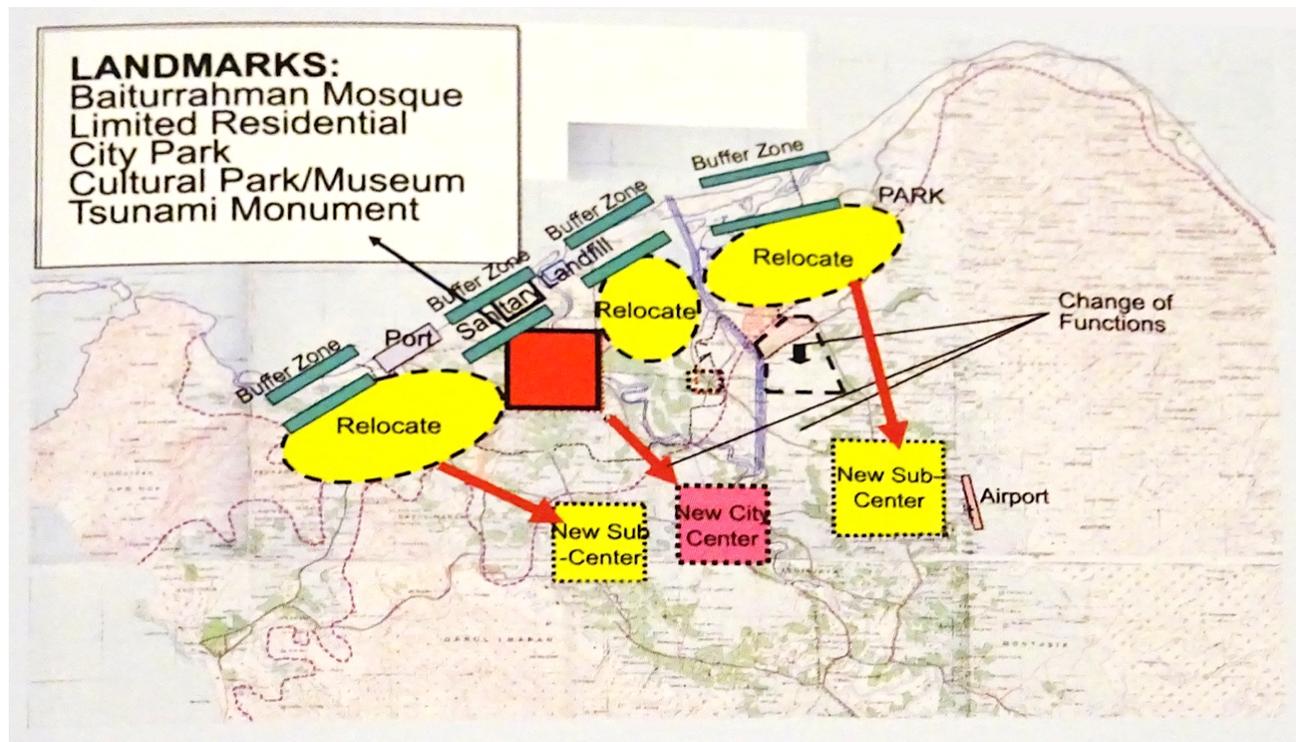


Fig. 10 - Plano de relocação do governo da Indónesia após terramoto em jakarta do ano 2005.

No caso da construção de um campo de refugiados essa situação é hiperbolizada. Segundo Jonathan Baker, “One problem facing NGOs and humanitarian agencies in their attempts to alleviate the suffering of internal refugees is that they have to be especially careful when dealing with the sensitivities of governments, who often reject what they perceive as interference in their internal affairs by outsiders”⁵⁵.

A equipa da UNDRP aborda também a necessidade da pré-fase, cujo objetivo é o desenvolvimento de um plano de

⁵⁵ Baker, Jonathan - *Refugee and Labour movements in Sub-Saharan Africa – A review*. Suécia, Reprocentralen HSC, 1994. p.9

contingência “Post-disaster needs, including shelter requirements, can be anticipated with some accuracy”⁵⁶. Sendo impossível prever uma catástrofe e as suas consequências, é possível preparar uma comunidade para tal acontecimento prevendo abrigos alternativos, e planos de fuga, com adequada antecedência.⁵⁷ Por outro lado, uma catástrofe pode ser encarada de forma positiva, como uma oportunidade de repensar um plano urbano que possa estar desatualizado, e consequentemente, um risco para toda a comunidade local. Segundo Teddy Cruz do Estudio Teddy Cruz; “Conflict can be na operational device to transform architectural practice, while design can be expanded beyond building, engaging political processes and socioeconomic relations as well”⁵⁸.

Em paralelo, a equipa de investigação de Ian Davis defende ser necessário ter presente que a importância do sistema financeiro que possibilita o programa de ajuda humanitária. Efetivamente o financiamento de toda a operação de emergência é vital para a realização da mesma. No entanto, a forma como o mesmo é distribuído pelos sobreviventes altera seriamente as consequências sociais e económicas do desastre. De acordo com Mukhisa Kituyi, secretário Geral da conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento económico; “trade and investment are two sides of the same coin. ‘For countries to break out of the traditional basket of export products, there must be synergies between policies on investment and trade promotion”⁵⁹.

60

Pelo contrário, quando a comunidade participa no seu próprio financiamento, recebendo sempre a ajuda necessária, é muito mais benéfico para a sua recuperação, tanto a nível psicológico e social como a nível económico. Desta maneira é frisada a ideia de sobrevivente capaz opondo-se ao sentimento de vítima impotente. Sandra Urzo afirma que, “This too-down model, based on UN and large humanitarian agency’s strategies, prevails on a more appropriate response that takes in account the local population itself and its needs. The biggest misery of many policies is that the person for whom the policy is being formed is never part of the policy formulation itself”⁶⁰.

Sendo a população interveniente a melhor a determinar as suas próprias necessidades, é de extrema importância no processo de emergência e consequente recuperação, que os agentes humanitários consigam expô-las corretamente aos doadores de fundos monetários de ajuda (fig.11).⁶¹ São assim destacados dois níveis de comunicação fundamentais,

⁵⁶ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.36

⁵⁷ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.36

⁵⁸ Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - *Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity*. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.155

⁵⁹ Arancha González - *International Trade Forum. Refugees and economic opportunities*. 2016. p.36

⁶⁰ D’Urzo, Sandra Jeanette – *Emergency and Architecture*. Essay p.4

⁶¹ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.36

entre sobrevivente e agente humanitário, e em paralelo, entre agente humanitário e doador. Nesse sentido, “Since the most effective relief and reconstruction policies result from the participation of survivors in determining and planning their own needs, the successful performance of assisting groups is dependent on their accountability to the recipients of their aid”⁶².



Fig. 11 - Conversa entre os arquitetos Filipe Balestra and Sara Göransson e a população local, sobre a reabilitação das suas habitações, Bombaim no ano 2009.

Um fator cuja preocupação se mantém no séc. XXI, é a dificuldade das ONG e doadores terminarem o processo de arquitetura de emergência. De acordo a investigação da UNDRO, “Shelter and housing reconstruction remains a seriously neglected sector among the NGO and donor community, perhaps due to its complexity and the reluctance of agencies to commit the large-scale human and financial resources over long periods of time”⁶³. Na verdade, a fase final, apesar de ser a mais complicada é simultaneamente a fase mais esperada, a reconstrução das habitações permanentes.

⁶² Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.36

⁶³ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.38

A Dr. Victoria L. Harris afirma que a maior razão para tal acontecer é a relutância das agências humanitárias em estenderem a sua ajuda para lá do fornecimento do abrigo de emergência temporário;

“It does not help that most shelter groups define themselves solely in terms of humanitarian or emergency work. (...) Shelter provision in these silos of practice is basic, temporary, inadequate for security, and does nothing to help restore people’s livelihoods. This sort of practice fueled by competition among agencies, impairs the human rights of those suffering after a disaster. Further, emergency humanitarian funding stops abruptly at the transitional-shelter stage, precluding long-term solutions and effectively condemning people for years to inadequate shelter”⁶⁴.

No caso de um campo de refugiados os longos anos de espera causam pressões sociais extremas. Segundo a investigação do antropólogo Roger Zetter; “contradictions between the physical permanency of housing, shelter production processes and the presumed temporariness of refugees, penetrate to the heart of the dilemmas of refugee policy making and assistance”⁶⁵. Sendo a fase mais complexa e de maior escala, demonstra a dificuldade em manter um projeto desta envergadura durante vários anos. Segundo o estudo do grupo de Ian Davis para a UNDRO,

“Apart from the tendency of prefabricated, temporary housing to become permanent because of its high initial cost, and in spite of its frequent rejection on sociocultural grounds, temporary shelter, nevertheless, frequently accelerates the desire for permanent modern housing, well beyond reasonable expectation. It is important for assisting groups not to exacerbate social and economic tensions by such provision where there are widespread and chronic housing shortages among low-income and marginal populations”⁶⁶.

62

O aumento das expectativas sobre o resultado do processo de emergência é natural quando a comunidade sobrevivente, habitante de uma região com poucos recursos, se depara com os abrigos temporários, geralmente elaborados a partir de materiais industrializados, aos quais de outra forma, esta não teria acesso. A expectativa é de casas modernas, com luxos muito superiores aos existentes antes da catástrofe. O problema está na ilusão que essa realidade representa, e que vai aumentar as tensões sociais e económicas de uma comunidade já fragilizada.⁶⁷

Na verdade, a norma é que os abrigos temporários lentamente se transformem nas habitações permanentes que estas comunidades nunca chegarão a receber. Para que o processo de arquitetura de emergência possa ser ainda mais facilitado é necessário que os grupos de ajuda humanitária alterarem o seu pensamento, sobre a maneira mais correta

⁶⁴Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - *Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity*. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.16

⁶⁵Zetter, Roger – *Shelter Provision and Settlement Policies for Refugees – A state of the art review*. Suécia, Reprocentralen HSC, 1994. p.35

⁶⁶Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.36

⁶⁷Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.37

de agir para com as comunidades sobreviventes. Ian Davis defende na sua investigação que, “All aspects of shelter need to be rescued from the debilitating welfare tradition that still lingers within many external assisting groups, and placed within a development Framework that supports and shares rather than decides and donates”⁶⁸. Segundo Sandra Urzo,

“one of the major risks is to understand architectural support as the idea of supplying a “kit” of *standardise/modulus intervention*, as a response to the notion of “quick impact Project”. You have to act quickly and visible: you buy, import and build rapidly. (...) The risk obviously is to misunderstand the real needs, to be manipulated by governments, and used by media and donors”⁶⁹.

É necessário contrariar o gesto mais mediático de uma doação vistosa e a tomada de decisões que não consideram a opinião do sobrevivente. Numa atitude mais correta os agentes humanitários não deveriam assumir quais as necessidades das pessoas que decidiram ajudar.⁷⁰ Deste modo, as decisões seriam feitas com a comunidade de modo a apoiar o que esta realmente pretende. Novamente é clara a importância de uma abordagem ao sobrevivente, uma pessoa que apenas precisa de ajuda, como qualquer um de nós precisaria ao acordar numa manhã solarenga, igual a tantas outras, no meio dos destroços do seu lar. Compreende-se que seja do interesse universal que se pratique a noção de aldeia global, entendendo o que é verdadeiramente a inter ajuda e a igualdade de direitos. O respeito pelo intelecto de uma comunidade aparentemente subdesenvolvida é crucial para a recuperação da mesma. De acordo com Jennifer E. Duynne Barenstein do centro de investigação de habitat mundial; “A respectful and dignified approach to reconstruction would entail giving financial and material support to people rendered homeless (...) allowing them to rebuild their houses according to their needs and preferences, and encouraging communities to ask for the sort of help they need”⁷¹.

63

Nesse sentido, o grupo liderado por Ian Davis propõe uma abordagem mais flexível ao processo de reconstrução. O objetivo é abolir a resposta estandardizada, e aceitar que cada caso é um caso. No sentido em que, mesmo apresentando semelhanças, cada situação apresenta particularidades únicas. De acordo com o grupo de investigação de Ian Davis para a UNDRO,

“Since time is necessary for good reconstruction (...) and people have to live somewhere in the meantime, transitional shelter is useful to fill the gap. However, in many situations, particularly in rural areas, experience indicates that it is possible to cut out

⁶⁸ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.39

⁶⁹ D'Urzo, Sandra Jeanette – *Emergency and Architecture*. Essay p.4

⁷⁰ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.39

⁷¹ Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - *Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity*. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.193

this interim stage by extending the life of emergency sheltering and by accelerating reconstruction by pre- and post-disaster planning”⁷².

Este cenário alternativo baseia-se em regras comuns de modo a originar um plano específico para uma questão em concreto. No entanto, tal não prova que a fase de transição seja desnecessária, na maioria das vezes esta permite que a população sobrevivente usufrua de um espaço com condições suficientes, apesar de mínimas, podendo recuperar os seus hábitos e ofícios. Roger Zetter enfatiza a importância desta sensibilidade e investigação *personalizada* nos campos de refugiados,

“In search for durable solutions, shelter and settlement policies are a powerful indicator of both the humanitarian will of the international community to address a basic right of refugees – their status in host country – and also the abilities of host countries and assistance agencies to implement realistic and acceptable refugee policies”⁷³.

Simultaneamente concede aos agentes de ajuda, governamentais e humanitários, prazos mais largos de planeamento e prevenção, sendo que têm a possibilidade de melhor perceber os perigos sob os quais a comunidade local pode estar sujeita.⁷⁴ A importância de respeitar os desejos da comunidade assim como perceber como esta funcionava antes de ser atingida, rever-se-á na moral da mesma. Neste sentido, é necessária uma sensibilidade acrescida para o que a população sobrevivente dá valor. A investigação da UNDRRO refere a importância de que, “shelter and reconstructed housing are compatible with the preservation of livelihoods and environment”⁷⁵. Por exemplo, deve ser evitada a construção de habitação temporária em locais considerados sagrados, por qualquer que seja a razão. Especialmente numa região rural que dependa da agricultura, seria um desperdício de recursos construir em solo fértil. Do mesmo modo deve ser tida em consideração os locais de trabalho do sobrevivente. Para que possa continuar a ser monetariamente independente, o mesmo precisa de continuar a habitar perto dos mesmos. De acordo com a arquiteta Elizabeth Babister sobre o projeto de reconstrução que desenvolveu no Sri Lanka com a organização Oxfam,

“But finding a suitable location presented a challenge. People wanted to stay near their community, livelihoods, schools, and families, but there was little land available (...) After discussions, Oxfam agreed with the local government to build transitional shelters in a children’s playground in the middle of the village, enabling families to maintain community ties and have access and support”⁷⁶.

⁷² Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.40

⁷³ Zetter, Roger – *Shelter Provision and Settlement Policies for Refugees – A state of the art review*. Suécia, Reprocentralen HSC, 1994. p.35

⁷⁴ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.40

⁷⁵ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.38

⁷⁶ *Architecture for Humanity – Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises*. New York: Metropolis Books, 2006. p.98

Na verdade, enquanto o processo de ajuda humanitária se focar maioritariamente na distribuição de tendas ou abrigos de transição, ignorando que a necessidade deste tipo de comunidades parte de um compromisso muito superior, será impossível ajudar realmente os necessitados. Quando são mencionadas a economia e a sociedade, estas devem também ser incluídas nas necessidades básicas da reconstrução, quer seja de uma vila ou de um campo de refugiados. O fornecimento de um abrigo não é suficiente para curar a impotência das populações sobreviventes que perderam tudo. A restauração do sentido de comunidade que conseguirá voltar a ser próspera, é vital para a sua recuperação. A simples oferta de um teto não cura a perda, nem oferece oportunidade para que a comunidade sobrevivente consiga voltar a ser subsistente. É nesse sentido que um arquiteto pode fazer a diferença, agindo como um gestor de todos os especialistas cruciais a um projeto de reconstrução;

“The architect is the professional whose role is to manage all the parties in the Project. Architects are designers and builders, certainly, but they are also expert contract managers, able to see the arc of a Project. Architects are the party responsible for taking the budget and resources available to a credible, pertinent, long-term built solution, along an optimal path”⁷⁷.

Adicionalmente, a experiência do arquiteto humanitário, Michael Murphy, demonstra a importância psicológica da arquitetura no indivíduo, “Buildings are not simply expressive sculptures, they make visible our personal and collective aspirations as a society. Great architecture, can give us hope, great architecture can heal”⁷⁸.

⁷⁷ Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - **Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity**. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.9

⁷⁸ Murphy, Michael. Architecture that's built to heal. Ted talk. [Em linha]. USA [Consult. 10 Out. 2016]

Disponível em WWW: <URL:<https://www.youtube.com/watch?v=MvXZzKZ3JYQ>>

01.2.3 – Agentes intervenientes

O exército

Um dos principais agentes intervenientes numa situação de emergência de grande escala é o exército. Sendo normalmente chamado para a fase de ajuda imediata, encontra-se normalmente encarregue da montagem de campos de refugiados constituídos por tendas.

Apesar de ser uma ajuda fundamental, dos campos que seguem a rígida organização militar, resultam diversos problemas que á partida não seriam espectáveis. Segundo Ian Davis, “Because these camps are too rigid in layout, too uniform, too large, too dense, and often too far from original homes and work, they are the source of unforeseen problems; either they remain half-empty, or they breed environmental and social ills because of induced promiscuity”⁷⁹.

Segundo o observado pelo antropólogo Michel Agier, existe, em alguns campos de refugiados, abusos de poder por parte do exército; “The proximity between the functions of investigation, control and care, between acts of assistance and police actions, is accompanied today, in the first decade of the twenty-first century, by ever more frequent and commonplace ‘slippages’ in the exercise of power over the lives of immigrants and refugees – either recognized and documented, tolerated or declared ‘illegal’⁸⁰.

66

Na verdade, o problema advém da uniformidade e conformidade que o exército espera da população sobrevivente (fig.12). É necessário compreender que, “The period immediatly after a disaster is a time when people need to get together and develop a collective response. A militar hierarchy of decision-making inhibits this organic social process”⁸¹.

Novamente, a ideia de que a comunidade local precisa de uma força exterior que a reorganize, impondo regras, muitas vezes estranhas á cultura e estilo de vida em causa, é destronada. Não obstante á benevolência da força militar. Tal como acontece com os agentes humanitários, cujas intenções não são postas em causa, é necessário o entendimento de uma ajuda que visa apoiar e não oprimir a vontade da população local.

⁷⁹Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.55

⁸⁰Agier, Michel – *Managing the undesirables – Refugee Camps and Humanitarian Government*. Cambridge: Polity Press, 2011. p.12

⁸¹Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.56



Fig. 12 - Campo de refugiados de Suruc

Tendo em consideração a importância do processo que a vítima leva para se tornar num sobrevivente, reconstruindo uma comunidade que, apesar de ter necessitado ajuda externa, consegue voltar a ser independente. Contudo, é inegável a importância dos recursos e força militar num campo de refugiados. Ao contrário de qualquer outro agente humanitário, o exército é capaz de agir mais rapidamente, tendo acesso a armazéns de provisões de emergência, podendo abrir estradas e estabelecer elos de telecomunicações. Para além de poder fornecer água e transporte. Ao mesmo tempo é lhe possível

demolir estruturas em perigo ao mesmo tempo que fornece equipamento de construção.⁸² Um exemplo exímio da complexidade da realidade da ajuda militar encontra-se na assistência, por parte do exercito, ao terramoto de 2004, na Indonésia. Um dos arquitetos envolvidos, Andrea Fitrianto afirma que,

“The Indonesian government called on military personnel to constructe 190 temporary barracks throughout Aceh and Nias to replace the provisional, short-lived tents that had been suplied in the first weeks of emergency. The army was fast and efficient but paid little attention to individual or community needs. Site selection, for example, was based on fear of new tsunamis (...) The barracks were so remote that refugees could not return to work or help reconstitute their villages”⁸³.

Profissionais Locais

Em regiões rurais pouco industrializadas os materiais locais utilizados para a construção tradicional, podem ser reutilizados no processo de reconstrução. Nesse sentido a investigação liderada por Ian Davis expõe que “Local professionals have the potential to fulfil important technical assistance roles in the post-disaster phases”⁸⁴. No entanto, os profissionais locais são muitas vezes desaproveitados. Segundo o grupo de investigação da Undro a razão para que tal aconteça é “because of professional and social barriers between the liberal professions and the low income groups who form the majority of those affected by disasters, and who live, mostly illegally, in unsafe buildings on hazardous land”⁸⁵. Sendo esta uma problemática social preexistente, é importante que os agentes intervenientes na operação de arquitetura de emergência a tenham em consideração. Tal irá influenciar não só a gestão de recursos utilizados como a forma de interação com a população.

68

⁸²Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.56

⁸³Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - *Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity*. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.29

⁸⁴Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.57

⁸⁵Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.57

O projeto *Transitional Community* no Sri Lanka em 2005, da organização Oxfam, explica como a experiência de envolver profissionais locais, e não só, tornou o projeto numa experiência mais enriquecedora (fig.13); “Oxfam employed an architect and a site supervisor to oversee the construction, but skilled and unskilled families themselves, who were paid a daily wage. In that way the Project also helped replace lost earnings. Remarkably, a third of those involved were women, giving them access to income and a sense of empowerment”⁸⁶. No mesmo sentido o arquiteto Andrea Nield da organização de arquitetos de emergência da Austrália, em referência ao seu trabalho nas ilhas solomo, afirma que, “Getting the affected families involved in Creative work had a positive effect on their mental health after the loss and grief they had experienced”⁸⁷. Ambas as experiências demonstram a como o envolvimento da população no projeto de reconstrução pode contribuir para a recuperação da mesma, tanto a nível psicológico como económico.



Fig. 13 - Transitional Community, Sri Lanka, projetado pela Oxfam

⁸⁶ Architecture for Humanity – *Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises*. New York: Metropolis Books, 2006. p.94

⁸⁷ Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - *Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity*. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.29

O sector privado

Segundo o pensamento a cima, é possível afirmar que o processo de reconstrução pode ter uma influencia bastante positiva na economia da comunidade. Segundo Ian Davis, “Overall reconstruction policy determines who will prosper, and it is therefore important to recognize the encouragement that can be given to small or médium-scale enterprises”⁸⁸ Assim sendo, é frisada a importância da forma como os fundos monetários são atribuídos ao setor dos negócios, pelos grupos de assistência.

Victoria L. Harris, da fundação Article 25 refere como muitas ONGs perdem oportunidades de apoio a negócios locais, ao contratarem especialistas fora da localidade; “Unfortunately, through lack of expertise, vision, or staff, many NGOs take the path of least resistance and use a single contractor, which often means that the economic benefit to the local economy leaves town when he does”⁸⁹.

Os especialistas

70

Segundo a obra *Shelter after Disaster*, em países subdesenvolvidos, o problema encontra-se também na falta de especialistas locais. Na medida em que, existem várias tarefas no processo de arquitetura de emergência que só podem ser respondidas por profissionais especialistas. Dessas constam; a elaboração de planos de contingência, métodos de inquéritos sobre os danos que a catástrofe causou, a implantação de códigos de construção resistente e, por último, a partilha deste conhecimento com arquitetos, construtores e carpinteiros locais.

A ajuda externa de agências voluntárias

Na verdade, o trabalho de agências voluntárias é essencial para o sucesso de uma operação de arquitetura de emergência. No entanto, “In addition to the primary, altruistic motivation of emergency relief, there are extraneous pressures on voluntary agencies which may be harmful to their purpose”⁹⁰. Essas pressões externas podem prejudicar gravemente a intervenção das mesmas, pois a prioridade deixa de ser apenas a recuperação e reconstrução de uma determinada comunidade. Visto que as agências voluntárias funcionam a partir de fundos externos existe “the need to impress their

⁸⁸ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.57

⁸⁹ Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - *Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity*. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.15

⁹⁰ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.57

contributors with a rapid and visible response”⁹¹. Para que os investidores escolham essas agências e as mesmas os consigam agradar, existe inevitavelmente, uma competição entre agências. Tal não acontece de forma saudável e contribui para o afastamento do foco de ajuda da população sobrevivente. Adicionalmente, existem as pressões do governo local sendo que há uma preocupação acrescida para “avoid offending the susceptibilities of the local administration”⁹². Michel Agier declara na sua investigação sobre campos de refugiados, a corrupção associada a esse factor; “there is a proximity between the space of intervention and the language and actions of UN, humanitarian and police institutions, which can lead to overlapping, voluntary or involuntary, complicity, even the ‘obscure arrangements’ (...)”⁹³.

Segundo o grupo de Ian Davis, a maior desvantagem resultante das pressões externas mencionadas é a limitação da ajuda da agência voluntária, “In some instances, the limitation of their role to a specific *relief role*, thus encouraging them to restrict their shelter perception to na artificially narrow frame of reference”⁹⁴. Nesse sentido, deve existir uma tentativa de explicar aos doadores a importância de investir num plano que responda às reais necessidades das populações. Algo transversal a qualquer intervenção é a criação de um plano a longo prazo, de modo a que as populações sobreviventes consigam voltar a ser autossustentáveis;

“Donors have been called on to increase funding time-scales and link disaster response to long-term development. This is wise but not easy. (...) donors often insist upon a term limit to a redevelopment Project. They want a clear end date (...) As a result money may go unspent or be returned; medical supplies are thrown out, supplies bottleneck, and resources are wasted. (...)An obvious way to use money wisely after disasters is to build better, safer buildings that embrace long-term infrastructural and environmental planning”⁹⁵.

71

Por outro lado, são várias as vantagens que estas agências podem trazer ao processo de arquitetura de emergência. Para além da capacidade de trabalhar rapidamente associada à experiência com este tipo de projetos, existe uma proximidade ao governo local e à comunidade que pode marcar o sucesso da sua intervenção no local.

⁹¹ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.57

⁹² Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.57

⁹³ Agier, Michel – *Managing the undesirables – Refugee Camps and Humanitarian Government*. Cambridge: Polity Press, 2011. p.47

⁹⁴ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.57

⁹⁵ Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - *Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity*. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.17

Os governos doadores

Tal como no caso das agências voluntárias, existem várias pressões externas que influenciam a ajuda entre governos. No entanto, “they have the capacity to fulfil important functions throughout all three post-disaster phases. They are particularly well placed to provide long-term capital and technical assistance for reconstruction, and to link such assistance to firmer disaster preparedness and prevention policies”⁹⁶.

Michel Agier afirma que os governos Europeus, os maiores doadores, apresentam dificuldades em manter uma ajuda humanitária ideal; “(...) European governments’ mechanism aiming to give a special role to so-called ‘buffer states’, particularly in North Africa, in enclosing and filtering foreigners, is based in the same principle of keeping out and enclosing undesirables, while getting voluntary humanitarian organizations to contribute in ‘managing’ flows and refugees”⁹⁷.

As agências de ajuda internacionais (sistema das Nações Unidas)

As agências de ajuda internacionais são igualmente pressionadas por forças a externas. Tal como acontece com as agências voluntárias, estas dependem de doadores de fundos monetários. Assim existe a “need to demonstrate their values to ensure their future growth and funding”⁹⁸. Sendo que a consequência passa também por uma competição entre agências, “where there are overlapping responsibilities”⁹⁹.

Existe ainda uma preocupação com a opinião do governo local, que dificulda o propósito altruísta destas organizações. Michel Agier descreve a dificuldade acrescida de construir uma zona neutra, num país em guerra; “This strategy of internal asylum in neutral spaces met with dramatic setbacks, as shown by the well known examples of San José de Arpartado and San Francisco de Asís, whose representatives were massacred a few months after being awarded various honorary prizes for their initiatives by human rights organizations in Europe and in the United States”¹⁰⁰.

No entanto, a ajuda que as agências de maior escala, podem facultar é extremamente benéfica. Não só pela facilidade em fornecer ajuda a partir de diversos recursos, o que inclui o acesso aos melhores profissionais especialistas, como pelo papel de coordenação geral que mais nenhuma agência consegue ter.

⁹⁶ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.58

⁹⁷ Agier, Michel – *Managing the undesirables – Refugee Camps and Humanitarian Government*. Cambridge: Polity Press, 2011. p.31

⁹⁸ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.57

⁹⁹ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.57

¹⁰⁰ Agier, Michel – *Managing the undesirables – Refugee Camps and Humanitarian Government*. Cambridge: Polity Press, 2011. p.30

01.2.4 – O Abrigo de emergência

O abrigo de emergência é utilizado na segunda fase do processo de arquitetura de emergência, após as tendas de resposta imediata. Como referido nos princípios base, este tipo de abrigo funciona como solução intermédia, tendo como intuito proporcionar uma melhor qualidade de vida á população afetada, tornando possível o retomar de uma parte de um quotidiano perdido, de atividades económicas e por vezes até mesmo da vida escolar.

A obra *Shelter after Disaster* reflete sobre a aceitação de um abrigo de emergência pré-fabricado por parte da população sobrevivente, uma vez que estes apresentam taxas de ocupação bastantes baixas.¹⁰¹ É demonstrado que as comunidades valorizam a “relationship to land tenure, its security, its proximity to employment, and its access to services and utilities”¹⁰². Deste modo, é novamente provada a importância do respeito e entendimento da cultura e modos de vida da comunidade afetada. Segundo o projeto de Shigeru Ban no Rwanda, de 1995 (fig.14|15); “Each home took volunteer and student workers six hours to construct. Indegenous and sustainable, the homes enabled families to remain their jobs while waiting for permanente housing”¹⁰³. Assim sendo, o projeto de reconstrução final ganha um prazo de execução mais largo, podendo ser pensado mais aprofundadamente.¹⁰⁴ Sendo que, muitas vezes o projeto de reconstrução, em países com falta de recursos, não chega a ser terminado. São vários os casos de comunidades cujas habitações continuam a ser abrigos de emergência, cuja duração vai muito além do espetável. Sendo as situações mais extremas campos de refugiados que permanecem na primeira fase de ajuda durante décadas. De acordo com Michel Agier,

73

“In Africa, ‘transit centres’ are situated at the entrance to all UNHCR sites, in order to receive, register and verify the physical state of the refugees who have just arrived and to channel them appropriately. They can expect emergency aid for a period of a week to a month. Once all the checks have been carried out, they find a place in a tent of shelter already existing within the refugee camp. (...) In every case these are tents, huts made out of boards and plastic sheets, or hangars. (...) In principle refugees are supposed to receive regular hot meals, but there are often disruptions, particularly in the more remote transit zones”¹⁰⁵.

¹⁰¹ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.90

¹⁰² Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.90

¹⁰³ Architecture for Humanity – *Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises*. New York:Metropolis Books, 2006.

pág.103

¹⁰⁴ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.40

¹⁰⁵ Agier, Michel – *Managing the undesirables – Refugee Camps and Humanitarian Government*. Cambridge: Polity Press, 2011. p.51



Fig. 14 - Abrigos de emergência, Ruanda, Shigeru Ban. 1995

74



Fig. 15 - Montagem abrigos de emergência, Ruanda, Shigeru Ban. 1995

Essa situação pode ser solucionada se houver um pensamento mais aprofundado sobre a construção do abrigo de emergência em paralelo com a ponderação da necessidade do abrigo, no início de todo e qualquer projeto de reconstrução e reabilitação de emergência. O grupo de Ian Davis relata que: "Assisting groups tend to attribute too high a priority on the need for imported shelter units as a result of mistaken assumptions regarding the nature, and, in some cases, relevance of emergency shelter"¹⁰⁶. Uma vez que a ajuda externa a países subdesenvolvidos, de escassos recursos é proveniente de países desenvolvidos, parece existir uma predisposição para ignorar a cultura alheia, e responder da mesma forma que se responderia num contexto ocidental. Nesse sentido o grupo da UNDRO, afirma que as necessidades da população sobrevivente estão a ser ignoradas; "Emergency Shelter has more often than not been regarded as a product with design criteria developed by the donor. This approach has consistently failed to satisfy the needs of surviving families"¹⁰⁷.

Assim sendo, Andrea Neild afirma que os resultados positivos da intervenção nas ilhas de Solomo se deve ao facto da equipa ter interagido e entendido a população para a qual trabalhava; "For the new house an EEA architect, David Kaunitz, worked closely with communities to design a type that combines special cultural requirements, (...). These homes had to be affordable not only to build but to maintain"¹⁰⁸.

Nesse sentido, o arquiteto Alejandro Aravena, do atelier Elemental, acredita ser crucial que a resposta humanitária seja pertinente e extremamente bem pensada; "If you [have to] provide something very, very quickly, then the chances of making a mistake are higher, so you need some help to buy time," he said. "If the temporary solution is of better quality you may buy that required time"¹⁰⁹. É importante notar que, uma vez que é necessária uma resposta imediata por parte dos agentes intervenientes, que se traduz num espaço de tempo de aproximadamente uma semana, um abrigo de emergência que chegue á população afetada após esse prazo é muitas vezes posto de lado. As razões para que tal aconteça prendem-se em dificuldades logísticas; como o transporte, distribuição e posteriormente na montagem.¹¹⁰

Assim sendo, é abordado o tema do abrigo pré-fabricado e manufaturado em países industrializados que, sendo visto como um produto, parte de uma fase de reconstrução isolada, acaba por não conseguir ser uma ajuda tão vantajosa como poderia.

¹⁰⁶ Davis, Ian (Ed. Lit.) - **Shelter after disaster**. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.86

¹⁰⁷ Davis, Ian (Ed. Lit.) - **Shelter after disaster**. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.87

¹⁰⁸ Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - **Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity**. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.45

¹⁰⁹ Mairs, Jessica - Alejandro Aravena Interview. Dezeen [Em linha]. USA [Consult. 10 Ago. 2016]

Disponível em WWW: <URL: <https://www.dezeen.com/2015/11/30/alejandro-aravena-humanitarian-architecture-refugee-tents-waste-money-emergency-shelter-disaster-relief/>

¹¹⁰ Davis, Ian (Ed. Lit.) - **Shelter after disaster**. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.88

Neste sentido, pensar em todo o processo de reconstrução como um todo é fundamental, na medida em que permite um projeto que abranja a resolução de problemas sociais e económicos causados pela catástrofe em causa.¹¹¹

Andrea Nield defende que, “our role as architects is to advocate for people, to develop alternatives that promote safety and health, and to push for collective political action. (...) Greater emphasis must be placed on self-management, Independence and local ability”¹¹². O poder da arquitetura é claro, é importante que o mesmo seja lembrado. Se trabalhar com a população e seguir o que a mesma realmente necessita o arquiteto pode encontrar soluções revolucionárias, que, em conjunto com todos os outros especialistas envolvidos, podem ser realizadas da melhor forma.

Do mesmo modo é necessário frisar a ideia de se perdeu mais do que um ‘teto’ e que os sobreviventes são seres humanos capazes, ao invés de agir a partir do pressuposto de “That survivors are passive, dazed and willing to accept any form of emergency shelter”¹¹³.

A citação menciona aceitação por parte do sobrevivente, o que implica não só um respeito e entendimento da cultura local, mas também a capacidade de envolver a população afetada no projeto. Para além de ser um ato de cura para o próprio sobrevivente, a utilização de mão de obra local, é um grande contributo para o projeto de reconstrução. Ian Davis apresenta-se contra o pensamento de que “ survivors do not possess building skills, or resourcefulness in salvaging materials or obtaining traditional materials to carry out their own building”¹¹⁴, tal é um desperdício de recursos humanos. É crucial que o agente humanitário dê o devido valor e atenção á cultura e capacidade do sobrevivente, para que a mesma se possa desenvolver de forma sustentável;

“Culture is about roots, but it is also never static and as such empowers people with capacities to take ownership of their own development processes. When a people-centred and place-based approach is integrated into development and peace- building initiatives, when evidence-based interventions take the cultural context into account, transformative and sustainable change can occur”¹¹⁵.

¹¹¹Davis, Ian (Ed. Lit.) - **Shelter after disaster**. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.39

¹¹²Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - **Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity**. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.51

¹¹³Davis, Ian (Ed. Lit.) - **Shelter after disaster**. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.87

¹¹⁴Davis, Ian (Ed. Lit.) - **Shelter after disaster**. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.87

¹¹⁵Lawrence, Caroline (Ed. Lit.) **Post-2015 Dialogues on Culture and development**. New York: the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, the United Nations Population Fund, and the United Nations Development Programme, UNESCO/UNFPA/UNDP, 2015. p.12

Uma outra dificuldade está no entendimento do real período de tempo que o abrigo de emergência pode abranger. Sendo que se acredita que “temporary housing is not a cost factor in the total reconstruction programme, and it will be demolished after a limited period”¹¹⁶. Estando previsto que a duração do abrigo seja em média 6 meses a um ano, as consequências podem ser extremamente dramáticas quando este se prolonga durante vários anos. O que consequentemente põe em causa a ideia de que “large sites with concentrations of temporary housing are not acceptable and effective solution for the community”¹¹⁷.

Michel Agier explica como um campo de refugiados se transforma num assentamento completamente dependente da ajuda humanitária;

“Conceived originally with no other project than that of simple survival, or the provisional stationing of a displaced and controlled population, these camps have been transformed over time and with the multiple uses that their occupants have made for themselves of the resource that humanitarian assistance represents. The formation of camp-cities or large urban districts, the Palestinian camps today representing the most developed model of these, is the culmination of a logical development of refugee installations”¹¹⁸.

Na verdade, o facto dos campos prevelecerem para além do tempo espectado, faz com que os mesmos tomem as precurssões de uma cidade, aumentando as pressões sociais entre grupos que seriam aliados e adversários, e que, passaram a coexistir obrigatoriamente, no mesmo espaço; “Camps are paradoxical and hybrid mechanisms; they sometimes form camp-towns. On the one hand, the individuals gathered in these spaces are there explicitly because of their status as victims. (...) this care is addressed to persons coming from all factions, regions or states that may equally well be friends or enemies, allies or adversaries”¹¹⁹.

77

Na verdade, são vários os fatores que influenciam o processo de reconstrução independentemente da região afetada. Uma das matrizes que Ian Davis assume como transversal a qualquer situação é que:

“should not be forgotten that the relief and reconstruction phases often start simultaneously, all of which points to the need for new and less conventional approaches to emergency shelter provision after disaster. To achieve maximum effectiveness, therefore, assisting groups should reserve a proportion of their resources for the phases beyond the immediate emergency period”¹²⁰.

¹¹⁶Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.88

¹¹⁷Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.88

¹¹⁸Agier, Michel – *Managing the undesirables – Refugee Camps and Humanitarian Government*. Cambridge: Polity Press, 2011. p.53

¹¹⁹Agier, Michel – *Managing the undesirables – Refugee Camps and Humanitarian Government*. Cambridge: Polity Press, 2011. p.133

¹²⁰Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.88

Neste sentido é frisada a importância da segunda e terceira fase do processo de arquitetura de emergência, que são respectivamente, a fase de reabilitação e conseqüentemente a fase de reconstrução final. É crucial uma gestão de recursos que tenha em consideração o elevado custo da última fase, cuja relevância é inegável, sendo o objetivo principal de todo o processo. Sendo assim, o custo elevado de abrigos de emergência pré-fabricados e importados pode não fazer sentido no plano de ajuda.

No entanto, apenas quando o processo de arquitetura de emergência é visto como um todo, em que as organizações trabalham em conjunto para o mesmo objetivo de reconstrução, é que será possível uma gestão de recursos sustentável, que não abandone uma comunidade a meio de uma fase específica. Como foi referido nos princípios base, existem várias ONGs que se focam na fase de alívio imediato, que resulta na distribuição de abrigos de emergência, pois são projetos menos longos e á partida pouco dispendiosos. É demonstrada assim a perda para a comunidade afetada, quando os agentes intervenientes não conseguem comunicar entre si e trabalhar em conjunto. Em contrapartida, existem cada vez mais ONGs que apoiam projetos de “self-help”¹²¹. Onde existe uma preocupação em ajudar a comunidade a construir o melhor abrigo de emergência, com o mínimo de recursos, o que muitas vezes inclui a utilização de materiais locais, e quando necessário a educação sobre as propriedades construtivas dos mesmos.

78 A arquiteta humanitária Sandra Urzo afirma que, “In refugee camps, i.e., boredom and frustration are a major problem: this is why some ngo’s start providing just basic materials in a ‘do-it-yourself approach’”¹²².

Existem várias razões para que as ONGs encontrem dificuldades em agir desta forma. O abrigo de emergência é sobrestimado devido a uma avaliação errónea sobre as reais conseqüências da catástrofe. Sendo não só pela parte das ONGs mas também por parte dos agentes locais. Efetivamente, existe uma predisposição para que os últimos exagerem as necessidades da comunidade afetada. Segundo o grupo de investigação de Ian Davis, um exemplo é a avaliação do estado das construções pós-catástrofe. Uma vez que, no caso de uma habitação não se encontrar completamente destruída, mas algo danificada, o abrigo pode não ser necessário. Sendo assim, uma avaliação mais detalhada pode poupar uma quantidade significativa de recursos.¹²³

¹²¹Davis, Ian (Ed. Lit.) - **Shelter after disaster**. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.89

¹²² D’Urzo, Sandra Jeanette – *Emergency and Architecture*. Essay p.12

¹²³Davis, Ian (Ed. Lit.) - **Shelter after disaster**. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.89

Aliada aos pressupostos e condicionantes referidos, existe a problemática da estandardização. Nas palavras do grupo de Ian Davis “Relief agencies normally standardize the size or form their emergency shelters for ease of production and packing. However, this approach greatly over simplifies the problem”¹²⁴.

A estandardização é um problema na medida em que ignora vários fatores ao tentar simplificar uma resposta, que é á partida bastante complexa. De acordo o relatório *Cultura e Desenvolvimento - pós os diálogos de 2015*, das Nações Unidas, “One of the key lessons learned from the efforts to achieve the Millennium Development Goals (MDGs) is that one size does not fit all. Different cultural perspectives demand different paths in development”¹²⁵.

Nesse sentido é notória a falta de estudo dos valores culturais e tipologias das habitações tradicionais. As mesmas consideram aspectos que podem contribuir bastante no processo de reconstrução, como as condições climáticas, a disposição das áreas de convívio, as variações de tamanho das famílias sobreviventes, e materiais utilizados. Um exemplo das consequências negativas que um plano de reconstrução alheio á cultura da população sobrevivente, foi a reconstrução da região Indiana, Tamil Nadu, após um tsunami, em 2004. Uma zona costeira que dependia das suas árvores para locais de convívio e proteção solar;

“Thousands of trees are estimated to have been cut down to build new homes – largely to clear land or burn as fuel, rather than for use in construction. The eradication of trees has dismantled livelihoods and social life (...) Because is too hot in the sun, villagers no longer spend their leisure time together under the shade of trees, children no longer play outside, and men no longer mend their nets collectively outdoors. (...) Their vital products supplied communities with importante livelihood resources such as fuel, fruits, vegetables, fodder, and plants used for medical purposes (...) In the absence of trees people are forced to stay inside”¹²⁶.

79

Um aspeto que deveria fazer parte das premissas do abrigo de emergência é a “need of families to earn their livelihood in their houses”¹²⁷, que remete para o resgate da economia local e gestão de recursos. Ao desacreditar a capacidade dos locais de improvisar o seu próprio abrigo, investindo em materiais, tecnologia e mão-de-obra estrangeira, existe um desperdício de recursos desnecessário. Tal resulta numa operação de reconstrução com uma duração muito superior á

¹²⁴Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.89

¹²⁵Lawrence, Caroline, *Post-2015 Dialogues on Culture and development*. New York: the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, the United Nations Population Fund, and the United Nations Development Programme, UNESCO/UNFPA/UNDP, 2015. p.8

¹²⁶Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - *Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity*. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.193

¹²⁷ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.89

necessária, cujas consequências sociais são extremamente negativas.¹²⁸ Segundo Ian Davis, “The unit cost of donor emergency shelters is often much higher than the cost of a new house in the disaster affected community, especially when the latter enjoys the built-in savings of self-help and the use of locally available, traditional materials”¹²⁹.

Uma vez que, numa situação onde os recursos são escassos, a população prefere construir a sua própria habitação, podendo ter a liberdade de a projetar. Tal foi o sucedido no Peru, após o terramoto de 2007 (fig.16) ; “The choice of owner-driven or NGO-driven reconstruction was also left up to the families and communities. Overall people preferred to reconstruct the houses themselves rather than secure a house built by an external agency”¹³⁰.

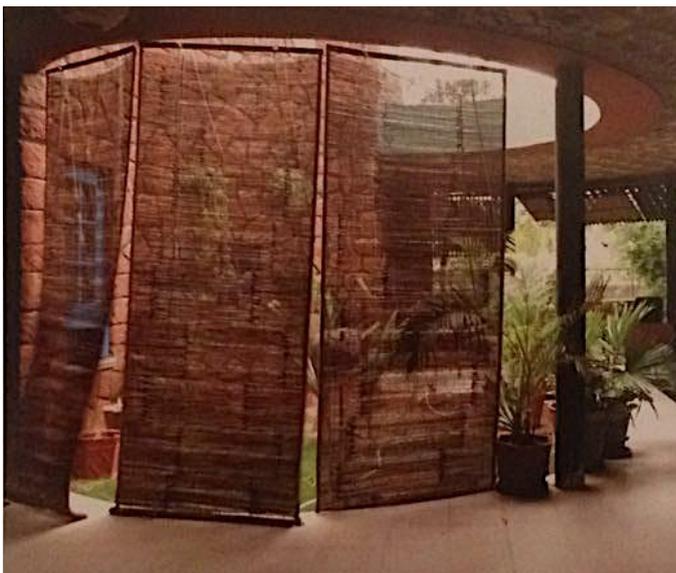


Fig. 16 - *Reconstrução a partir da vontade da população. Construção tradicional provada ser anti-sísmica.*

custo e eficácia da operação não é sustentável o suficiente para que se justifique a distribuição de abrigos pré-fabricados. Ian Davis defende assim, que os recursos locais devem ser estudados e se possível, fazer parte das estratégias de emergência¹³¹.

¹²⁸ Davis, Ian (Ed. Lit.) - **Shelter after disaster**. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.89

¹²⁹ Davis, Ian (Ed. Lit.) - **Shelter after disaster**. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.89

¹³⁰ Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - **Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity**. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.74

¹³¹ Davis, Ian (Ed. Lit.) - **Shelter after disaster**. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.89

Segundo o relatório *Cultura e Desenvolvimento - pós os diálogos de 2015*, das Nações Unidas;

“Urban development policies sensitive to cultural dimensions contribute effectively to sustainability. Sustainable urbanization that links to local development requires integrating heritage conservation strategies and management in the process of local development and urban planning, together with contemporary architecture and infrastructure development in order to maintain an urban identity”¹³².

¹³²Lawrence, Caroline, **Post-2015 Dialogues on Culture and development**. New York: the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, the United Nations Population Fund, and the United Nations Development Programme, UNESCO/UNFPA/UNDP, 2015. p.49

0.1.2.5 – A reconstrução

Numa carta aberta a arquitetos, engenheiros e urbanistas, Patrick Coulombel, diretor dos *Architectes De L'urgence*, resume a problemática e resolução da crise mundial de desalojados;

“Initially we just provided shelter in emergencies in whatever way seemed best at the time, but now, after years in the field, we are testing ways to reconstruct the needs and challenges of post-disaster reconstruction that are durable and lasting. And we have developed a list of core rules: to reconstruct for the long term with local materials, to introduce ideas of future mitigation into present projects, to work directly with the affected populations, to use techniques that we- architects and engineers – ourselves are capable of putting in place”¹³³.

O objetivo final do processo de arquitetura de emergência é a reconstrução de uma região que sofreu uma catástrofe natural ou humana, assim, a construção de habitações permanentes, é a terceira e última fase do mesmo. Como referido na descrição das várias fases deste processo, a reconstrução apresenta uma oportunidade de reforma nos sistemas construtivos e planeamento urbano que pode diminuir consideravelmente os danos de uma futura catástrofe. Sendo que, “disasters where the structural failure of houses has been a major cause of death, assisting groups involved in housing reconstruction have attempted to introduce improved building methods”.¹³⁴

82

No entanto, existem vários fatores que dificultam esse processo. Uma vez que, as agências voluntárias, “do not have the technical staff experienced in undertaking structural analyses of indigenous structures, from which to develop an appropriate reconstruction process”¹³⁵. A falta de profissionais resulta numa abordagem que parte da criação de protótipos de abrigos de emergência, que como já foi referido, não respondem às necessidades da população sobrevivente. É nesse sentido que o papel do arquiteto é fundamental;

“The architect is the professional whose role is to manage all the parties in the Project. Architects are designers and builders, certainly, but they are also expert contract managers, able to see the arc of a Project. Architects are the party responsible for taking the budget and resources available to a credible, pertinent, long-term built solution, along an optimal path”¹³⁶.

Na opinião da professora de história de arte, Marie J. Aquilino, os arquitetos podem não só gerir os especialistas do projeto,

¹³³ Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - *Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity*. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.291

¹³⁴ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.127

¹³⁵ Davis, Ian (Ed. Lit.) - *Shelter after disaster*. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.127

¹³⁶ Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - *Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity*. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.9

como descobrir formas criativas para resolver este tipo de problemas; “Yet architects are not only skilled technicians; they are also Creative artists, and those talents are needed in such circumstances”¹³⁷.

Uma boa gestão de recursos, pode auxiliar estas abordagens. Uma vez que muitos dos materiais locais podem ser reutilizados é necessário vincar a importância da reciclagem. Do mesmo modo é necessário o investimento no desenvolvimento de materiais e sistemas construtivos seguros, a partir de materiais locais. Aquando a reconstrução, todo o edificado deve seguir um sistema construtivo seguro. No entanto, numa situação em que os recursos disponíveis são escassos deve haver uma priorização pragmática que dite quais os equipamentos que irão disfrutar do melhor sistema construtivo disponível.¹³⁸

Em primeiro lugar encontram-se edifícios para grupos sociais, como crianças, doentes e idosos, que se traduzem em escolas e lares. Seguidamente são os edifícios públicos de carácter religioso e cultural, como igrejas, mercados e centros comunitários. De igual importância são os equipamentos públicos vitais como hospitais e bombeiros. A investigação liderada por Ian Davis reflete no facto de que “safe alternatives need to be developed which satisfy the demands of culture, local economics, climate, available materials, skills and risks”¹³⁹.

Assim sendo, é justificada a importância de entender a complexidade da resposta de emergência necessária, em países com poucos recursos. Sem esquecer que o seu propósito vai para além do fornecimento de um abrigo de emergência temporário, devendo assim abranger a reconstrução total da comunidade afetada. Só deste modo é que se poderá afirmar que estas populações estão a ser verdadeiramente ajudadas a ultrapassar um cenário pós-catástrofe. Nas palavras de Sandra Urzo, “Appropriate architecture has to do with local appropriation and transmission/Exchange of knowledge within a specific context. Quality of the housing needs to be based on the intelligence of the solutions and optimum usability. It has to be cheap that doesn't mean it won't be designed”¹⁴⁰.

83

¹³⁷ Aquilino, Marie J. (Ed. Lit.) - **Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity**. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.9

¹³⁸ Davis, Ian (Ed. Lit.) - **Shelter after disaster**. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.132

¹³⁹ Davis, Ian (Ed. Lit.) - **Shelter after disaster**. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. p.133

¹⁴⁰ D'Urzo, Sandra Jeanette – **Emergency and Architecture**. Essay p.12

Modos de abordagem à arquitetura de emergência em contexto de escassos recursos

“A arquitetura acaba por ser, não só a parte do desenho, da criatividade e da produção técnica digamos, é muito mais do que isso, é a parte social. É a parte de interação do ser humano com o espaço, a relação humana é o que forma as cidades é um misto de relações, mas tudo se passa entre ruas e habitações. Para mim pelo menos a arquitetura é isto, a vivência que tu ofereces”.¹⁴¹ (Carlos Franco, 2017)

¹⁴¹ Ver Anexo I.B – Entrevista ao arquiteto Carlos Franco, p. 209

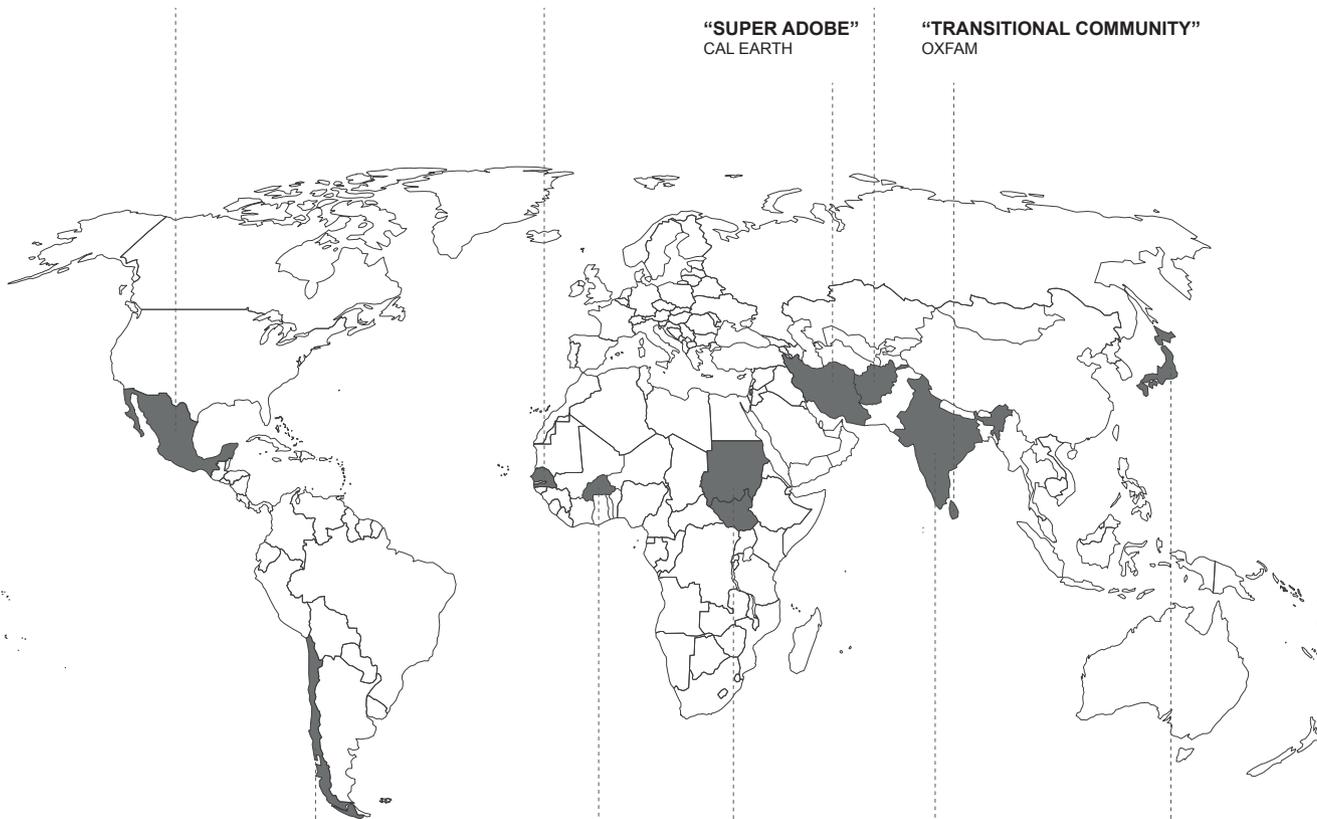
"EL FUERTE PARQUE CULTURAL"
LAB. PRO. FAB

"CENTRO DE MULHERES RUFISQUE"
HOLLMÉN REUTER SANDMAN ARCHITECTS

"KATEISTAN"
CONVIC DESIGNS

"SUPER ADOBE"
CAL EARTH

"TRANSITIONAL COMMUNITY"
OXFAM



"QUITA MONROY HOUSING PROJECT"
ELEMENTAL

"SHELTER"
ELEMENTAL

"BOLD"
CHF INTERNATIONAL

"CENTRO CIRÚRGIA CARDÍACA"
TAM ASSOCIATI

"GANDO PRIMARY SCHOOL"
DIÉBÉDO FRANCIS KÉRÉ

"IN SITU SLUM REHABILITATION"
PRASANA DESAI ARCHITECTS &
URBAN NOUVEA

"PAPER LOG HOUSES"
SHIGERU BAN ARCHITECTS

02.1 – Habitação de Emergência

Considera-se que a disciplina de arquitetura pode fazer a diferença na procura e desenvolvimento de soluções de emergência e reabilitação. A arquiteta humanitária Sandra D'Urzo refere que a sua experiência a levou a perceber a influência da arquitetura na melhoria da qualidade de vida em países com poucos recursos;

“After the Philippines I have crossed other frontiers of the South: those of Salvador and Guinea, Timor East and Afghanistan, Palestine and, in these months, Sri Lanka after the tsunami. And every time I crossed a new border, I have felt the same surge of hope, frustration and satisfaction in a work that proceeds by small steps in an ocean of need. I am guided on this path by a constant research for a constructive dialogue with people whose roots are very different from mine, along with a certainty that an architect plays an essential and indispensable role, by virtue of ideating solutions that improve the living conditions of the poorest countries. With tenacity, humility and passion¹⁴².”

A destruição de uma determinada região deve-se aos mais variados fatores. Independentemente de ser fruto de catástrofes naturais ou humanas o resultado é constante: o desalojamento repentino de centenas de pessoas.

Neste sentido, é crucial que os agentes intervenientes de ajuda á comunidade sobrevivente, ajam rapidamente. A distribuição de abrigos de emergência torna-se assim a prioridade. A demora deste abrigo põe em causa a vida dos sobreviventes a cada dia que passa. É assim necessária uma resposta imediata. Numa região onde os recursos são escassos, a solução de abrigo é ainda dificultada pelo baixo orçamento concedido. Assim sendo, a habitação de emergência, distribuída na primeira fase de ajuda imediata é normalmente uma tenda de lona, doadas pelo exército ou por organizações humanitárias como a UNHCR, são a resposta de eleição. Desde a fácil montagem, durabilidade em armazém, e facilidade de transporte, a tenda continua a salvar vidas em todo o mundo (fig.17).

No norte do Paquistão, após um terramoto que destrui a maioria das habitações em Balakot, Batagram e Muzaffarabad, em 2005, a distribuição de tendas em assentamentos de emergência (campos), foi a salvação e o alívio de muitos desalojados;

¹⁴² D'Urzo Sandra – News from the South of the World. Sandradurzo [Em linha]. [Consult. 5 Mai. 2017]
Disponível em WWW: <URL: http://www.sandradurzo.org/Publications/articulo%20AREA%20Sandra%20D%27Urzo_it.pdf

“After registering with the camp authorities, Zaman and his family dropped their luggage near the two tents allocated to them, and were given plastic sheets to use as floor mats. They also received rations like rice, wheat flour, pulses, oil, milk, candles and soap. “It’s really a relief to see these pitched tents,” said Zaman. “At last my family has some shelter as we are coming from a situation where all houses are destroyed and everyone was under the open sky.”(...) UNHCR is working with the Pakistan military to ensure that the tents are erected with adequate space between them, and that there are designated areas for latrines, schools and play areas for children. The camps will be fenced and security lighting installed to ensure that vulnerable women and children are protected, he added”¹⁴³.



Fig. 17 - Tenda de Lona, projeto da UNHCR, fotografia de 2014

No entanto, a tenda apresenta também aspetos negativos que são bastante comprometedores em algumas culturas e regiões. Um exemplo é a dificuldade de um clima que apresente temperaturas extremas às quais a tenda não consegue responder por se adequar melhor a condições climáticas amenas. Um tipo de clima dificilmente encontrado em países

¹⁴³ Tan, Vivian e Colville (Edi. Lit). - Tents bring relief to the homeless in Pakistan's north. UNHCR - The UN refugee agency. [Em linha]. EU [Consult. 11 Jun. 2017] Disponível em WWW: <URL: <http://www.unhcr.org/news/latest/2005/10/435cf0ce4/tents-bring-relief-homeless-pakistans-north.html?query=tents, 2005>

menos desenvolvidos. Na verdade, “the vast majority was left with no choice but to relocate to temporary camps and inadequate tent-like structures that barely protected them and their families from the elements. often without flooring, camp conditions leave refugees susceptible to parasitic infections, flash flooding, waterborne diseases, and hypothermia due to ground freeze”¹⁴⁴.

Existem várias propostas de abrigos de emergência imediata que seguem uma lógica semelhante à da tenda, que tentam colmatar as falhas da mesma. Embora enfrentem vários testes e posteriormente necessitem de tempo para substituir a solução implementada.

Segundo Ghassem Fardanesh, planeador sénior da UNHCR, “In our business it’s really difficult to say, ‘I have something new, and let’s replace (the old version).’ The tent we have now has been under surveillance for 20 years. This is a new born baby”¹⁴⁵. A tenda mencionada, para além de ser mais resistente, apresenta uma preocupação com a privacidade do residente nunca antes considerada. Compreende-se que tal, demonstra uma mudança no paradigma do pensamento sobre a ajuda externa e sobre como abordar as necessidades do sobrevivente. É demonstrada uma abordagem que vai para lá da resposta às necessidades físicas, e que se preocupa com o bem-estar mental. É precisamente a humanização do sobrevivente que penso ser crucial para a melhoria das abordagens à arquitetura de emergência.

¹⁴⁴ *Brink, Nick*. - Modular emergency floor helps refugees get off the ground. Designboom [Em linha]. [Consult. 20 Ago. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.designboom.com/design/emergency-floor-modular-flooring-system-refugee-aid-06-17-2015/>

¹⁴⁵ *Architecture for Humanity – Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises*. New York: Metropolis Books, 2006. p.63

- Abrigo de Emergência, IKEA

O abrigo de Emergência desenvolvido pelo IKEA (fig. 18|19), em 2016, com o objetivo de substituir a tenda tradicional de emergência, demorou cinco anos a ser desenvolvido. Segundo Peter Heggenes, o CEO da fundação do IKEA;

“specifications are really tough in the sense that it can't cost more than this, it can't weigh more than this, and it needs to be packed in a way that it can be easily dispatched – it is a solution that will predominantly be used in emergency situations, so you need to be able to ship it out quickly. And then of course you come to all the natural conditions in which this shipment needs to operate. It's often very harsh conditions – desert conditions, scorching sun, dust storms. You need to have material that can actually withstand these kinds of conditions”¹⁴⁶.

Sendo um abrigo modular existe a possibilidade de agregar vários de modo a formar centros comunitários e de Saúde; “Because they are modularised, they offer a way of creating small health stations, as doctors did in Nepal, or creating temporary schools, (...) But in essence, the product is a 17.5-square-metre module that can be assembled without tools in four hours. It has an expected lifespan of three years and can accommodate five people”¹⁴⁷.

O seu sucesso está ligado ao facto de ser simultaneamente fácil e rápido de montar e transportar. A sua área, altura e privacidade ajuda os sobreviventes que o utilizem a manter a sua dignidade.

¹⁴⁶ Frearson, Amy - IKEA Foundation CEO says adapting refugee shelter is "like playing with Lego". Dezeen. [Em linha]. EU [Consult. 15 Jul. 2017] Disponível em WWW: <URL: <https://www.dezeen.com/2016/10/24/interview-ikea-foundation-ceo-per-heggenes-better-shelter-refugee-temporary-architecture-modular/>>

¹⁴⁷ Frearson, Amy - IKEA Foundation CEO says adapting refugee shelter is "like playing with Lego". Dezeen. [Em linha]. EU [Consult. 15 Jul. 2017] Disponível em WWW: <URL: <https://www.dezeen.com/2016/10/24/interview-ikea-foundation-ceo-per-heggenes-better-shelter-refugee-temporary-architecture-modular/>>



Fig. 18 - Abrigo de emergência, projetado pelo IKEA, em 2013

94



Fig. 19 - Abrigo de emergência (painéis plásticos e estrutura metálica), projetado pelo IKEA, em 2013

-BOLD (Building Opportunities and Livelihoods in Darfur), CHF international

O projeto BOLD (Building opportunities and Livelihoods in Darfur) foi desenvolvido como resposta aos deslocados da Guerra Civil no ocidente do Sudão, entre 2004 e 2005. Sendo que os mesmos habitavam um campo de refugiados, onde as tendas e abrigos de cartão e plástico que utilizavam dificilmente satisfaziam as suas necessidades básicas.

Sendo um projeto da organização CHF International, o intuito seria o desenvolvimento da comunidade, para que a mesma pudesse alcançar a autossustentência;

“BOLD set out to address the immediate food security, shelter and livelihoods needs of IDPs in North and South Darfur. As a part of this work, BOLD also aimed to develop innovative approaches to traditional relief thinking through a “developmental relief” concept to assistance provision. This sought to not only alleviate immediate life threatening needs, but also to cast intervention strategy forward, envisioning the possibility of IDP return or resettlement”¹⁴⁸

Segundo Elin Grimes, a coordenadora do projeto, “The tents were difficult to get in and out of, dark, hot, and poorly ventilated. It just wasn’t a great solution”¹⁴⁹. Por outro lado, o próprio material plástico não resistia às condições climáticas extremas, “while waterproof, degraded and tore quickly under North Africa’s extreme heat”¹⁵⁰. Adicionalmente o governo restringe a construção de abrigos permanentes, o que dificultou o trabalho das agências humanitárias “from working with the displaced population to build more permanent housing”¹⁵¹. Sendo que o governo não apoiava o campo de Darfur, tanto a empregabilidade como a alimentação eram escassas.

95

Michel Agier descreve a situação dentro dos refugiados no campo de Darfur; “After the war in Darfur flared up again in 2003, UN agencies had to recognize their inability to protect the fundamental rights of the internationally displaced Sudanese, the great majority of whom – around 2 million – were housed in camps. The image of the mousetrap is an apt one to describe these camps”¹⁵².

¹⁴⁸ CHF International, Inc - Building Opportunities and Livelihoods in Darfur (BOLD) Darfur, Sudan Final Program Report. [Em linha]. EU [Consult. 15 Jul. 2017] Disponível em WWW: <URL: http://pdf.usaid.gov/pdf_docs/Pdacf518.pdf p.1

¹⁴⁹ Architecture for Humanity – *Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises*. New York: Metropolis Books, 2006. p.72

¹⁵⁰ Architecture for Humanity – *Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises*. New York: Metropolis Books, 2006. p.72

¹⁵¹ Architecture for Humanity – *Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises*. New York: Metropolis Books, 2006. p.72

¹⁵² Agier, Michel – *Managing the undesirables – Refugee Camps and Humanitarian Government*. Cambridge: Polity Press, 2011. p.57

O programa BOLD procurou desenvolver atividades que contribuam para a economia local e que consequentemente possibilitassem a melhoria dos abrigos temporários. Assim sendo, vários refugiados foram contratados para tecer tapetes numa região perto do campo, abundante em vegetação que serviria esse propósito (fig.20). Posteriormente, esses tapetes seriam distribuídos no campo, para a construção de abrigos temporários baseados em abrigos tradicionais: *rakubas*.

O material escolhido para a estrutura foi o Bambo, sendo que o acabamento final foi dado por cordas recicladas feitas a partir de peneús de borracha.

Deste modo, “The program employed some 3,000 people, 85 per cent of them woman. Each weaver produced one to two mats a day, providing them with na income of 250-500 Sudanese dinars (\$1-2) per day, enough to buy chickens and eggs and add na importante source of protein to their diets”¹⁵³.



Fig. 20 - Refugiados do campo de Darfur com os tapetes por eles tecidos, em 2005.

Não sendo pensados para serem abrigos permanentes, aumentaram bastante a qualidade dos abrigos temporários (fig.21). No entanto, foi o facto de existir uma atividade económica que aumentou a qualidade de vida no campo de refugiados, e aldeias vizinhas. Segundo o relatório da CHF International;

¹⁵³ Architecture for Humanity – *Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises*. New York: Metropolis Books, 2006. p.72

“CHF’s South Darfur operations supported the provision of rakuba sunshades and community shelters through the production of thousands of grass mats. Mats were woven from grass fronds of locally available palm leaves. Mats formed the walls and ceilings of sunshades and shelters built. Initially this intervention was envisioned as a support operation for CHF’s shelter program only, but it eventually blossomed into one of CHF’s most significant income generation activities in Darfur. The program employed 740 women either in mat weaving or grass cutting/curing over an approximate three month period”¹⁵⁴.

Elin Grimes fala também da maior dificuldade de uma agencia humanitária neste tipo de situação: “Everyone would like to see these people living in better homes, but trying to balance what you can do financially, what’s immediatly available, and what the government will allow you to do doesn’t give you a whole lot of flexibility”¹⁵⁵.



Fig. 21 - Abrigos manufaturados pelos próprios refugiados, com a orientação da CFH International, em 2005.

¹⁵⁴ CHF International, Inc - Building Opportunities and Livelihoods in Darfur (BOLD) Darfur, Sudan Final Program Report. [Em linha]. EU [Consult. 15 Jul. 2017] Disponível em WWW: <URL: http://pdf.usaid.gov/pdf_docs/Pdacf518.pdf

p.6

¹⁵⁵ Architecture for Humanity – **Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises**. New York: Metropolis Books, 2006. p.72

- Shelter, ELEMENTAL

Um outro exemplo de solução que procura substituir a tenda, são os abrigos temporários projetados pelo atelier ELEMENTAL, do arquiteto Alejandro Aravena (vd. fig.22|23). O próprio caracteriza a forma de pensar projeto no atelier como uma mudança de paradigma:

“I would say that when this firm ELEMENTAL initially started, we wanted to change the approach of design to social housing, which is always seen as something negative or what you have to do because you don't have enough means and enough resources. Somehow, an elementary Project is something that you would like to do no matter how many resources you've got”¹⁵⁶.

O arquiteto vê a tenda como um desperdício de recursos, propondo um abrigo de maior qualidade e resistência cujos materiais poderão ser reutilizados na reconstrução final. É defendido que, “shelter is seen as a kind of down payment allow for better quality of temporary units, but also make definitive reconstruction easier, since part of the square meters to be delivered, are already in use by the families”¹⁵⁷. O projeto traduz-se assim em espaços ligeiramente elevados do solo, com cerca de 30m².

98



Fig. 22 - Abrigo de Emergência, Chile, projetado por Elemental, em 2014

¹⁵⁶Aravena, Alejandro – **Alejandro Aravena The Forces of Architecture**. Tokyo: TOTO Publishing, 2011. p. 168

¹⁵⁷Aravena, Alejandro – **Alejandro Aravena The Forces of Architecture**. Tokyo: TOTO Publishing, 2011. p. 157



Fig. 23 – Urbanização de Emergência, Chile, projetado por Elemental, em 2014

De acordo com a equipa de Architecture for Humanity; “One of the difficulties relief organizations often encounter working in areas of conflict is finding a balance between a host community’s desire to prevent refugee camps from becoming permanent communities and the needs of refugees for income generation and community building”¹⁵⁸. Sendo o ponto de partida da presente vertente teórica, esta problemática é certamente demasiado complexa para poder ser resolvida a partir de uma solução estandardizada

¹⁵⁸ Architecture for Humanity – *Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises*. New York: Metropolis Books, 2006. p.72

02.2 – Habitação de Transição

Em situações onde tanto os recursos como as vontades governamentais são escassos, um projeto de reconstrução pode demorar várias décadas até ser concluído. Tal como foi descrito no início do presente trabalho, a segunda fase serve exatamente para colmatar as necessidades da população sobrevivente, tentando fazer uma aproximação do que era a sua realidade previamente á catástrofe que a atingiu, enquanto a reconstrução final está a ser desenvolvida. No entanto, a experiência dita que muitos dos projetos de recuperação não passaram desta fase.

Existe ainda um problema de entendimento intercultural que parte da ajuda humanitária ocidental. Não denegrindo a ajuda humanitária ocidental, a verdade é que a implantação de réplicas de construções ocidentais estandardizadas, em regiões com paradigmas opostos, é a solução mais utilizada apesar das suas consequências poderem ser catastróficas. Segundo o arquiteto Thierry Joffroy;

100 “Today, two worlds exist side-by-side: that of the ‘rich’, who are capable of adopting modernity, and that of the ‘poor’, who are maintaining their traditional ways of living but who are pressured by society and the media into building bad copies of modern buildings or utilizing inadequate and even dangerous technological blends. A terrible example of this problem was seen in Haiti after the earthquake of January 2010. While small, traditional houses withstood the disaster, poorly constructed ‘modern’ structures, which the vast majority of Haitians struggled to afford, proved to be deadly”¹⁵⁹.

Nos últimos anos, foram vários os arquitetos que se interessaram neste tipo de projetos, um facto que traz esperança para o futuro dos assentamentos de emergência;

“The initiatives of recent years see a growing number of architects, engineers and town planners team up spontaneously, to realize non-conventional projects, with the purpose of guiding and aiding non-governmental agencies or international organizations dedicated to rebuilding after cyclones or earthquakes, to planning temporary housing for refugees, to managing and upgrading the squalid shantytowns of the megalopolises of the South”¹⁶⁰.

¹⁵⁹Thierry, Joffroy. Learning from Local Building Cultures to Improve Housing Project Sustainability. UN Chronicle. [Em linha]. USA [Consult. 3 Jul. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <https://unchronicle.un.org/article/learning-local-building-cultures-improve-housing-project-sustainability>

¹⁶⁰ D'Urzo Sandra – News from the South of the World. Sandradurzo [Em linha]. [Consult. 5 Mai. 2017] Disponível em WWW: <URL: http://www.sandradurzo.org/Publications/articulo%20AREA%20Sandra%20D%27Urzo_it.pdf

-Super Adobe – Cal-Earth

O arquiteto Nader khalili é o fundador da *Cal-Earth* (1999), uma organização que pretende desenvolver a prática da arquitetura em terra. Considerando que um terço de toda a construção mundial é feita em terra, o objetivo do arquiteto era contribuir para o desenvolvimento dessa prática.¹⁶¹

Nas aldeias iranianas, as habitações de cerâmica que projetava e construía, eram feitas a partir do incêndio de casas feitas em adobe. Em primeiro lugar, o arquiteto tirava as janelas e portas selando as aberturas com tijolos e adobe. Posteriormente incendiava a construção durante três a quatro dias até formar tijolo de fogo. No entanto, o objetivo era conseguir que o fogo perdurasse para que conseguisse avançar do estado de tijolo de fogo, para pedra.¹⁶²

“Half the houses in the village had deteriorated from the rain and snow. That’s the biggest problem building with adobe – it just melts. We got houses, cleaned them up and fired them, and they became strong and water resistant”¹⁶³

Ao retornar aos Estados Unidos da América, após o drástico resultado da revolução iraniana, Khalili continua a sua arquitetura, denominando-a de Super Adobe.

Em 1993, as NU investiram no projeto apoiando monetariamente a sua construção em campos de refugiados. O facto de não necessitar de um alto nível de aptidão e depender de materiais locais fazia com que fosse fácil criar empregos para os refugiados, incluindo mulheres.¹⁶⁴ A fundação Cal-Earth defende que (fig.24);

“the whole family should be able to build together, men and women, from grandma to the youngest child. We have spent many years researching how to make the process simpler and easier. There should be no heavy lifting or backaches, no expensive equipment, and a flexible and fast construction. The bags are filled in place on the wall using small pots like coffee cans, or even kitchen utensils. You can build alone or as a group”¹⁶⁵.

¹⁶¹ Architecture for Humanity – *Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises*. New York: Metropolis Books, 2006. P. 106

¹⁶² Architecture for Humanity – *Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises*. New York: Metropolis Books, 2006. p.110

¹⁶³ Architecture for Humanity – *Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises*. New York: Metropolis Books, 2006. p.110

¹⁶⁴ Architecture for Humanity – *Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises*. New York: Metropolis Books, 2006. p.110

¹⁶⁵ Earth, Call. What is super Adobe. Call Earth [Em linha]. EU [Consult. 9 Nov. 2016] Disponível em WWW: <URL: <http://www.calearth.org/intro-supera-dobe>



Fig. 24 – Criança ajuda, a construir uma habitação temporária, projeto de Call Earth.

102

As restrições políticas e burocráticas continuam a restringir os resultados dos seus projetos, no entanto estes não deixam de ser extremamente positivos. No entanto, a equipa de Khalili consegue sobreviver a partir de fundos e ajudas monetárias que permitem a evolução da ideia.¹⁶⁶

“It is these people who join in what you are doing who keep the dream happening. As the Persian mystic Rumi said, you have two duties in life: to sharpen your pencil and scratch your paper. If you keep doing your work the rest will happen. The only way you can survive with idealism is to be in constant touch with poetry, and that poetry should not be brushed aside by practicalities or viabilities or economis. This is the juice of survival is- always being in touch with poetry”¹⁶⁷.

¹⁶⁶Architecture for Humanity – *Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises*. New York: Metropolis Books, 2006. p.112

¹⁶⁷Architecture for Humanity – *Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises*. New York: Metropolis Books, 2006. p.112

A ideia parte de um pressuposto que entende a arquitetura como algo que deve ser sustentável (fig.25). Sendo assim, existe a procura soluções que utilizem o mínimo de recursos ambientais, mas que simultaneamente alcancem o máximo de conforto. Segundo o arquiteto; “All SuperAdobe structures can last several years but to make a structure permanent, the builder must plaster over the sandbag structure. This protects from erosion due to water and weather. Plastering also provides an aesthetically pleasing finish that can be painted or left its natural color”¹⁶⁸.



Fig. 25 - Habitação em abóbada, apresenta alta resistência sísmica, projeto de Call Earth

¹⁶⁸Earth, Call. What is super Adobe. Call Earth [Em linha]. EU [Consult. 9 Nov. 2016] Disponível em WWW: <URL: <http://www.calearth.org/intro-superadobe>

- Transitional community, Oxfam

São vários os arquitetos que seguem ideias deixadas por Ian Davis, no livro *Shelter after Disaster*, propondo uma construção de transição em vez de uma temporária. Num caso de transição é planeada uma habitação não só com uma durabilidade superior á de uma temporária, mas também com uma área mais alargada, com o intuito de promover a reinserção da família sobrevivente na sociedade. A arquiteta humanitária Elizabeth Babister acredita que, "Transitional implies something that is longer-term and gives you space to carry out livelihood activities rather than just surviving"¹⁶⁹.

Neste sentido, a organização inglesa, Oxfam, propõe a construção de aglomerados de casas de transição no centro de Tangalle, Hambantota, no Sri Lanka, após o tsunami de 2004 (fig.26). O habitual seria a construção de abrigos temporários na periferia da cidade, no entanto o objetivo de Elizabeth Babister, responsável pelo projeto, era que os sobreviventes permanecessem no centro da cidade, de modo manterem os seus empregos, numa casa segura onde poderiam praticar as suas atividades diárias. Segundo o relatório da Oxfam;

104 "Oxfam's principles rests in the fact that, despite the grief and loss this disaster has caused, reconstruction and resettlement can go hand in hand with re-development, providing opportunities to relieve poverty and restore dignity. "Building shelter is not just delivering a product, you need to take time and make sure things are right you have a solid base to start from before you start implementing a construction programme. It is not enough to provide a roof if you do not provide a job, nor enough to build a latrine if you do not know where the closest school will be." says Sandra D'Urzo, Shelter Adviser. "We should think beyond technical matters and work hand in hand between shelter solutions, livelihood options, water and sanitation demands. The priority is to ensure that there is a people-centred approach rather than a technology centred process"¹⁷⁰.

Esta premissa parte de um diálogo com os futuros moradores, um processo que dignifica e restaura o nível económico destas famílias. Assim sendo, as mesmas foram ainda contratadas para construir as suas próprias casas. Não só neste caso em específico, muitos dos construtores acabam por ser mulheres, que ao receberem um salário, se puderam emancipar.

¹⁶⁹ Architecture for Humanity – *Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises*. New York: Metropolis Books, 2006. p.99

¹⁷⁰ Oxfam - Who will decide? Oxfam's shelter programme allows the people of Sri Lanka to design and construct their new homes. Reliefweb. [Em linha]. EU [Consult. 20 Ago. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <http://reliefweb.int/report/sri-lanka/who-will-decide-oxfams-shelter-programme-allows-people-sri-lanka-design-and>

Deste modo é importante entender que várias aldeias tradicionais trabalham em comunidade. Assim sendo, os respectivos habitantes, encontram-se disponíveis para participar na (re)construção das suas infraestruturas. Segundo o projeto *Versus – Heritage for tomorrow*; “In traditional villages, it is still a reality that local populations unite for collective purposes and to build their spaces of work. Communal efforts create spaces to produce materials needed by families to trade or sell, contributing to the survival of local economies”¹⁷¹.

Uma outra particularidade do projeto é o facto de utilizar materiais resistentes o suficiente para serem reutilizados em futuras urbanizações permanentes. Elizabeth Babister defende que, “An important strategy for speeding reconstruction has been to design and build transitional housing using materials that can be repurposed for the construction of permanente housing”¹⁷².



105

Fig. 26 – Urbanização de transição, Tangalle, Hambantota, no Sri Lanka, projeto de Oxfam.

¹⁷¹ Correia, Maria; Dipasquale Letizia; Saverio Mecca (Ed. Lit.) – *Versos: Heritage for tomorrow - Vernacular knowledge for Sustainable Architecture* . Florença: Firenze University Press, 2014. p.59

¹⁷² Architecture for Humanity – *Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises*. New York: Metropolis Books, 2006. p.98

Como refere o arquiteto Carlos Franco¹⁷³,

“Quando vais visitar alguns campos de refugiados mais antigos, as tendas já deixaram de ser tendas, as pessoas já aproveitaram material da tenda e construíram uma habitação; a tenda passa a ser a cobertura ou a impermeabilização dessa construção de lata. Tu dás-lhes uma coisa e ao fim de algum tempo vão transformá-la de alguma forma e, acho que também deveria passar por aí; a maneira como se pensa os campos hoje em dia, não ser só finito naquele objeto em si, mas haver essa possibilidade; já que estamos a aplicar um material que eles não têm acesso, como as tendas impermeáveis, e estamos a fornecer esse material às pessoas, que essas tendas, de alguma forma, pudessem ser pensadas para que as pessoas que utilizassem esse material, em conjunto com outro que tivessem no local, reconstruíssem a sua nova casa”¹⁷⁴.

¹⁷³O arquiteto **Carlos Franco** fundou o atelier Studio Muda em 2014, que se foca em questionar e repensar as áreas de urbanismo, design e arquitetura, considerando assuntos globais como a sustentabilidade, cultura local e contexto.

Atualmente é também diretor do departamento português da Build Academy, onde participou como aluno e professor assistente.

¹⁷⁴ Ver Anexo I. B - Entrevista ao arquiteto Carlos Franco, Studio Muda p.185

- Paper Log Houses, Shigeru Ban

O arquiteto Shigeru Ban foi galardoado com o prêmio Pritzker em 2014, pelo seu trabalho criativo na resposta a situações de emergência pós catástrofe. O arquiteto destaca-se pela utilização de tubos de papel nas suas construções, tanto temporárias como permanentes.

Segundo Matilda Mcquaid, “A number of facts led to the choice of paper tubes. First, they addressed the serious problem of local deforestation which resulted when refugees cut down trees to build shelter frames. Second, they were inexpensive and carried little risk of being sold off. Finally, it was possible to produce the tubes on site, reducing transportation time, expense, and potential waste”¹⁷⁵.

Com a ajuda dos seus alunos, Ban construiu, a partir de tubos de papel, vários abrigos temporários e até mesmo uma igreja de carácter de emergência, que acabou por prevalecer durante uma década em Kobe, cidade japonesa parcialmente destruída por um terramoto em 1995 (fig.27|28).



Fig. 27– Casas Temporárias Paper Log, Kobe, Japão, projetadas por Shigeru Ban.

¹⁷⁵ Mcquaid, Matilda – **Shigeru Ban**. Hong Kong: Phaidon Press Limited, 2003. p.30



Fig. 28 – Igreja Temporária de papel, Kobe, Japão, projetadas por Shigeru Ban.

Os abrigos temporários de Kobe utilizavam uma esponja entre os tubos que constituíam as paredes, para que se tornassem resistentes à água, sendo que deles fazia parte um tratamento que os deixava igualmente resistentes ao fogo.

Na verdade, “The first six houses were completed after only eight hours and approximately twenty-one were built within the month. (...) They were cheaper and more easily assembled than other temporary, prefabricated housing, and the fact that they were also recyclable contributed to the project’s success”¹⁷⁶.

Apesar do demorado tempo de construção o impedir de fornecer toda a ajuda imediata necessária, os resultados do que chegou a ser construído foram bastante positivos. Para além de ter conseguido que as suas casas temporárias fossem

¹⁷⁶Mcquaid, Matilda – Shigeru Ban. Hong Kong: Phaidon Press Limited, 2003. p.36

construídas perto do centro económico da cidade, a construção de um templo, foi extremamente importante para a recuperação emocional da comunidade. O facto de existir um sitio seguro onde a população se pudesse reunir promoveu a inter-ajuda e funcionou como um sinal de esperança.

Shigeru Ban acredita que, “We are not working for society, we are working for privileged people, government. They have money and power, those are invisible, so they hire us to make monumental architecture”¹⁷⁷.

O arquiteto pretende que a arquitetura seja uma disciplina social, e não apenas algo que apenas uma classe privilegiada possa aceder (fig.29). Deste modo, considera-se que Shigeru Ban demonstra a verdadeira importância da arquitetura ao provar o quanto pode impactar a qualidade de vida de qualquer classe social.



Fig. 29 - Sistema 4 de Partições de Papel num ginásio que acolhia desalojados de um terramoto/tsunami, Japão, projetado por Shigeru Ban.

¹⁷⁷Ban, Shigeru. Shigeru Ban: Emergency shelters made from paper. Ted talk. [Em linha]. USA [Consult. 13 Dec. 2016]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.youtube.com/watch?v=q43uXdOKPD8>

02.3 – Habitação Permanente

“1 in 6 people live in slums or “contiguous settlements where inhabitants are characterized as having inadequate housing and basic services,” but if no action is taken, that number could grow to 1 in 3 by the year 2020”¹⁷⁸.

Vários são os assentamentos de emergência que perduram muito além do espectável. Numa situação em que os fundos monetários e outros recursos são escassos, e o governo corrupto, o processo de reconstrução não é concluído.

Para além do baixo nível económico que os impede de alterar a sua situação, apresentam vários problemas sociais associados a todas estas falhas de direitos humanos. O resultado são lugares isolados, onde os habitantes se sentem frustrados e prisioneiros. Autênticos bairros de lata que respondem apenas ás mínimas condições de sobrevivência. Sem acesso à Saúde, Educação e conseqüentemente a um futuro melhor.

A Dr. Victoria L. Harris, defende que uma abordagem de recuperação a longo prazo é crucial para a sobrevivência das populações desalojadas, quer sejam refugiadas ou não;

“there are not enough good long-term building projects spearheaded by NGOs and donors, a situation that perpetuates vulnerability in developing communities and leads to catástrofe when natural calamities strike. Simply put: there is not enough architectural and design expertise within most organizations and agencies to adress this problem.

This means that architects (alongsite other built-environment professionals) are vital to creating significant change in how disaster relief and development are practiced”¹⁷⁹.

110

¹⁷⁸ Architecture for Humanity – **Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises**. New York: Metropolis Books, 2006. p.138

¹⁷⁹ Aquilino, Marie J. - **Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity**. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. p.13

- Quinta Monroy housing Project - ELEMENTAL housing initiative

Um exímio exemplo do impacto positivo da arquitetura é o projeto da Quinta Monroy, de 2003. Um projeto do Atelier Elemental, liderado por Alejandro Aravena, que propõe reverter a situação precária de um bairro de favelas no Chile (vd. fig.30|31).

Em primeiro lugar, foram desenvolvidos workshops onde a comunidade pôde participar e partilhar as suas ideias e vontades com os arquitetos. Segundo Alejandro Aravena, “it’s not asking yourself “Well, what would be good social housing?” We went out to the people that have the problem and asked them if we could be of any help (...)”¹⁸⁰.

Percebe-se assim, que a nova construção deveria ser implementada no mesmo local onde se encontrava a favela. A razão pela a qual a população pretendia permanecer no mesmo lugar estava ligada á economia da mesma, na medida em que a curta distancia entre as habitações e os postos de trabalho é de extrema importância para a sobrevivência destas famílias. Deste modo, um lote que apresente um preço mais acessível na periferia da cidade, só vai piorar as condições de vida dessa família pois está a uma larga distância das suas oportunidades de trabalho. Assim sendo, existe a necessidade de priorizar; “The other thing that people know, particularly when you don’t have enough resources to do everything, is what are the priorities. If we can’t do everything, what definitely can’t be left out. Establishing the priorities comes forward in the process of participation, particularly in poor environments”¹⁸¹.

111

A área das novas casas, a necessidade de espaço era crucial, no entanto o orçamento não permitia a oferta de espaço suficiente. Era preciso perceber que as famílias iriam fazer acrescentos á sua casa, sem a preocupação de seguir as linhas de pensamento do arquiteto, mas sim seguindo as suas próprias ideias. Assim, ao invés de ser projetada uma pequena casa, foi construída metade de uma. Deste modo, as habitações teriam o dobro do tamanho quando completadas pela população. Segundo o arquiteto Alejandro Aravena; “There’s a lot of misunderstanding of participatory design. You’re not asking people for the answers. What we’re trying to do is to identify what is the problem. What we’re trying to do by

¹⁸⁰Aravena, Alejandro – **Alejandro Aravena The Forces of Architecture**. Tokyo: TOTO Publishing, 2011. p.172

¹⁸¹Winston, Anna – Alejandro Aravena Interview. Dezeen [Em linha]. USA [Consult. 23 Jan. 2017]

Disponível em WWW: <URL: <https://www.dezeen.com/2016/01/13/alejandro-aravena-interview-pritzker-prize-laureate-2016-social-incremental-housing-chilean-architect/>

asking people to participate is envision what is the question, not what is the answer. There's nothing worse than answering the wrong questions well"¹⁸².



112

Fig. 30 - Bairro Social, Chile, projetado por Elemental.

¹⁸² Winston, Anna – Alejandro Aravena Interview. Dezeen [Em linha]. USA [Consult. 23 Jan. 2017]
Disponível em WWW: <URL: <https://www.dezeen.com/2016/01/13/alejandro-aravena-interview-pritzker-prize-laureate-2016-social-incremental-housing-chilean-architect/>>

Inspirados nas limitações do projeto ao invés de se sentirem paralisados pelas mesmas, o atelier projeta um bairro de casas paralelas cujo desenho convida a construção em altura de modo a evitar o excesso de construção horizontal que devora o espaço público do bairro. A comunidade acolheu a ideia de forma bastante positiva, tendo rapidamente feito os seus próprios acrescentos no espaço que os arquitetos deixaram para os mesmos. O arquiteto explica a complexidade dos vários problemas que o projeto tenta resolver: “If we had to synthesize our operations, we would say that the equation we are trying to solve is to design low rise, dense enough complexes able to pay for expensive well located land, with no overcrowding and with capacity for each family to grow”¹⁸³. Deste modo, é perceptível a importância das disciplinas que, apesar de aparentemente estarem para lá da arquitetura, como a economia e o carácter social, são vitais para o bom funcionamento da mesma.

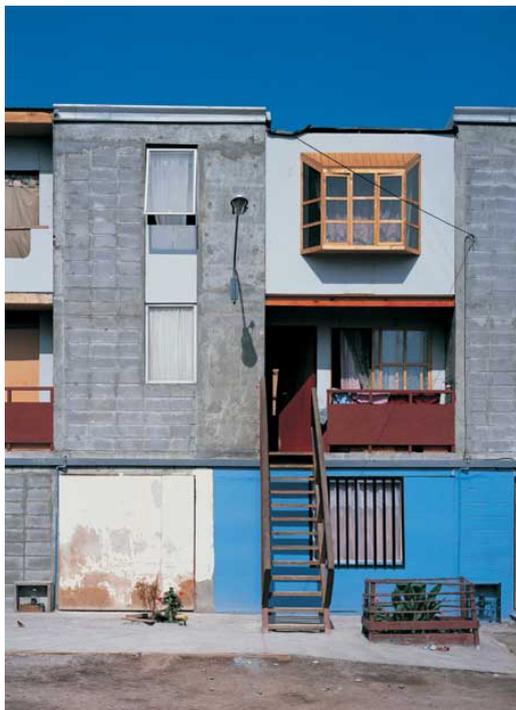


Fig. 31 - Bairro Social, Chile, projetado por Elemental.

¹⁸³ Aravena, Alejandro – **Alejandro Aravena The Forces of Architecture**. Tokyo: TOTO Publishing, 2011. p.119

- MUTUO

O atelier MUTUO pretende seguir esse raciocínio, funcionando como uma plataforma que aproxima arquitetos de pessoas que necessitam de uma casa. O processo começa com um concurso que desafia tanto arquitetos como estudantes de arquitetura a projetar uma habitação para as famílias que pediram ajuda ao atelier. O projeto e respetivo projetista vencedor serão integrados no atelier, para que possam desenvolver todos os detalhes técnicos necessários á construção do projeto. O atelier ajuda também as famílias as escolher a ajuda financeira que mais se adequa á sua situação. Ao terminar a construção é feita uma vistoria periódica que visa a manutenção da obra. O pensamento destes arquitetos peruanos advém de uma lacuna não só na quantidade de habitações como na qualidade das mesmas.

De acordo com o atelier, “En el Perú existe un déficit de 1.8 millones de viviendas. Sorprendentemente, sólo el 20% de este déficit es de orden CUANTITATIVO, es decir que sólo el 20% constituye vivienda que hace falta construir. El otro 80% representa vivienda que existe, pero que no cumple con los estándares de calidad necesarios para ser considerada como tal”¹⁸⁴. A confrontação com uma realidade tão negra não desencorajou o grupo, que acredita poder inverter a situação tornando-a numa comunidade próspera. Para tal existe tanto uma luta pela inserção social como pela facilitação ao acesso dos serviços básicos. Existe também uma preocupação ambiental para que o projeto seja sustentável a todos os níveis. O seu objetivo é, “tener incidencia en los temas de seguridad, inclusión social, sostenibilidad y gestión participativa en los sectores de las ciudades y comunidades que se ven afectados por la falta de planeamiento y el crecimiento urbano indiscriminado”¹⁸⁵. Nesse sentido, utilizam materiais locais, determinados pela localização da comunidade; “The materials are determined by the community’s location. If we work with a community in Lima, it is likely that we will use regular materials like bricks or concrete, but if we work with communities in the rainforest or our Andes, we will probably incorporate wood or earth”¹⁸⁶.

114

¹⁸⁴ Mutuo. El proyecto. Mutuo. [Em linha]. America Latina [Consult. 14 Jun. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <http://mutuo.org.pe/index.php/el-proyecto/#1481327799597-eb9aa640-b1de784a-ae72>

¹⁸⁵ Mutuo. El proyecto. Mutuo. [Em linha]. America Latina [Consult. 14 Jun. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <http://mutuo.org.pe/index.php/el-proyecto/#1481327799597-eb9aa640-b1de784a-ae72>

¹⁸⁶ Ver Anexo I.C - Entrevista ao Atelier MUTUO

02.4 – Centros comunitários

-Centro de mulheres Rufisque – Hollmén Reuter Sandman architects

A secretária geral da Organização da Integração Económica da América Central, Arancha González, afirma que a igualdade de género é fundamental para o desenvolvimento dos países considerados *subdesenvolvidos*; “Gender equality should be a concern in all public policies, so it is crucial that developing countries complete the adoption of a gender perspective. However, the challenges are diverse and resources limited”¹⁸⁷.

É nesse sentido que o atelier Hollmén Reuter Sandman Architects, liderado por três arquitetas finlandesas projeta um centro comunitário para mulheres em Rufisque no Senegal, de 1995 a 2001 (fig.32|33). A necessidade deste equipamento advém do crescimento da população nos últimos anos, que resultou na formação de grupos de mulheres ativos na comunidade.

Devido à economia do país, as mulheres que trabalham nos mercados são normalmente a única fonte de rendimento de muitas famílias. Esse fenómeno permitiu a formação de sociedades femininas de micro empréstimos, o que levou à emancipação de várias mulheres que podiam inclusive criar os seus filhos, sozinhas.

115

Na verdade, “segregated within their culture from the male sphere of commerce, the women created an emotional and fiscal support network, which provided opportunities for economic growth and stability and, in some cases, a means of survival for them and their children”¹⁸⁸

¹⁸⁷ Arancha González - *International Trade Forum. Refugees and economic opportunities*. 2016. p.33

¹⁸⁸ *Architecture for Humanity – Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises*. New York: Metropolis Books, 2006. p.226

Assim sendo, a população feminina africana tem vindo a desenvolver-se;

“The general African way of women organising themselves in groups, with the number of members ranging from tens to hundreds, also occurs in Senegal. An active and strong women's group seeks to ease its members' everyday life amidst poverty, and to guarantee them a reasonable 'social security'. Women's level of schooling is improved through independent initiatives and literacy courses. The organisations supplement their income by selling home-made food and needlework. They also assist women to adapt to the change in their life when they move from the countryside to the city. The women's groups are structured organisations, which is a step forward from the traditional social network created by family and friends”¹⁸⁹.

116



Fig. 32 - Centro de mulheres, Rufisque, projetado por Hollmén Reuter Sandman architects, em 2001.

¹⁸⁹Hollmen Reuter Sandman. Featured Projects. hollmenreutersandman [Em linha]. Finlândia [Consult. 20 Jul. 2017]. Disponível em WWW: <URL: http://www.hollmenreutersandman.com/p1_text.php



Fig. 33 - Centro de mulheres, Rufisque, projetado por Hollmén Reuter Sandman architects, em 2001.

A construção de três edifícios dispostos em “U” em torno de pátio comum, foi uma decisão que partiu de um pensamento coletivo, entre as arquitetas e as futuras utilizadoras do centro. As ideias democráticas revelam-se tanto na formação destes grupos de mulheres emancipadas como na arquitetura dos seus espaços: “With its space ordered around a courtyard, the center echoes the traditional Senegalese gathering space and serves as a metaphor for democracy”¹⁹⁰.

Os materiais usados são locais e reciclados, uma vez que a sustentabilidade do projeto é um dos objetivos do atelier. Existe assim uma preocupação não só económica, mas também ambiental. Por exemplo, a utilização da madeira é evitada ao máximo, visto ser um recurso escasso no país. Segundo o atelier hollmenreutersandman; “The building frame is a cast-in-place column and beam structure, with the walls made of concrete blocks cast in a mould and dried on site. The roof is

¹⁹⁰Architecture for Humanity – Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises. New York: Metropolis Books, 2006. p.226

corrugated metal sheeting supported by a system of steel beams, with thick woven straw matting forming an insulating ceiling structure; the space between is ventilated, which guarantees that the air indoors is kept pleasantly cool¹⁹¹.

As consequências sociais do centro comunitário de e para mulheres foram bastante positivas, uma vez que cerca trinta grupos femininos o utilizam. O espaço é utilizado para a partilha de conhecimentos e troca de ideias. Na verdade, “For the women of Rufisque the center’s courtyard has become a symbol of unity, a modern-day version of the comunal hearth, where they can share their concerns and aspirations”¹⁹².

¹⁹¹Hollmen Reuter Sandman. Featured Projects. hollmenreutersandman [Em linha]. Finlândia [Consult. 20 Jul. 2017]. Disponível em WWW: <URL: http://www.hollmenreutersandman.com/p1_text.php

¹⁹²Architecture for Humanity – **Design like you give a Damn (2), Building from de ground up**. New York: ABRAMS, 2012. p.226

02.5 – Saúde

Vários são os direitos humanos que se perdem numa situação pós-catástrofe. Numa situação em que os recursos são escassos, direitos como o acesso livre ao tratamento médico torna-se um luxo, que é vedado á maioria dos sobreviventes.

-Centro de cirurgia cardiaca no Sudão – TAM Associati

Raul Pantaleo, arquiteto sócio do atelier TAM Associati acredita que: “As architects we want to uphold the Principe of ethical and responsible project planning and prove that design professionals can serve and foster civil rights and sustainable development - even during crises and in the most difficult conditions of displacement and armed conflict”¹⁹³. Neste sentido, o atelier TAM Associati projeta um centro de cirurgia cardíaca no Sudão, que oferece cuidado médico especializado(fig. 33|34). Sendo um equipamento público de elevada qualidade num ambiente de pobreza e insegurança, tornou-se num “regional catalyst for other new resources and processes aimed at responsible forms of social transformation”¹⁹⁴.

Os princípios que o atelier seguiu para atingir um impacto social positivo, que levasse ao desenvolvimento da comunidade, partiram da vontade de projetar “a place that is hospitable, domestic and beautiful”¹⁹⁵ para todos os indivíduos independentemente do seu estrato social. Deste modo, o projeto oferece vários espaços comunitários que fomentam a paz e a segurança. Um exemplo disso é o espaço de reza, que padece de qualquer símbolo religioso, não só por existirem várias religiões na área, mas também por isso ser uma das razões do conflito interno do país. Situado na margem do rio Nilo, o centro procura uma atmosfera familiar, a partir dos materiais e tipologias de espaços que oferece;

“The hospital's buildings, that "embrace" the courtyard, have been designed in the form of a pavilion. Their reduced height inspires in patients and hospital staff a sense of "homeliness" that is also present in many details and that attempts to reduce the idea of being hospitalised. This is a philosophy that aims to create a cosy space where patients can feel as fully-fledged "subjects" with a right to an often missing respect, rather than mere "objects" of care”¹⁹⁶.

119

¹⁹³ J. Aquilino, Marie (Ed. Lit.) – **Beyond shelter – Arcuitecture for Crisis**. United Kingdom: Thames&Hudson Ltd, 2011. p.212

¹⁹⁴ J. Aquilino, Marie (Ed. Lit.) – **Beyond shelter – Arcuitecture for Crisis**. United Kingdom: Thames&Hudson Ltd, 2011. p.212

¹⁹⁵ J. Aquilino, Marie (Ed. Lit.) – **Beyond shelter – Arcuitecture for Crisis**. United Kingdom: Thames&Hudson Ltd, 2011. p.212

¹⁹⁶ Arch daily. Salam Centre for Cardiac Surgery / Studio Tam associati. Arch daily. [Em linha]. USA [Consult. 20 Jul. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.archdaily.com/19061/salam-centre-for-cardiac-surgery-studio-tam-associati>



Fig. 34 - Centro de cirurgia cardíaca, Sudão, TAM Associati, em 2007.

120



Fig. 35 – Pormenor construtivo, utilização de materiais e técnicas locais, projeto de TAM Associati, em 2007.

A sustentabilidade é também um dos objetivos principais da construção. Exemplos disso são a utilização de painéis solares como fonte de energia, assim como o uso de vegetação e aproveitamento da brisa do rio para controlar a temperatura interior. Todo o complexo não ultrapassa a altura de um piso, estendendo-se por um parque, “separated from the external macrocosm, hostile and scorched, of Soba, Khartoum, and impoverished, war-weary Sudan”¹⁹⁷. Uma separação que promove o sentimento de segurança e calma ao doente e respetiva família.

De modo a conseguir construir um equipamento com qualidade suficiente para albergar um centro de cirurgia cardíaca, cujos serviços são oferecidos, e cujos fundos de construção são escassos, o atelier TAM Associati adoptou uma postura de positivismo e inovação. Segundo Raul Pantaleo,

“These technological solutions are context-specific. In a country with very low levels of technology and with particularly harsh conditions, the key features of the work are simplicity and innovation. Rejecting the practice of providing “third world” structures for “third world” countries, we proved that with creativity and low-cost technology the same standards of health care can be guaranteed as in any western health-care center”¹⁹⁸.

O arquiteto Thierry Joffroy considera que, a construção tradicional é muitas vezes mais resiliente, e fácil de reabilitar do que um modelo estandardizado que ignora as condições locais;

“Still, international building standards prevail, bringing about similar results everywhere. Every disaster tends to remind us of this fact. In a majority of cases, close observation reveals that traditional buildings are more resistant, or at least cause fewer casualties. Furthermore, the rehabilitation of traditional buildings is feasible, simple and less costly. These models should, therefore, inspire professionals involved in reconstruction programs”¹⁹⁹.

121

¹⁹⁷ J. Aquilino, Marie (Ed. Lit.) – **Beyond shelter – Arcuitecture for Crisis**. United Kingdom: Thames&Hudson Ltd, 2011. p.215

¹⁹⁸ J. Aquilino, Marie (Ed. Lit.) – **Beyond shelter – Arcuitecture for Crisis**. United Kingdom: Thames&Hudson Ltd, 2011. p.216

¹⁹⁹ Thierry, Joffroy. Learning from Local Building Cultures to Improve Housing Project Sustainability. UN Chronicle.

[Em linha]. USA [Consult. 3 Jul. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <https://unchronicle.un.org/article/learning-local-building-cultures-improve-housing-project-sustainability>

02.6 – Educação

Em pleno século XXI as estatísticas continuam a mostrar um deficit no acesso à educação a nível mundial; “275,000,000 children never attend or complete primary school education. 870,000,000 of the world’s adults are illiterate”²⁰⁰. São exatamente os países que padecem de um sistema educativo forte que apresentam maiores dificuldades sociais; “there are 103,000,000 out-of-school children; 57% are girls. Three-quarters are concentrated in sub-Saharan Africa and South and West Asia”²⁰¹. Considera-se ser necessário intervir e alterar estes valores, pois um mundo em que todos os países apresentam indivíduos formados e capazes de tornar um mundo um sitio melhor, é um mundo com uma qualidade de vida superior, mesmo nos países já “desenvolvidos”.

No entanto, a importância dada á educação pelas agencias humanitárias é extremamente baixa, tanto em países subdesenvolvidos como em situações pós-catástrofe. Segundo a UNICEF, “Education accounts for less than 2 per cent of total humanitarian aid”²⁰². A força da educação vai para além da percentagem de empregabilidade futura. Numa situação de perda e insegurança, a escola vem trazer estabilidade, o que ajuda as crianças a lidar com os traumas pelos quais estão a passar. Para além disso consegue proteger as crianças de perigos eminentes e fornecer os recursos básicos necessários, aos quais muitas vezes não têm acesso.

Dos quais a UNICEF refere: “Schools can protect children from the physical dangers around them, including abuse, exploitation and recruitment into armed groups. In many cases, schools also provide children with other lifesaving interventions, such as food, water, sanitation and health”²⁰³.

As consequências da Educação em qualquer tipo de situação de emergência são extremamente positivas. Algo em que a maioria das famílias afetadas acredita, na medida em que “boost economic growth, reduce poverty and inequality. Education also contributes to restoring peace and stability”²⁰⁴.

²⁰⁰ Architecture for Humanity – Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises. New York: Metropolis Books, 2006. p.245

²⁰¹ Towards EFA: The Quality Imperative,” EFA Global Monitoring Report 2005 [Em linha]. EU [Consult. 3 Mai. 2017] Disponível em WWW: <URL: <http://www.right-to-education.org/resource/efa-global-monitoring-report-2005-education-all-%E2%80%93-quality-imperative>

²⁰² UNHCR – Education in emergencies. UNHCR – The UN refugee agency. [Em linha]. EU [Consult. 20 Jun. 2017] Disponível em WWW: <URL: https://www.unicef.org/education/bege_70640.html

²⁰³ UNHCR – Education in emergencies. UNHCR – The UN refugee agency. [Em linha]. EU [Consult. 20 Jun. 2017] Disponível em WWW: <URL: https://www.unicef.org/education/bege_70640.html

²⁰⁴ UNHCR – Education in emergencies. UNHCR – The UN refugee agency. [Em linha]. EU [Consult. 20 Jun. 2017] Disponível em WWW: <URL: https://www.unicef.org/education/bege_70640.html

-Escola primária Gando – Diébédo Francis Kéré

O arquiteto Diébédo Francis Kéré, decidiu fazer precisamente uma intervenção nesse sentido. Assim sendo, em 1998 consegue obter o apoio do governo e angariar os fundos necessários para a construção de uma escola, que completa em 2001(fig.35).

Tal como nos vários projetos acima descritos, o arquiteto decide utilizar materiais locais como o tijolo de terra, uma vez que o barro era um material abundante na região. Embora tenha tido a ajuda dos artesãos da aldeia, toda a comunidade, participou na construção da escola. Devido ao baixo orçamento, os sistemas construtivos que utilizou são simples, o que não diminui a sua eficácia. Por exemplo, o ar das salas de aula é arrefecido a partir de um sistema de cobertura dupla.

O arquiteto descreve como o sucesso do projeto se deve ao facto de ter utilizado os constrangimentos locais em seu favor;

“The success of the project relied on both embracing and negating these constraints. In order to maximize results with the minimal resources available, a clay/mud hybrid construction was primarily used. Clay is abundantly available in the region, and is traditionally used in the construction of housing. These traditional clay-building techniques were modified and modernized in order to create a more structurally robust construction in the form of bricks. The clay bricks have the added advantage of being cheap, easy to produce, and also providing thermal protection against the hot climate. Despite their durability, however, the walls must still be protected from damaging rains with a large overhanging tin roof”²⁰⁵.

Para além dos detalhes construtivos, é interessante perceber a maneira como o projeto foi inicialmente recebido; “According to people in my region, Europeans use more solid materials, like concrete or steel, when they build houses for themselves. This is (seen as) progress (...) The villagers found that unacceptable because they equate clay to backwardness”²⁰⁶. A oposição ao projeto advém de um sentimento de inferioridade que nos dias de hoje se perpétua quando nos referimos a estes países como “terceiro mundo”. No entanto, quando a escola se provou resistente o suficiente para resistir às fortes chuvas do país, a população mudou a sua opinião, “People started talking about this pretty schoolhouse in Africa whose walls are so beautiful and pleasantly cool and whose roof floats as if it were able to fly”²⁰⁷.

²⁰⁵ Kere Architecture. Gando Primary School. Kere Architecture. [Em linha]. Alemanha [Consult. 10 Mai. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.kere-architecture.com/projects/primary-school-gando/>

²⁰⁶ Architecture for Humanity – *Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises*. New York: Metropolis Books, 2006. p.254

²⁰⁷ Architecture for Humanity – *Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises*. New York: Metropolis Books, 2006. p.253

Hoje em dia a escola alberga quase o triplo dos estudantes para o qual foi projetada, incluindo raparigas, o que demonstra um sucesso exímio. Um outro aspecto extremamente positivo são as várias das pessoas que foram treinadas para construir a escola com as técnicas de tijolo de terra. As mesmas não só fizeram outras escolas semelhantes em aldeias próximas como foram contratadas pelo governo local para a construção de outros equipamentos públicos. Diébédo Francis Kéré defende que: “without education development is a dream”²⁰⁸.



124

Fig. 36 - Escola primária, Gando, projetada por Diébédo Francis Kéré, em 2001.

²⁰⁸ Architecture for Humanity – Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises. New York: Metropolis Books, 2006. p.255

02.6.1 – Desporto

A importância da prática de desporto estende-se para além dos claros benefícios a nível da saúde. Aprender a trabalhar em equipa, ser perseverante e lidar com o fracasso, são apenas alguns dos benefícios que indivíduos que pratiquem desporto tendem a apresentar.

-Skateistan – Convic designs

Após uma viagem a Kabul no Afeganistão, que os skaters; Oliver Percovich e Sharna Nolan realizaram com o intuito de praticar o seu desporto de eleição, os mesmos decidiram criar o projeto *Skateistan*, devido á aderência demonstrada pelas crianças locais. Segundo o grupo:

“Skateistan’s model is founded on the belief that skateboarding is a great equalizer. With a safe space and staff trained in delivering quality programs, we develop community leaders and skateboarders who know how to safely fail and persevere through adversity. This new generation of role models is equipped to tackle complex problems in their own lives as well as in their local and global communities”²⁰⁹.

Sendo uma região bastante problemática, foi decidido que seria construído um parque fechado e vigiado, de modo a que todas as crianças, voluntários e trabalhadores estivessem em segurança (fig.36). O terreno no qual o complexo desportivo foi construído, foi doado pelo Comité Olímpico do Afegão, e foram vários os doadores de materiais e fundos para a construção, que continuam a apoiar o *Skateistan*. A opinião da comunidade foi mais uma vez considerada, e a ajuda da mesma proporcionou a criação de um espaço integrado e apropriado á cultura da região. Sendo que,

“It is common for local government, youth, parents, and community groups to work together to build safe, supervised, and youth-friendly facilities”²¹⁰.

Para além de skate, as crianças que disfrutam do espaço têm acesso a salas de aula e a computadores. O intuito é a criação de programas que ajudem estas crianças a ter sucesso escolar, ou até mesmo incentivar jovens que tenham desistido do seu percurso académico; “For one hour in the park, kids spend na hour in the classroom”²¹¹.

²⁰⁹Skateistan. About. Skateistan. [Em linha]. Australia [Consult. 22 Jun. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <https://skateistan.org/about/>

²¹⁰Skateistan. About. Skateistan. [Em linha]. Australia [Consult. 22 Jun. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <https://skateistan.org/about/>

²¹¹Architecture for Humanity – *Design like you give a Damn (2), Building from de ground up*. New York: ABRAMS, 2012. p.227

O projeto conseguiu também a participação de raparigas, sendo que estas constituem mais de metade das crianças que usufruem das instalações. Para que tal seja possível, existem aulas de skate e espaços nas salas de estudo onde a participação de raparigas é exclusiva, sendo que nesses horários todos os funcionários são mulheres. Adicionalmente é disponibilizado transporte para que as mesmas possam frequentar o espaço em segurança. Na verdade, “In South Africa and Cambodia, Skateistan hopes to address the gender gap through their girls-only sessions”²¹².

Todos estes serviços são oferecidos às crianças até aos seus dezoito anos. Segundo a equipa, “At 18, youth graduate from Skateistan and from high school with an expanded notion of community, and the tools to seek out further education and employment. Some become Skateistan volunteers and staff, and all join a global community of active, engaged citizens - promoting such values as equality, education, and inclusion”²¹³.

Deste modo, o projeto consegue demonstrar a importância do desporto comunitário no desenvolvimento da própria comunidade, não só a nível académico, mas também a nível pessoal e inter-pessoal.



Fig. 37 – Skatepark, Afeganistão, projetado por Skateistan, em 2007.

²¹²Skateistan. About. Skateistan. [Em linha]. Australia [Consult. 22 Jun. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <https://skateistan.org/about/>

²¹³Skateistan. About. Skateistan. [Em linha]. Australia [Consult. 22 Jun. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <https://skateistan.org/about/>

02.6.2 – Artes

Diversos pedagogos defendem a expressão artística como algo essencial á educação do individuo. Na opinião de Freud, que embora visse a educação estandardizada como um meio opressor e redutor das capacidades do individuo, este defendia que o sistema educativo poderia ser exatamente o oposto. A solução poderia estar numa abordagem menos rígida, que se poderia obter através da utilização da arte, como meio libertador e de auto-descoberta. Sendo assim Freud afirma que, “it is in the direction of the encouragement of the instincts, and as a prophylactic against the disciplinary measures of the ordinary conception of education, that education in art gains its importance and must in future play a far greater part than has hitherto been given to it”²¹⁴.

É nesse sentido que diversas organizações de apoio a jovens de risco incentivam os mesmos a utilizar meios artísticos que os permitam encontrar-se a si mesmos, enquanto descobrem uma alternativa a uma vida delinquente. Uma atividade que não só os sustente como também dignifique, alterando a perceção que têm de si próprios, passado a poder oferecer algo á respetiva comunidade.

-Tiuna el fuerte parque cultural, Lab.Pro.Fab

O atelier Lab.Pro.Fab segue esse mesmo raciocínio na criação de um coletivo onde jovens com dificuldades económicas de Caracas, na Venezuela, pudessem escapar a um futuro de violência e crime (fig.37). No coletivo o desenvolvimento pessoal é fomentado através da expressão artística desde artes performativas, ao grafitti, passando pelo teatro, cinema, música, poesia e dança. Os jovens arquitetos pretendiam, taking up the rebellious urban arts as arms in a struggle to radically transform the society in which we live”²¹⁵.

Situado num antigo paraque de estacionamento, é construído á base de contentores reciclados, dispostos de forma a formarem espaços abertos entre si, o que permite um vasto leque de atividades. Lorena Freitez, uma ativista que fez parte

²¹⁴ Read, Herbert – **Art and Society**. London: Faber and Faber, 1967. p.105

²¹⁵ Architecture for Humanity – **Design like you give a Damn (2), Building from de ground up**. New York: ABRAMS, 2012. p.176

do desenvolvimento do projeto afirma que “We want to create an alternative use or value to those materials and people that have been excluded from the formal discourse of the city”²¹⁶.

Tendo sido apoiado pelo governo durante seis anos, o coletivo funciona de forma independente, a partir de doações. Existe também o pagamento pelo uso privado do equipamento, embora em vez de uma quantia monetária, a moeda é aceite em forma de cursos e workshops destinados aos jovens locais.

Atualmente, o Tiuna continua a crescer, tendo já dois auditórios, e um projeto para a tornar num parque, cujas árvores já começaram a ser plantadas pelos próprios jovens que usufruem do espaço;

“Diariamente alberga a más de 500 niños y adolescentes para cumplir funciones de formación cultural y artística, teniendo como plataforma una arquitectura sostenible basada en la aplicación de tecnologías alternativas para la construcción y el control y manejo de la energía. (...)El parque cultural Tiuna El Fuerte aspira a consolidarse en un modelo de micro urbanismo sostenible con programas mixtos complementarios para el desarrollo social integral”²¹⁷.



128

Fig. 38 - Tiuna el fuerte parque cultural, projetado por Lab.Pro.Fab em 2005.

²¹⁶Architecture for Humanity – *Design like you give a Damn (2), Building from de ground up*. New York: ABRAMS, 2012. p.177

²¹⁷ Lab.Pro.Fab. lab.pro.fab - parque cultural Tiuna El Fuerte . Caracas. Afasia Archzine. [Em linha]. Venezuela [Consult. 22 Jun. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <http://afasiaarchzine.com/2013/04/labprofab/>>

02.9 – Acupuntura Urbana

Acupuntura urbana refere-se ao tratamento de uma cidade a partir de pequenas intervenções com o objetivo de que estas funcionem como catalisadores do desenvolvimento social e bem-estar da respetiva comunidade.

Segundo o arquiteto Jamie Lerner;

“O princípio de recuperar a energia de um ponto doente ou cansado por meio de um simples toque tem a ver com a revitalização deste ponto e da área ao seu redor (...) Assim como a medicina necessita da interação entre médico e paciente, em urbanismo também é preciso fazer a cidade reagir. (...) É indispensável intervir para revitalizar, fazer o organismo trabalhar de outra maneira”²¹⁸.

-In Situ Slum Rehabilitation – Prasana Desai Architects and Urban Nouveau

É a partir deste pensamento que o Atelier Urban Nouveau projeta a reabilitação de Yerawada uma favela indiana, cujas condições não satisfaziam as necessidades da população que a habitava (fig.38).

O pensamento que dita que a forma de intervenção mais proveitosa é a destruição total da favela de modo a dar lugar a novas habitações apresenta vários aspetos negativos visto que, “it comes at the cost of damaging the social fabric of the community and the financial capital already invested in the slum”²¹⁹.

Sendo assim, o atelier decide trabalhar com a comunidade de modo a entender o funcionamento da mesma, e consequentemente as suas necessidades arquitetónicas. Em conjunto com os princípios base dos arquitetos, as ideias e força de vontade da população ditaram o curso de todo o trabalho. De acordo o observado,

“Soon after Filipe and Sara arrived to Bombay, a team of international architects, urban planners, landscape architects and graphic designers volunteered to set up the strategy which uses the existing urban formations as starting point for development. Organic patterns that have evolved during time are preserved and existing social networks are respected. Neighbors remain neighbors, local remains local”²²⁰.

²¹⁸Lerner, Jamie – **Acupuntura Urbana**. Rio de Janeiro: Record, 2011. p.7

²¹⁹Architecture for Humanity – **Design like you give a Damn (2), Building from de ground up**. New York: ABRAMS, 2012.. p.276

²²⁰Winston, Anna – Alejandro Aravena Interview. Dezeen [Em linha]. USA [Consult. 23 Jan. 2017]

Disponível em WWW: <URL: <https://www.dezeen.com/2016/01/13/alejandro-aravena-interview-pritzker-prize-laureate-2016-social-incremental-housing-chilean-architect/>>

O objetivo principal do atelier era reconstruir em betão as habitações cujos materiais fossem demasiado precários, sendo que a nova tipologia seguiria a vontade do morador.

De acordo com o arquiteto Filipe Balestra, do atelier Urban Nouveau, “Sabíamos que os habitantes das favelas queriam morar onde sempre moraram, e que ali constrói-se a pouco e pouco. Na Índia, trabalhámos numa estratégia que consiste em melhorar a favela sem a demolir de um modo progressivo com a ajuda dos moradores”²²¹.

Foram assim desenvolvidas três tipologias formalmente semelhantes, cuja diferença se encontrava no tipo de espaço livre que ofereciam. Sendo assim, a família poderia escolher entre ter a sua própria loja, estacionamento ou um espaço destinado a uma sala de estar ou lavanderia.

Considera-se que o arquiteto Alejandro Aravena assume uma posição semelhante sobre o pensamento arquitetónico ao afirmar que: “Poverty doesn’t belong to architecture. (...) And I would say that in general, our challenges will come from those non-architectural issues treated through the lens of architecture, which is its power of synthesis and strategic use of form”²²²

130



Fig. 39 – Reabilitação Favela In Situ, Mumbai, projeto de Prasana Desai Architects e Urban Nouveau, em 2008.

²²¹ jornal de arquitetos nº236, 2009 – entrevista filipe balestra p.89

²²² Aravena, Alejandro – **Alejandro Aravena The Forces of Architecture**. Tokyo: TOTO Publishing, 2011. p.192

03

A materialização a partir da teoria

03.1 - Campo de Refugiados Kakuma, Quénia (iniciado em 1992)

Segundo Sandra D'Urzo;

“What I see as one of the major contradictions and hypocrisies of the governments and of the international community today is to still believe the phenomena of refugees displacement are a *temporary* state of events; the idea that a definitive return to refugees to their places of origin is the best solution on the long term has led to a politic maintenance of na *indefinitely temporary* refugee state, while conflicts undeniably show an extent of the years of exile”²²³.

Kakuma é um campo de refugiados situado numa das regiões mais empobrecidas do Quénia (fig.39). Tendo sido criado em 1992, o campo destinava-se aos “meninos perdidos do Sudão”, crianças refugiadas maioritariamente oriundas do Sudão do Sul. Atualmente, muitos outros refugiados, provenientes de regiões vizinhas (como Somália, Etiópia, Sudão, South Sudan, DRC, Rwanda, Burundi, Eritreia e Uganda), encontraram refugio no campo de Kakuma.

O antropólogo Bram J. Jansen relata as dificuldades da sociedade do campo, que fazem o mesmo assemelhar-se a uma prisão, uma vez que os refugiados não podem trabalhar, recebem escassos bens alimentares e sofrem de violência sexista;

“Ceux-ci, en effet, ne sont pas autorité'ses à travailler ou à se déplacer au-delà des limites du camp et les rations qu'ils reçoivent sont maigres. En outre, l'histoire du camp est faite d'affrontements et de violences sexistes, bien que l'on puisse débattre de savoir se ceux-ci sont plus prononcés dans le camp qu'ailleurs dans la région. Ainsi, d'un point de vue politique, les réfugiés sont exclus des droits fondamentaux de l'homme et du réfugié, de même que de la société kenyane”²²⁴.

Apesar do limite máximo inicial de habitantes ser cerca de 30 mil, no dia 31 de Maio de 2017 o campo albergava 176 mil e 872 pessoas. Um número constante, que tende a aumentar. Segundo o National Post, “Kakuma is home to over 177,000 refugees from more than 15 nationalities. These numbers are expected to increase as the number of refugees arriving increases”²²⁵.

Uma vez que esse número ultrapassa o limite máximo de habitantes por mais de 100 mil pessoas, são vários os problemas sociais que o campo alberga.

²²³D'Urzo, Sandra Jeanette – **Emergency and Architecture**. Essay p.3

²²⁴Agier, Michel (Ed. Lit.) – **Um Monde de Camps**. Paris: La Découverte, 2014. p.171

²²⁵ UNHCR. New Mr. and Miss World Refugee Day Crowned in Kakuma Refugee Camp. UNHCR – The UN Refugee Agency [Em linha]. Venezuela [Consult. 15 Mai. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.unhcr.org/ke/11441-new-miss-world-refugee-day-crowned-kakuma-refugee-camp.html>

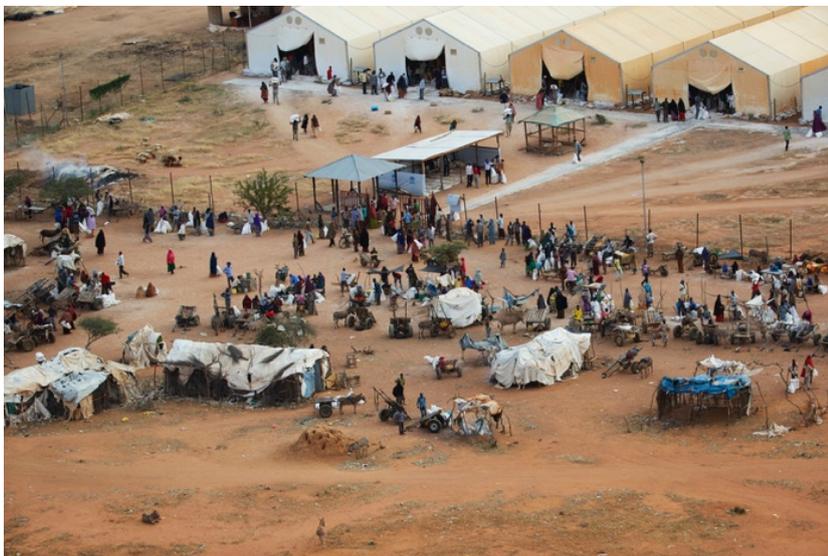


Fig. 40 – Campo de Refugiados Kakuma, projeto da UNHCR, em 2014.

Kakuma está dividido em quatro campos de modo que a agilizar a prestação de serviços. Existem vários equipamentos por todo o campo, sendo assim, é possível contar 11 cresces, 19 escolas primárias, 4 escolas secundárias, um centro de treino vocacional assim como 1 hospital e 5 clínicas médicas²²⁶.

135

Para que as crianças e jovens dos campos possam ser futuros membros ativos da comunidade é necessário que exista um investimento na educação dentro dos campos de refugiados. De acordo com Dr. John W. Burton, coordenador técnico da UNHCR, em Kakuma; “The only thing that can contribute to a durable solution for all the problems of the refugees is Education. They need Education to be able to contribute to the development of their country. So they can do some business, they can be employed and therefore contribute to a solution rather than over relying on humanitarian assistance”²²⁷.

No entanto, embora mais de metade da população do campo sejam crianças, a grande maioria das mesmas não frequenta

²²⁶ Project, Kakuma. About. Kakuma Project. [Em linha]. Kakuma [Consult. 2 Fev. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <http://kakuma-project.org/3-about>

²²⁷ Decooman, Maxime. Kakuma Refugee Camp. Vimeo. [Em linha]. Kakuma [Consult. 28 Jun. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <https://vimeo.com/110751066>

a escola. As razões para que tal aconteça prendem-se em constrangimentos culturais e falta de recursos financeiros. Na verdade, muitas crianças vêm-se forçadas a trabalhar desde cedo para ajudar a família. Uma reportagem da Euronews relata que um rapaz que se viu forçado a ficar 7 anos sem ensino escolar, de modo a apoiar a sua família. Assim sendo, existe uma discrepância de idades, uma vez que uma turma pode ter alunos com mais de 10 anos de diferença; “Gatkuoth is from South Sudan, he is 18 and is in 6th grade which is intended for 11 year-old-children. In his class there is also a 45 year-old-student. “I was in a bad situation, my mother died in 2000 and my father had not a good job. That’s why I stayed at home for seven years without school. I came to learn at school. I want to know everything about this world,”²²⁸.

A alimentação é igualmente um sector crítico, sendo que cada individuo tem direito a uma refeição por dia, e que a escola oferece uma outra refeição aos seus alunos. Por sua vez o acesso á água é também limitado, algo que se torna insuportável no clima tórrido do Quênia. Sendo que uma alimentação nutrida é fundamental para um bom desempenho escolar, a escassez de recursos alimentares prejudica gravemente o aproveitamento escolar dos alunos. Os equipamentos médicos são igualmente insuficientes, assim como os produtos de higiene. Adicionando o excesso de população, as consequências traduzem-se em doenças cujo rápido contágio é alarmante.

136 Da mesma forma, existe uma carência de energia elétrica, que resulta primordialmente em insegurança, especialmente por parte das mulheres do campo, uma vez que a violência contra as mesmas é mais elevada. Por outro lado, a ausência de luz nos abrigos impede que os alunos estudem á noite, o que dificulta a participação de muitas crianças no regime escolar, atrasando o seu desenvolvimento.

De modo a perceber a importância da escolaridade numa família existem vários estudos a demonstrar que a criança cuja mãe teve acesso a educação tem 50% mais hipóteses de sobreviver do que a criança de uma mãe analfabeta, na medida em que por cada ano escolar os seus rendimentos tendem a aumentar 10 a 20 por cento, “even small increases in secondary education for women have a significant impact on life expectancy and economic growth, and could boost agricultural production in Sub-Saharan Africa by 25 per cent”²²⁹.

No entanto a leis do campo de Kakuma são bastante restritivas sobre a interação dos refugiados com a economia local.

²²⁸ Pinna, Monica. Targeting Education for Refugee Children in Kenya. Euro News [Em linha]. EU [Consult. 10 Jan. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.euronews.com/2017/01/19/targeting-education-for-refugee-children-in-the-kakuma-refugee-camp-in-kenya>

²²⁹ <http://nationalpost.com/g00/arts/books/book-reviews/being-a-refugee-is-not-a-choice-it-is-the-absence-of-choice-what-we-learned-from-clare-morneaus-kakuma-girls/wcm/4a93f6a6-3da1-45cc-9366-> National Post

Embora a maioria da população do campo queira voltar a ser um membro ativo e independente da sociedade, estes encontram-se proibidos de trabalhar fora do campo de Kakuma²³⁰.

Abel Welong, um jovem de 21 anos que encontrou refugio em kakuma há 10 anos atrás, afirma que, “We really want to be part of the population here, we are part of kakuma now and we really want to be selfish and sufficient and we really want to be self-reliant”²³¹.

Existe também uma grande pressão, derivada tanto da cultura como da falta de recursos, para casar as meninas da família. Sendo os casamentos selados numa idade muito precoce, a criança rapidamente é forçada a tomar o papel de uma mulher adulta, que consiste na lida da casa, em cuidar dos seus filhos e em cozinhar para toda a família, o que a leva inevitavelmente a abandonar a escola.²³² Sendo que a distancia que as alunas têm de percorrer entre a escola e a sua habitação é extremamente perigosa, sendo a violação um perigo constante. Segundo Suad Sharif Mohamed, uma refugiada, antiga diretora de uma escola primária em Kakuma;

“We have a culture, which is something about forced marriage, when a girl reaches *clasi*, they say ok that girl as reached that age when she is supposed to get married. The other thing also, the girls are facing in the camp is some of the girls they cannot be able to get sanitary toels, some of the girls they are having this things of vgm, from vaginal mutilation, but the biggest challenge is the distance. Where the secondaries are located is very far from where mosto f the girls are living. There is also an insecurity case as well, by when you’re going to that school you will be rapped on the way. So most of the parents, well they say: ‘my girl will be rapped, something will happen to her on the way, so it is better her to stay at home and be in the kitchen”²³³.

137

Na verdade, a UNHCR e outras ONGs, trabalham para ultrapassar essas dificuldades, no entanto com as necessidades de ajuda humanitária a aumentarem por todo o globo, os fundos resevados à Educação têm vindo a diminuir;

²³⁰ National Post

²³¹ Decooman, Maxime. Kakuma Refugee Camp. Vimeo. [Em linha]. Kakuma [Consult. 28 Jun. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <https://vimeo.com/110751066>

²³² Project, Kakuma. About. Kakuma Project. [Em linha]. Kakuma [Consult. 2 Fev. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <http://kakuma-project.org/3-about>

²³³ UNHCR. Girls secondary education at Kakuma Refugee Camp INEE. [Em linha]. Kakuma [Consult. 24 Abr. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.youtube.com/watch?v=rz9ToKRKKmQ&t=112s>, 2014

“Tragically, the international community has tended to place less value on education than refugees themselves. With humanitarian needs growing in many parts of the world, the funding available for refugee assistance programmes has become progressively tighter. In many situations, this has meant that the resources available for education have declined”²³⁴.

Segundo a UNHCR, apenas uma em cada dez raparigas consegue chegar ao ensino básico; “There are about 74,000 school-age children at Kakuma, but fewer than one in four reach secondary school. For girls the odds are even worse: only one in 10 makes it to high school”. (vd. fig.40)



Fig. 41 – Escola primária, Campo de refugiados Kakuma, em 2016

²³⁴ Crisp, Jeff; Talbot, Christopher e Cipollone, Daiana B. de UNHCR - **Learning for a Future: Refugee Education in Developing Countries**. Suíça: Presses Centrales Lausanne, 2001 p.III



Fig. 42 - A escola Moneau Chapel, campo de refugiados Kakuma, em 2016.

No entanto, existe uma escola interna no campo de Kakuma que mudou o paradigma do ensino feminino (fig.41). A escola Moneau Chapel, é exclusiva a raparigas, e sendo uma escola que oferece albergue às suas alunas, o apoio que lhes é facultado é muito superior. Neste caso as alunas estão seguras e longe de problemas familiares e sociais que as poderiam impedir de continuar os seus estudos. Para além do ensino académico, existem aulas de desporto onde as alunas aprendem desportos coletivos como o futebol.

139

Segundo um dos treinadores de futebol do campo de Kakuma, “Sports and arts are very critical because it enhances learners capacity to develop critical thinking, leadership and very importante life skills that they will need to fit in society”²³⁵. Esther, a melhor aluna de Moneau Chapel; “Like girls they can’t come early in the morning they might be raped, such incedents, and us here we are safe just walk from the dormeties to the classes”. Também Irene Kinyanjui, a diretora da escola interna defende o direito da criança à Educação, enfatizando que, para uma criança refugiada, a sua Educação é a sua esperança; “Yes these are refugees, but they are children like any others around the world, (...) Education is their only source of hope that they will be able to transform their lives and escape their situation here”²³⁶.

²³⁵ Decooman, Maxime. Kakuma Refugee Camp. Vimeo. [Em linha]. Kakuma [Consult. 28 Jun. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <https://vimeo.com/110751066>

²³⁶ Pflanz, Mike. At a Kenyan refugee camp, girls learn to beat the odds. UNHCR . [Em linha]. Kakuma [Consult. 6 Fev. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.unhcr.org/news/stories/2016/9/57cee6674/kenyan-refugee-camp-girls-learn-beat-odds.html>

Nesse sentido, Dr. John W. Burton, aborda com positivismo a situação de um campo de refugiados, na medida em que defende ser uma oportunidade de reeducar uma geração, “The refugee camps are opportunites where a lot can happen. Through civic education, through training on the legal respect for the rule of law, through peace building, through education, this world is full of great people who are refugees. And they became great people becuase they have education in the camps”²³⁷.

Na verdade, existe esperança para o campo de Kakuma, uma vez que os refugiados do mesmo apresentam uma forte ligação com Turkana, a aldeia vizinha. Bram J. Jansen, acredita que o campo de Kakuma funciona cada vez mais como uma vila;

La ville, les villages environnants et le camp sont devenus fortement interdépendants. Un important afflux de biens de première nécessité, de services, d’opportunités commerciales, d’emplois et de contacts interculturels inonde l’ancien village de Kakuma. L’anthropologue Itaru Ohta remarque ainsi: “Le camp n’est pas seulement un lieu de résidence pour réfugiés. Il présente toutes les caractéristiques d’une grande ville.” (Opta, 2005, p.231). L’émergence d’une économie de camp va de pair avec le changement social. Ces dynamiques comprennent l’apparition de classes sociales, la diversification du travail, une offre relativement importante des services, ainsi que des projets et des développements plus cosmopolites”²³⁸.

140

O antropólogo defende também a possibilidade de que um dia o campo se possa diluir no tecido urbano do Quênia; “À Kakuma, on observe plutôt la capacité d’action des gens, qui leur permet de troubler, sur um mode créatif, l’image du réfugié docile et favorise l’intégration des camps dans le tissu plus large du kenya et même de la région”²³⁹.

Sendo que os refugiados estão proibidos de trabalhar fora do campo, a UNHCR e outras ONGs contornam os limites das regras burocráticas que os *protegem*, criando uma “zona cinzenta”. De acordo com o trabalho de Bram J. Jansen, “Une importante zone grise de comportements se voit tolérée par les autorités, le HCR, les représentants des “communautés” de réfugiés et les ONG. Les économies humanitaires troublent les frontieres entre (...) le légal et l’illegal (et bien sûr entre le normal et l’exceptionnel), mais aussi, par conséquent, entre le local et régional: sans transgressions, les personnes et/ou les entrepreneurs ne pourraient pas manoevrer comme ils le font. De fait, les trangressions, de même que la tolérance dont eles font l’object, sont ce qui fait vivre le camp”²⁴⁰. Nesse sentido, a UNHCR, o governo nacional e o governo local de Turkana chegaram a acordo e deram inicio á construção

²³⁷ Decooman, Maxime. Kakuma Refugee Camp. Vimeo. [Em linha]. Kakuma [Consult. 28 Jun. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <https://vimeo.com/110751066>

²³⁸ Agier, Michel (Ed. Lit.) – **Um Monde de Camps**. Paris: La Découverte, 2014. p.173

²³⁹ Agier, Michel (Ed. Lit.) – **Um Monde de Camps**. Paris: La Découverte, 2014. p.174

²⁴⁰ Agier, Michel (Ed. Lit.) – **Um Monde de Camps**. Paris: La Découverte, 2014. p.174

de um novo campo de refugiados na região de Kalobeyei, em 2015 (fig.42).

Segundo a UNHCR,

“With the displacement situation ongoing for over two decades, the current form of aid is not tailored to the needs, situation and prospects of refugees and host communities. The economic potential of the camp has not been fully utilized and the host community, which is one of the most marginalized in Kenya, feels that it has not benefited much from the presence of refugees”²⁴¹.



Fig. 43 – Expansão do campo de refugiados de Kakuma, campo Kalobeyei, em 2015

²⁴¹UNHCR – Kalobeyei Settlement. UNHCR – The UN refugee agency. [Em linha]. EU [Consult. 10 Mai. 2017]
Disponível em WWW: <URL: <http://www.unhcr.org/ke/kalobeyei-settlement>

O arquiteto Carlos Franco defende que,

“As coisas mudam conforme o seu ambiente, não é por acaso que os bairros problemáticos são problemáticos. A forma como eles estão inseridos na malha urbana e a forma como foram feitos têm tudo para ser problemáticos, portanto quem vai viver lá é uma pessoa que vai estar fechada. A arquitetura tem uma influencia tremenda nas nossas vidas. Quando acontece uma catástrofe, é quase o voltar á estaca zero, e por teres oportunidade realmente de refazeres aquilo que se calhar estava mal feito e continuar a fazer aquilo que estava bem feito aí tem um papel fundamental. Pelo menos na definição da estratégia. Acho que era importante haver sempre uma consulta direta com arquitetos, urbanistas, designers, sociólogos, quando se toma a decisão de fazer um campo de concentração de refugiados”²⁴².

Sendo que são pensados para permanecerem ativos durante alguns meses, a situação da população que se refugiou nestes campos torna-se insuportável quando a sua estadia se estende durante décadas. Na verdade, o novo campo em Kalobeyei é projetado para ser mais do que um local onde refugiados acedem somente a cuidados básicos, tornando-se um lugar sustentável onde podem continuar as suas vidas, contribuindo para a comunidade do país que os acolhe.

De acordo com a UNHCR;

“The 14-year project (2016-2030) is led by four thematic working groups and a development committee, and takes the Turkana CIDP (County Integrated Development Plan) as its basis. Key characteristics are sustainable urban and agricultural/livestock development for the host community (estimated population of 20,000) and refugees (estimated population of 60,000), non-discriminatory services for both, avoidance of parallel service delivery and private sector involvement”²⁴³.

142

Recuperar a sua dignidade e poder construir um futuro para lá do campo como individuo capaz, deixando o seu estatuto de refugiado para trás, é o sonho de qualquer habitante do campo. Tal poderá ser alcançado através da construção de equipamentos e incentivos a pequenos negócios, tanto para os refugiados como os locais. Adicionalmente serão construídas mais escolas, sendo crescente o apoio á educação dentro dos campos. Para além disso, o facto dos habitantes da aldeia vizinha poderem usufruir das condições do novo campo contribui significativamente para integração dos refugiados na comunidade.

²⁴²Ver Anexo I. B - Entrevista ao arquiteto Carlos Franco, Studio Muda

²⁴³UNHCR – Kalobeyei Settlement. UNHCR – The UN refugee agency. [Em linha]. EU [Consult. 10 Mai. 2017]
Disponível em WWW: <URL: <http://www.unhcr.org/ke/kalobeyei-settlement>

A UNHCR pretende que;

“Both refugees and host communities will benefit from: (a) investments in basic infrastructure and access to social services; and (b) increased opportunities for supporting income generating activities. The Program will include features to promote community participation and ownership. Refugee and host communities will play an increased role in prioritizing needs, identifying service delivery and livelihoods interventions, and in monitoring the implementation of projects”²⁴⁴.

Existe ainda um apoio adicional á Educação, a partir da construção de novas escolas e recrutamento de novos professores;

Development of an agreement with the Teachers Service Commission on teacher recruitment and deployment and training of national and incentive teachers on the specificities of teaching in Kalobeyei settlement; Two schools (one temporary) have been constructed and are providing education to over 8000 primary school learners. Construction of an additional school by UNHCR is ongoing. UNICEF is expected to construct two additional primary and one secondary school.

Segundo o refugiado Abel Welong, “With education I really came to understand that I am only a small part in a bigger community and my role is to also help others to become independent, both economically, socially and in their daily life. So it really empowers people”²⁴⁵. (fig. 44)

²⁴⁴UNHCR – Kalobeyei Settlement. UNHCR – The UN refugee agency. [Em linha]. EU [Consult. 10 Mai. 2017] Disponível em WWW: <URL: <http://www.unhcr.org/ke/kalobeyei-settlement>

²⁴⁵ Decooman, Maxime. Kakuma Refugee Camp. Vimeo. [Em linha]. Kakuma [Consult. 28 Jun. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <https://vimeo.com/110751066>



Fig. 44 – Mercado, campo de refugiados Kakuma.

03.2 – Reconstrução da ilha de Mayotte

Mayotte é uma ilha pertencente ao arquipélago das Comoros, que, por vontade da própria população, ainda se encontra sob domínio Francês. Após 1976, ano em que a população de Mayotte confirmou que pretendia continuar a integrar os territórios ultramarinos franceses, o governo do continente, decidiu investir em equipamentos como escolas, clínicas e habitações sociais. Assim sendo, foi criada a Société Immobilière de Mayotte (SIM), que tem como função principal a construção de habitações sociais em Mayotte, uma vez que as condições de vida desta ilha eram consideravelmente inferiores às dos restantes territórios ultramarinos.

Previamente à intervenção francesa, os habitantes da ilha habitavam em pequenas aldeias. As suas casas consistiam numa cabana de dois quartos (nymbi) e num pequeno pátio fechado, utilizado para aumentar a área da casa quando necessário. Sem saneamento básico, as habitações existentes foram consideradas insalubres pela SIM. A estratégia desta sociedade imobiliária baseou-se numa análise prévia e meticulosa sobre as técnicas de construção tradicional local, tendo, assim, a possibilidade de “provide housing models that were both compatible with the building types presente on the Island and the housing practices of the people”²⁴⁶.

145

Devido ao clima tropical da ilha, esta é abundante em recursos naturais. Deste modo, as construções tradicionais utilizavam materiais locais provenientes diretamente da natureza como a madeira, a lama e o barro. Os carpinteiros da aldeia utilizavam conhecimentos mais elaborados na construção, em cada habitação, das zonas que necessitavam de maior atenção técnica. O trabalho era terminado pela comunidade local num sistema de ajuda mutua chamado (musada). Na verdade, “this later concept is evoked in a religious and social context in the construction of mosques and comunal buildings and the maintenance of public spaces”²⁴⁷.

Da mesma forma, a ocupação dos terrenos em Mayotte era feita coletivamente, isto é, “there was still a cooperative spirit of comunal distribution of land occupancy permits”²⁴⁸. Apesar disso existe, atualmente, uma escassez de terrenos, que pode resultar na indisponibilidade de locais de construção.

²⁴⁶Hallaj, Omar . *Mayotte Development Projects*, Technical Review Summary, 2001, p. 3

²⁴⁷Hallaj, Omar . *Mayotte Development Projects*, Technical Review Summary, 2001, p. 3

²⁴⁸Hallaj, Omar . *Mayotte Development Projects*, Technical Review Summary, 2001, p. 3

Uma vez que as habitações da ilha apresentavam condições precárias, em 1978, a Société Immobilière de Mayotte (SIM), desenvolveu um plano de construção de habitações sociais na ilha. O projeto, que ainda se encontra em desenvolvimento, é considerado um projeto social de sucesso.

Para além da utilização de materiais locais para o desenvolvimento do tijolo de terra, foram também reciclados materiais como madeiras aparentemente danificadas (fig.44). A participação da comunidade local no projeto e construção das habitações, foi algo que marcou de forma positiva a intervenção. De acordo com a investigação que decorreu 13 anos após o início do programa do SIM; "Mayotte, with its local materials and skills and its building and architectural " intelligence ", is without doubt a model for integrated development which rests fundamentally on the social economy of the building sector and on a real 'economic and building ecology'"²⁴⁹.

Letizia Dipasquale, Dalia Omar Sidik e Saverio Mecca, da Universidade de Florença; consideram que o arquiteto(a) deve sempre estudar a comunidade local, as suas necessidades e conhecimentos. Conhecimentos esses, que aliados aos seus iram melhorar as técnicas construtivas tradicionais, sendo a solução encontrada adequada á população local, valorizada pelo interesse que apenas um(a) arquiteto(a) lhe pode oferecer;

146

"It is widely demonstrated that local wisdom can offer useful input to find even new earthquake resistance solutions, since traditional construction and Technologies have been tested over generations and are best suited to local environment and cultures. (...) Afterwords one of the missions of the scientific community is to better understand traditional knowledge while also recongnizing how this knowledge can evolve and innovate to work with modern materials and techniques"²⁵⁰.

De acordo com o arquiteto Omar Hallaj o projeto; "has provided more than 40 per cent of the housing on stock on the Island, and has worked to develop a local compacted earth brick industry based on available natural resources and traditional, aster-builder organizations. In addition, SIM is a leading force in the economic growth of the Island"²⁵¹.

Deste modo, é possível constatar que o sucesso deste programa, advém das mesmas práticas de arquitetura defendidas por diversos arquitetos humanitários referidos na presente vertente teórica. O arquiteto Alejandro Aravena tomou uma

²⁴⁹ Hubert Guillaud, Patrice Doat and Hugo Houben, in collaboration with Vincent Lietar and Leon Attila Cheyssiah - Is Mayotte a model for development?. 1991.

²⁵⁰ Correia, Maria; Dipasquale Letizia; Saverio Mecca (Ed. Lit.) – **Versos: Heritage for tomorrow - Vernacular knowledge for Sustainable Architecture** . Florença: Firenze University Press, 2014. p.239

²⁵¹ Hallaj, Omar . **Mayotte Development Projects**, Technical Review Summary, 2001, p.1

posição semelhante ao adaptar o seu projeto de habitação social da Quinta Monroy, em habitações de emergência em Nova Orleães, após o furacão Katrina ter deixado centenas de indivíduos desalojados.

Segundo Aravena, "From a financial point of view it was more expensive, but we were not throwing away money, it was paying in advance for a solution that now works as an emergency shelter but later it will work as a permanent solution"²⁵².



147

Fig. 45 – Habitação Social, Mayotte, projetada por SIM.

²⁵² Mairs, Jessica - Alejandro Aravena Interview. Dezeen [Em linha]. USA [Consult. 10 Ago. 2016]
Disponível em WWW: <URL: <https://www.dezeen.com/2015/11/30/alejandro-aravena-humanitarian-architecture-refugee-tents-waste-money-emergency-shelter-disaster-relief/>>

Assim, considera-se que o exemplo da reconstrução de Mayotte, o exemplo ideal para uma comparação direta entre arquitetura social e arquitetura de emergência. A SIM utilizou os vastos recursos naturais de Mayotte de forma a construir de um modo sustentável, colmatando assim, os limitados recursos financeiros da ilha. Esta estratégia, denominada de 'arquitetura bio', visa uma arquitetura sustentável que interage não só com a Natureza do lugar, mas também com outros aspetos sociais e económicos; "The concept of 'bio architecture' or closely related one of 'bio construction' sees architecture as a biological unit that interacts with the environment, but not only with the natural environment but also with the social, cultural, economic, and other milieus, which means that the architecture is designed to satisfy the occupier's demands"²⁵³.

Nesse sentido, SIM pretende desenvolver não só um material sustentável a partir de materiais locais, como também criar uma nova indústria em torno do mesmo, que beneficie ao máximo a comunidade local.

Com a ajuda da equipa de CraTerre, da Universidade de Grenoble, é desenvolvido um tijolo de terra compacto (Brick de Terre Comprimée, BTC). Sendo a ilha de origem vulcânica, no fabrico do BTC são utilizadas cinzas vulcânicas, as quais combinadas com a argila local, tornam este tijolo mais resistente que o tradicional.

148

Thierry Joffroy, arquiteto investigador do centro internacional de construção em terra, pertencente ao grupo CRAterre-LabexAE &CC/ENSAG, afirma que o objetivo do departamento CRAterre-ENSAG é perceber o potencial das construções tradicionais e como desenvolve-las de modo a melhor servirem a população que as habita;

"The idea is to identify local building systems as well as building-related knowledge, know-how and organization methods with proven effectiveness, and then integrate them into new programs and projects. Without ruling out the possible contributions of industrial production, the goal is to meet the needs and expectations of local populations, but also to provide solutions that are socially and culturally acceptable, as well as economically accessible"²⁵⁴.

Hubert Guillaud, da organização CRAterre-ENSAG refere que, "This is a 'contextualised' architecture which belongs to a particular 'country' or to a regional/geographical area, and which was built for a given time. This architecture emerging from the 'genious loci' is the sense of the 'being of the place' and of the 'being to the place' as noted by Christian Norberg-Schulz

²⁵³Correia, Maria; Dipasquale Letizia; Saverio Mecca (Ed. Lit.) – **Versos: Heritage for tomorrow - Vernacular knowledge for Sustainable Architecture** . Florença: Firenze University Press, 2014. p.35

²⁵⁴Thierry, Joffroy. Learning from Local Building Cultures to Improve Housing Project Sustainability. UN Chronicle. [Em linha]. USA [Consult. 3 Jul. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <https://unchronicle.un.org/article/learning-local-building-cultures-improve-housing-project-sustainability>

(1981)²⁵⁵.

SIM explora igualmente o espírito comunitário da aldeia, ensinando os nativos a construir segundo técnicas ocidentais adaptadas às tradições de Mayotte (fig.45). Deste modo, “The main motive behind the SIM strategy was to develop a local brick industry. This helped to resolve many issues, and turned the provision of housing into an opportunity to develop the local economy rather than being a burden on it”²⁵⁶. Ao desenvolver a indústria do tijolo, formando indivíduos não só na produção, mas também em técnicas de construção, SIM fez com que a distribuição de habitação social fosse um estímulo para a economia local. Demonstrando como estes valores coletivos se traduzem em micro economias, que advêm da gestão eficiente de recursos, uma vez que a sua sobrevivência depende disso.

Segundo a obra de investigação Versos – Heritage of Tomorrow;

“In several regions of the world, traditional homesteads are organised in sustainable economic systems which avoid waste and save energy, through an efficient management of resources (...) These sustainable systems are even applied by several communities, which work together to produce, distribute, and consume wealth (...) these collective values can be considered economic values, and according to Ost (2010) cannot be attributed to any individual”²⁵⁷.

²⁵⁵ Correia, Maria; Dipasquale Letizia; Saverio Mecca (Ed. Lit.) – **Versos: Heritage for tomorrow - Vernacular knowledge for Sustainable Architecture** . Florença: Firenze University Press, 2014. p.32

²⁵⁶ Hallaj, Omar . **Mayotte Development Projects**, Technical Review Summary, 2001, p.6

²⁵⁷ Correia, Maria; Dipasquale Letizia; Saverio Mecca (Ed. Lit.) – **Versos: Heritage for tomorrow - Vernacular knowledge for Sustainable Architecture** . Florença: Firenze University Press, 2014. p.59

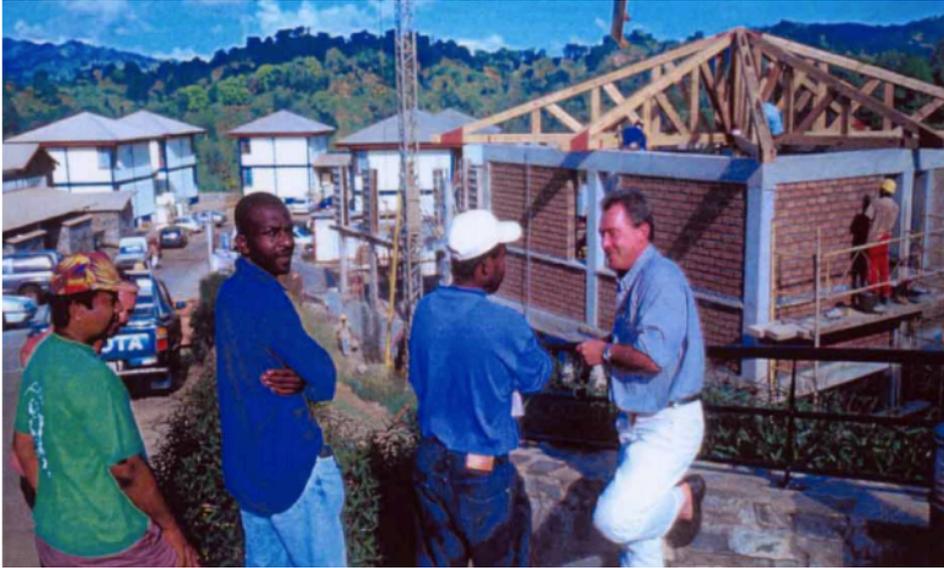


Fig. 46 – Processo de construção com a comunidade local.

150

As intervenções da SIM fornecem anualmente cerca de 800 habitações (fig.45). Simultaneamente, SIM obteve permissão para trabalhar na resolução de problemas urbanos ligados à construção clandestina. Esta organização gere igualmente os terrenos disponíveis, na medida em que após comprar um terreno, elabora um plano de pormenor com o intuito de construir equipamentos públicos e urbanizar adequadamente aquela área.

Omae Hallai afirma que,

“its engagement in this market on the basis of promoting sound urban design parameters and encouraging the use of brick in public architecture. It uses the standart atisan-based contracts for all its work. Furthermore, its managers argue the need for densification in the urban centre to curb the housing sprawl”²⁵⁸.

²⁵⁸Hallaj, Omar . *Mayotte Development Projects*, Technical Review Summary, 2001, p.7

Ao ter construído 40 por cento das habitações sociais em Mayotte e consequentemente contribuído para o seu desenvolvimento económico, a SIM enfrenta atualmente a necessidade de redigir um plano urbano alargado. Nesse sentido, conduziu vários estudos sobre a sua ação na ilha, de modo a perceber qual o melhor caminho a seguir. “One of the basic and most impressive aspects of the SIM operation is its capacity to adapt to new conditions and to experiment with new modes of operation”²⁵⁹.

Segundo o arquiteto Thierry Joffroy, a evolução da construção baseia-se na adaptação criativa dos materiais e recursos disponíveis, para que as necessidades crescentes da população fossem satisfeitas, tendo sempre em consideração os constrangimentos locais, como a cultura, a economia, e o clima. Existe também a troca de conhecimento entre sociedades, que funciona como um catalisador de desenvolvimento a todos os níveis;

“The history of construction shows that builders have always been creative in adapting and upgrading housing structures by making the best use of locally available resources to meet their needs, while taking into account local economic, social and climatic constraints. Societies worldwide have developed building cultures that result in ‘contextual’ architecture, corresponding to unique construction methods and specific ways of life. Local building cultures, however, are not static. They evolve as societies do, particularly when exchanges with other countries and cultures take place, introducing new knowledge, building materials and techniques”²⁶⁰.

Na verdade, o estudo da arquitetura local pode facilitar não só a reabilitação da mesma, como o desenvolvimento de soluções de prevenção em áreas em risco de sofrerem uma catástrofe natural. Segundo o arquiteto Thierry Joffroy,

“This knowledge is present in various spheres: decision-making on settlement locations, activities planning, management of land and urban areas, architectural composition, and construction materials and organization. It also includes interesting approaches to risk prevention and preparedness, as well as to post-disaster reconstruction. In fragile or high-risk areas, traditional technical solutions and associated skills are often particularly astute and specific, making them easier to identify”²⁶¹.

²⁵⁹ Hallaj, Omar . **Mayotte Development Projects**, Technical Review Summary, 2001, p.5

²⁶⁰Thierry, Joffroy. Learning from Local Building Cultures to Improve Housing Project Sustainability. UN Chronicle. [Em linha]. USA [Consult. 3 Jul. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <https://unchronicle.un.org/article/learning-local-building-cultures-improve-housing-project-sustainability>

²⁶¹Thierry, Joffroy. Learning from Local Building Cultures to Improve Housing Project Sustainability. UN Chronicle. [Em linha]. USA [Consult. 3 Jul. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <https://unchronicle.un.org/article/learning-local-building-cultures-improve-housing-project-sustainability>



Fig. 47 - Habitação Social, Mayotte, projetada por SIM

Considerações Finais – reflexões a prolongar

A crise de desalojados é um problema social cuja crescente gravidade exige uma reforma no modo como a habitação social e de emergência é abordada. Situações como a crise de refugiados que presenciamos atualmente, são recorrentes por todo o mundo, sendo que a forma como são abordadas tende a revelar-se contra produtiva.

Após a análise ao trabalho de diversas organizações, bem como de vários campos de refugiados, conclui-se que este tipo de assentamentos, na sua maioria, apresenta falhas consideradas graves, propagando o terror dos indivíduos que os ocupam e sujeitando-os a condições desumanas. Esta problemática poderá estar associada à inexistência comprovada de especialistas no trabalho humanitário e embora a solução da mesma transcenda a arquitetura, podemos concluir que especialistas como arquitetos poderão ter um papel essencial na procura de soluções que beneficiem tanto o refugiado como o país ou entidade que o acolhe.

As análises exímias a diversas operações de emergência concluem que as habituais soluções estandardizadas se revelam insustentáveis. Neste sentido, em detrimento da distribuição em massa de abrigos pré-fabricados, - a partir de materiais desconhecidos a comunidades não industrializadas e pressupondo apenas uma resposta às necessidades básicas da população sobrevivente -, é defendido o aproveitamento dos recursos existentes, bem como o envolvimento da comunidade no processo de recuperação. Desta forma, concebe-se um plano de ajuda consistente e capaz de garantir uma recuperação mais célere, tanto a nível social como económico, enfatizando o respeito e integração da cultura sobre a qual se trabalha e promovendo a sua auto-subsistência e consolidação social.

Neste seguimento e após a leitura e análise dos diversos autores referenciados ao longo do presente documento, destaca-se o impacto que a arquitetura pode ter na sociedade juntamente com a crise de alojamento mundial desprovida de atenção por parte de especialistas. Aqui enfatiza-se o papel social do arquiteto, cujo trabalho deverá estender-se a todo e qualquer indivíduo e assumir o seu envolvimento na resolução dos problemas humanitários associados à construção de habitat. É ainda assumida a necessidade de contornar a ideia comumente concebida de que, devido à falta de recursos, a arquitetura social ou de emergência, será sempre algo de menor valor relevância.

Neste âmbito, torna-se claro que a relevância do projeto nestes casos se prenda com a possibilidade de existir uma preocupação acrescida pela estética e bem-estar na humanização de um projeto social para o qual os fundos são escassos, pelo que se exige a criatividade e conhecimentos técnicos próprios do arquiteto.

O problema da maioria das organizações humanitárias, ainda que bem-intencionadas, reside na falta de visão sobre o desenvolvimento da operação de reconstrução. Estas focam-se na distribuição de bens materiais de ajuda imediata, não dispondo dos conhecimentos técnicos que permitem formular um plano complexo de desenvolvimento da comunidade sobrevivente, assumindo que a situação é temporária e sujeitando a mesma a condições muitas vezes mínimas, insalubres e que acabam por estender-se por um período mais longo de tempo englobando outros problemas sociais como a violência de género.

Assim sendo, justifica-se que a ajuda humanitária não deveria impor soluções e tratar sobreviventes como vítimas indefesas, mas sim assumir o diálogo com os mesmos, envolvendo-os nas decisões sobre a sua futura morada e habitação. Ao serem respeitados os valores e necessidades culturais da população, as habitações que daí resultarem transmitem um sentimento de dignidade e pertença.

Considera-se assim, que o papel do arquiteto é fundamental na resolução dos problemas sociais referidos. A partir da construção com a comunidade e ao ensinar novas técnicas construtivas fomenta o desenvolvimento de micro-economias que geram a oportunidade da comunidade se tornar auto-subsistente.

Nestas situações a importância da sustentabilidade na construção considera-se outro factor fundamental. De modo a elaborar a solução mais adequada possível, é importante aliar os conhecimentos mais modernos à economia, cultura e clima da realidade sobre a qual se constrói. Neste sentido, é fundamental considerar a construção popular, objetivando soluções simples em materiais locais e técnicas rudimentares.

Compreende-se que, numa situação de emergência, em que os recursos são escassos, a arquitetura tradicional do lugar em questão pode proporcionar soluções acessíveis, que aliadas à tecnologia mais avançada dos agentes humanitários ocidentais, permitem não só uma melhoria da qualidade da arquitetura, como uma construção adequada às condições do lugar.

Finalmente, assume-se que a arquitetura de emergência e a arquitetura social, são tidas como uma ramificação da *verdadeira arquitetura*. Tal deve-se ao facto de ambas serem respostas a situações em que os recursos financeiros são escassos, o que, normalmente, está relacionado com um governo corrupto. As dificuldades expostas tornam o exercício romantizado da arquitetura aparentemente impossível, uma vez que existe um preconceito sobre a impossibilidade de uma construção de alto valor arquitetónica dentro destas condições.

No entanto, a presente vertente teórica considera que de modo a desenvolver uma solução adequada no âmbito de arquitetura de emergência, é necessário que o arquiteto não se limite às restrições que a percepção desta impõe. A arquiteta Sandro Urzo refere que o termo 'arquitetura de emergência' não faz sentido. Existe simplesmente arquitetura aplicada a vários cenários que propõe uma relação mais forte entre os vários contextos que formam a sociedade.

Bibliografia

Ali, Dalia Osama - **Building Community in Low-Income Areas: Designing a New Architectural Language for Community Centers in Jordan**. Massachusetts: Instituto de Tecnologias de Massachusetts, de 1994. Dissertação de mestrado.

Agency, Spatial. Architectural NGOs [Em linha]. USA [Consult. 18 Nov.2016]

Disponível em WWW:<URL: <http://spatialagency.net/database/where/organisational%20structures/architectural.ngos>

Agier, Michel – **Managing the undesirables – Refugee Camps and Humanitarian Government**. Cambridge: Polity Press, 2011 ISBN-13: 978-0-7456-4901-6

Agier, Michel – **Um Monde de Camps**. Paris: La Découverte, 2014. ISBN 978-2-7071-8322-4

Aquilino, Marie J. - **Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity**. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. ISBN 978-1-935202-47-9

Arancha González - **International Trade Forum. Refugees and economic opportunities**. Nações Unidas 2016.

Aravena, Alejandro – **Alejandro Aravena The Forces of Architecture**. Tokyo: TOTO Publishing, 2011. ISBN-13: 978-4887063204

Arch daily. Salam Centre for Cardiac Surgery / Studio Tam associati. Arch daily. [Em linha]. USA [Consult. 20 Jul. 2017].
Disponível em WWW: <URL: <http://www.archdaily.com/19061/salam-centre-for-cardiac-surgery-studio-tam-associati>

Architecture for Humanity – **Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises**. New York: Metropolis Books, 2006. ISBN -13 987-1-933045-25-2

Architecture for Humanity – **Design like you give a Damn (2), Building from de ground up**. New York: ABRAMS, 2012. ISBN 978-0-8109-9702-8

Ban, Shigeru. Shigeru Ban: Emergency shelters made from paper. Ted talk. [Em linha]. USA [Consult. 13 Dec. 2016]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.youtube.com/watch?v=q43uXdOKPD8>

Baker, Jonathan - **Refugee and Labour movements in Sub-Saharan Africa – A review**. Suécia, Reprocentralen HSC, 1994. ISSN 1400-3120

Birkeland, Nina M., Vermeulen, Ellen and Vågli, Tor, NRC – **Camp Management Toolkit**. Oslo, Noruega: Norwegian Refugee Council/Camp Management Project, 2004.

Brink, Nick. - Modular emergency floor helps refugees get off the ground. Design Boom. [Em linha]. EU [Consult. 3 Ago. 2017] Disponível em WWW: <URL: <https://www.designboom.com/design/emergency-floor-modular-flooring-system-refugee-aid-06-17-2015/>

Campos, Patricia Farrielo - **Light Steel Framing - Uso em construções habitacionais empregando a modelagem virtual como processo de projeto e planejamento**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014. Dissertação de mestrado.

CHF International, Inc - Building Opportunities and Livelihoods in Darfur (BOLD) Darfur, Sudan Final Program Report. [Em linha]. EU [Consult. 15 Jul. 2017] Disponível em WWW: <URL: http://pdf.usaid.gov/pdf_docs/Pdacf518.pdf

Colinet, Ketsia - **Modular Housing Development in Boston: An Affordable Housing Option Revisited**. Massachusetts: Instituto de Tecnologias de Massachusetts, 1998. Dissertação de mestrado.

Correia, Maria; Dipasquale Letizia; Saverio Mecca (Ed. Lit.) – **Versos: Heritage for tomorrow - Vernacular knowledge for Sustainable Architecture**. Florença: Firenze University Press, 2014.

Davis, Ian (Ed. Lit.) - **Shelter after disaster**. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. ISBN 978-92-9139-225-4

D'Urzo, Sandra Jeanette – **Emergency and Architecture**.

D'Urzo Sandra – News from the South of the World. Sandradurzo [Em linha]. [Consult. 5 Mai. 2017]
Disponível em WWW: <URL: http://www.sandradurzo.org/Publications/articulo%20AREA%20Sandra%20D%27Urzo_it.pdf

Decooman, Maxime. Kakuma Refugee Camp. Vimeo. [Em linha]. Kakuma [Consult. 28 Jun. 2017]. Disponível em WWW:
<URL: <https://vimeo.com/110751066>

Dezeen. [Em linha]. EU [Consult. 15 Jul. 2017] Disponível em WWW: <URL: <https://www.dezeen.com/2016/10/24/interview-ikea-foundation-ceo-per-heggenes-better-shelter-refugee-temporary-architecture-modular/>

Gomes, Tiago Sá - **Arquitetura e Emergência**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2016. Dissertação de mestrado.

Earth, Call. What is super Adobe. Call Earth [Em linha]. EU [Consult. 9 Nov. 2016] Disponível em WWW: <URL: <http://www.calearth.org/intro-superadobe>

Fairs, Marcus. Incremental Housing Strategy by Filipe Balestra and Sara Göransson. Dezeen. [Em linha]. Venezuela [Consult. 13 Out. 2016]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.dezeen.com/2009/05/05/incremental-housing-strategy-by-filipe-balestra-and-sara-goransson/>

Foundation, Mac Arthur. Mac Arthur Fellows Program [Em linha]. USA [Consult. 5 Ago. 2017]
Disponível em WWW: <URL: <https://www.macfound.org/fellows/508/>

Frearson, Amy - IKEA Foundation CEO says adapting refugee shelter is "like playing with Lego".

Gonçalves, Bruno Manuel de Brito Pereira - **Arquitetura de Emergência: O papel da arquitetura na resolução dos problemas pós-catástrofe**. Lisboa: Faculdade de Arquitetura de Lisboa, 2015. Dissertação de mestrado.

Hallaj, Omar - **Mayotte Development Projects**. Technical Review Summary, 2001.

Hollmen Reuter Sandman. Featured Projects. hollmenreutersandman [Em linha]. Finlândia [Consult. 20 Jul. 2017]. Disponível em WWW: <URL: http://www.hollmenreutersandman.com/p1_text.php

Howarth, Dan – Cameron Sinclair Interview. Dezeen [Em linha]. USA [Consult. 10 Out. 2016]

Disponível em WWW: <URL: <https://www.dezeen.com/2015/08/27/cameron-sinclair-interview-architecture-for-humanity-small-works-disaster-relief/>>

Lawrence, Caroline (Ed. Lit.) **Post-2015 Dialogues on Culture and development**. New York: the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, the United Nations Population Fund, and the United Nations Development Programme, UNESCO/UNFPA/UNDP, 2015.

Kere Architecture. Gando Primary School. Kere Architecture. [Em linha]. Alemanha [Consult. 10 Mai. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.kere-architecture.com/projects/primary-school-gando/>>

Lab.Pro.Fab. lab.pro.fab - parque cultural Tiuna El Fuerte . Caracas. Afasia Archzine. [Em linha]. Venezuela [Consult. 22 Jun. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <http://afasiaarchzine.com/2013/04/labpro-fab/>>

Lerner, Jamie – **Acupuntura Urbana**. Rio de Janeiro: Record, 2011. ISBN-13: 978-1-61091-584-7

Lopes, Ana Isabel Ferreira - **Urbanismo Emergente – Desenho e Processo de Planeamento em Situações Pós-Catástrofe**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Dissertação de mestrado.

165

Mayotte - **Filière Blocs de Terre Comprimée – Typologie des Éléments et Systèmes Constructifs**. Grenoble: Craterre-EAG – Société Immobilière de Mayotte, 1999. ISBN 2-906901-20-2

Mairs, Jessica - Alejandro Aravena Interview. Dezeen [Em linha]. USA [Consult. 10 Ago. 2016]
Disponível em WWW: <URL: <https://www.dezeen.com/2015/11/30/alejandro-aravena-humanitarian-architecture-refugee-tents-waste-money-emergency-shelter-disaster-relief/>>

Mcquaid, Matilda – **Shigeru Ban**. Hong Kong: Phaidon Press Limited, 2003. ISBN 9780714846293

Mutuo. El proyecto. Mutuo. [Em linha]. America Latina [Consult. 14 Jun. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <http://mutuo.org.pe/index.php/el-proyecto/#1481327799597-eb9aa640-b1de784a-ae72>>

Murphy, Michael - Architecture that's built to heal. Ted talk [Em linha]. USA [Consult. 12 Set. 2016]
Disponível em WWW: <URL: <https://www.youtube.com/watch?v=MvXZzKZ3JYQ>

Nações Unidas – **A carta internacional dos direitos humanos**. Genebra, 1997. ISSN 1014-5567

Oxfam - Who will decide? Oxfam's shelter programme allows the people of Sri Lanka to design and construct their new homes. Reliefweb. [Em linha]. EU [Consult. 20 Ago. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <http://reliefweb.int/report/sri-lanka/who-will-decide-oxfams-shelter-programme-allows-people-sri-lanka-design-and>

Pinna, Monica. Targeting Education for Refugee Children in Kenya. Euro News [Em linha]. EU [Consult. 10 Jan. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.euronews.com/2017/01/19/targeting-education-for-refugee-children-in-the-kakuma-refugee-camp-in-kenya>

Pflanz, Mike. At a Kenyan refugee camp, girls learn to beat the odds. UNHCR . [Em linha]. Kakuma [Consult. 6 Fev. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.unhcr.org/news/stories/2016/9/57cee6674/kenyan-refugee-camp-girls-learn-beat-odds.html>

166

Project, Kakuma. About. Kakuma Project. [Em linha]. Kakuma [Consult. 2 Fev. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <http://kakuma-project.org/3-about>

Read, Herbert – **Art and Society**. London: Faber and Faber, 1967. ISBN 13: 9780571081837

Sinisterra, Maria Alexandra - **Rethinking Emergency Habitats for Refugees: Balancing Material Innovation and Culture**. Massachusetts: Instituto de Tecnologia de Massachusetts, 2004. Dissertação de mestrado.

Skateistan. About. Skateistan. [Em linha]. Australia [Consult. 22 Jun. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <https://skateistan.org/about/>

Sousa, Raquel Alexandra Gomes - **Arquitetura de Emergência: do Abrigo Temporário à Habitação Permanente**. Lisboa: Faculdade de Arquitetura de Lisboa, 2015. Dissertação de mestrado.

Tan, Vivian e Colville (Edi. Lit). - Tents bring relief to the homeless in Pakistan's north. UNHCR - The UN refugee agency. [Em linha]. EU [Consult. 11 Jun. 2017] Disponível em WWW: <URL: <http://www.unhcr.org/news/la-test/2005/10/435cf0ce4/tents-bring-relief-homeless-pakistans-north.html?query=tents, 2005>

Taunton, Paul. Being a refugee is not a choice; it is the absence of choice: What we learned from Clare Morneau's Kakuma Girls. National Post [Em linha]. Canada [Consult. 6 Mai. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <http://national-post.com/g00/arts/books/book-reviews/being-a-refugee-is-not-a-choice-it-is-the-absence-of-choice-what-we-learned-from-clare-morneaus-kakuma-girls/wcm/4a93f6a6-3da1-45cc-9366->

Thierry, Joffroy. Learning from Local Building Cultures to Improve Housing Project Sustainability. UN Chronicle. [Em linha]. USA [Consult. 3 Jul. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <https://unchronicle.un.org/article/learning-local-building-cultures-improve-housing-project-sustainability>

UNHCR – Education in emergencies. UNHCR – The UN refugee agency. [Em linha]. EU [Consult. 20 Jun. 2017] Disponível em WWW: <URL: https://www.unicef.org/education/bege_70640.html

UNHCR – Figures at a glance. UNHCR – The UN refugee agency. [Em linha]. EU [Consult. 26 Jun. 2017] Disponível em WWW: <URL: <http://www.unhcr.org/figures-at-a-glance.html>

UNHCR – Kalobeyei Settlement. UNHCR – The UN refugee agency. [Em linha]. EU [Consult. 10 Mai. 2017] Disponível em WWW: <URL: <http://www.unhcr.org/ke/kalobeyei-settlement>

UNHCR. New Mr. and Miss World Refugee Day Crowned in Kakuma Refugee Camp. UNHCR – The UN Refugee Agency [Em linha]. Venezuela [Consult. 15 Mai. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.unhcr.org/ke/11441-new-miss-world-refugee-day-crowned-kakuma-refugee-camp.html>

UNHCR. Girls secondary education at Kakuma Refugee Camp INEE. [Em linha]. Kakuma [Consult. 24 Abr. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.youtube.com/watch?v=rz9ToKRKkM&t=112s, 2014>

Winston, Anna – Alejandro Aravena Interview. Dezeen [Em linha]. USA [Consult. 23 Jan. 2017] Disponível em WWW: <URL: <https://www.dezeen.com/2016/01/13/alejandra-aravena-interview-pritzker-prize-laureate-2016-social-incremental-housing-chilean-architect/>

Zetter, Roger – **Shelter Provision and Settlement Policies for Refugees – A state of the art review.** Suécia, Reprocentralen HSC, 1994. ISBN 91-7106-362-5

Índice e créditos de Figuras

Fig.1 – Fred Cuny. Campo de refugiados SA Kaew II, 1979 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL:http://oaktrust.library.tamu.edu/bitstream/handle/1969.1/160086/cuny_intertext_000002-52_0011.jpg?sequence=11&isAllowed=y/, p,31

Fig.2 – Shigeru Ban. Casas Paper Log, India, 2001 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.architectmagazine.com/project-gallery/paper-log-house-india/>, p,35

Fig.3 - Shigeru Ban. Habitações de emergência, Haiti, 2010 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.dezeen.com/2016/04/27/shigeru-ban-joins-disaster-relief-effort-ecuador-earthquake/>, p,35

Fig.4 Capa da obra Shelter after Disaster. Davis, Ian (Ed. Lit.) - **Shelter after disaster**. Suíça: IFRC and OCHA, 2015. ISBN 978-92-9139-225-4

Fig.5 – Aquilino, Marie J. - **Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity**. 1a Edição. Singapore: Bellerophon Publications, Inc, 2011. ISBN 978-1-935202-47-9, p.146, p.38

Fig.6 – Campo de refugiados DaDaab, Quênia. 2011 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.unhcr.org/news/latest/2011/8/4e4522ee9/unhcr-readies-transfer-somali-refugees-new-camp-areas.html/>, p,40

Fig.7 – Aquilino, Marie J. - **Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity**. 1a Edição. Singapore: Bellerophon Publications, 2011. ISBN 978-1-935202-47-9, p.145, p.42

Fig.8 - Aquilino, Marie J. - **Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity**. 1a Edição. Singapore: Bellerophon Publications, 2011. ISBN 978-1-935202-47-9, p.145, p.42

Fig.9 - Arancha González - **International Trade Forum. Refugees and economic opportunities**. 2016. p.3, p.44

Fig.10 – Aquilino, Marie J. - **Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity**. 1a Edição. Singapore: Bellerophon Publications, 2011. ISBN 978-1-935202-47-9, p.29, p.48

Fig.11 – Filipa Balestra. Arquitetura participativa, India. 2009 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.dezeen.com/2009/05/05/incremental-housing-strategy-by-filipe-balestra-and-sara-goransson/>, p.50

Fig.12 - Campo de refugiados de Suruc. 2015 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.cubadebate.cu/fotorreportajes/2015/06/20/dia-mundial-del-refugiado/#.WaxCZdOGPow/>, p.56

Fig.13 - Oxfam. Transitional Community, Sri Lanka, 2005 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.gettyimages.pt/evento/recovery-continues-six-months-after-tsunami-53145159#team-of-foreign-volunteers-and-sri-lankan-workers-put-up-a-house-for-picture-id53168586>, p.58

Fig. 14 – Shigeru Ban. Abrigos de emergência, Ruanda, 1995 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL:

http://www.shigerubanarchitects.com/works/1999_paper-emergency-shelter/ p.62

Fig. 15 – Shigeru Ban. Montagem abrigos de emergência, Ruanda, 1995 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: http://www.shigerubanarchitects.com/works/1999_paper-emergency-shelter/ p.62

Fig. 16 – Aquilino, Marie J. - **Beyond Shelter – Architecture and Human Dignity**. 1a Edição. Singapore: Bellerophon Publications, 2011. ISBN 978-1-935202-47-9, p.75, p.69

Fig.17 – Architecture for Humanity – **Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises**. New York: Metropolis Books, 2006. ISBN -13 987-1-933045-25-2 p.61,p.75

Fig. 18 – IKEA. Abrigo de emergência, 2017 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.dezeen.com/2017/04/27/ikea-unhcr-refugee-better-shelter-redesign-safety-fears-flaws/>, p.77

Fig. 19 – IKEA. Abrigo de emergência, 2017 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.dezeen.com/2017/04/27/ikea-unhcr-refugee-better-shelter-redesign-safety-fears-flaws/>, p.77

Fig. 20 – Architecture for Humanity – **Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises**. New York: Metropolis Books, 2006. ISBN -13 987-1-933045-25-2 p.73, p.79

Fig. 21 – Architecture for Humanity – **Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises**. New York: Metropolis Books, 2006. ISBN -13 987-1-933045-25-2 p.71, p.80

Fig. 22 – Elemental. Abrigo de Emergência, Chile, 2014 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <https://divisare.com/projects/280781-elemental-alejandra-aravena-tecnopanel>, p.81

Fig. 23 – Elemental. Urbanização de Emergência, Chile, Elemental. 2014 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <https://divisare.com/projects/280781-elemental-alejandra-aravena-tecnopanel>, p.82

Fig. 24 – Call Earth. [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.calearth.org/intro-superadobe>, p.85

Fig.25 – Call Earth. [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.calearth.org/intro-superadobe>, p.86

Fig. 26 – Architecture for Humanity – **Design like you give a Damn, Architectural Responses to Humanitarian Crises**. New York: Metropolis Books, 2006. ISBN -13 987-1-933045-25-2 p.98, p.88

Fig. 27 – Shigeru Ban. Casas Temporárias Paper Log, Kobe, Japão, 1995 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.arch-daily.com.br/br/01-185116/projetos-humanitarios-de-shigeru-ban>, p.89

Fig. 28 – Shigeru Ban. Casas Temporárias Paper Log, Kobe, Japão, 1995 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.archdaily.com.br/br/01-185116/projetos-humanitarios-de-shigeru-ban>, p.90

Fig. 29 - Shigeru Ban. Sistema 4 de Partições de Papel, Japão, 2011. [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.archdaily.com.br/br/01-185116/projetos-humanitarios-de-shigeru-ban>, p,91

Fig. 30 – Elemental. Bairro Social, Chile, 2003 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.dezeen.com/2008/11/12/quinta-monroy-by-alejandro-aravena/>, p,94

Fig.31 – Elemental. Bairro Social, Chile, 2003 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.dezeen.com/2008/11/12/quinta-monroy-by-alejandro-aravena/>, p,94

Fig.32 - Hollmén Reuter Sandman architects. Centro de mulheres, Rufisque, 2001 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.hollmenreutersandman.com/?portfolio=2001-womens-centre-rufisque-senegal/>, p,97

Fig.33 - Hollmén Reuter Sandman architects. Centro de mulheres, Rufisque, 2001 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.hollmenreutersandman.com/?portfolio=2001-womens-centre-rufisque-senegal/>, p,98

174

Fig. 34 - TAM Associati. Centro de cirurgia cardíaca, Sudão, 2007 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: http://www.tamassociati.org/PAGES/KHT/KHT_SalamCentre.html/, p,100

Fig. 35 – TAM Associati. Centro de cirurgia cardíaca, Sudão, 2007 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: http://www.tamassociati.org/PAGES/KHT/KHT_SalamCentre.html/, p,100

Fig. 36 - Diébédo Francis Kéré. Escola primária, Gando, 2001 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.kerearchitecture.com/projects/primary-school-gando/>, p,104

Fig. 37 – Skateistan. Skatepark, Afeganistão, 2007 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <https://archive.skateistan.org/projects/kabul?page=5/>, p,106

Fig. 38 - Architecture for Humanity – **Design like you give a Damn (2), Building from de ground up**. New York: ABRAMS, 2012. ISBN 978-0-8109-9702-8 p.175, p.108

Fig. 39 – Prasana Desai Architects e Urban Nouveau. Reabilitação Favela In Situ, Mumbai, 2009 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.dezeen.com/2009/05/05/incremental-housing-strategy-by-filipe-balestra-and-sara-goransson/>, p,110

Fig. 40 – UNHCR. Campo de Refugiados, Kakuma, 2014 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.filmaid.org/stories/2014/7/16/a-story-from-kakuma-refugee-camp-in-kenya>, p.114

Fig. 41 – UNHCR. Escola primária, Campo de refugiados, Kakuma. 2016 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.unhcr.org/news/stories/2016/9/57cee6674/kenyan-refugee-camp-girls-learn-beat-odds.html>, p.117

Fig. 42 - UNHCR. A escola Moneau Shapel, campo de refugiados, Kakuma. 2016 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.unhcr.org/news/stories/2016/9/57cee6674/kenyan-refugee-camp-girls-learn-beat-odds.html>, p.118

Fig. 43 – UNHCR. Campo Kalobeyei. 2015 p.120

Fig. 44 – UNHCR. Mercado, campo de refugiados Kakuma, 2015 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.wfp.org/stories/kenya-wfp-introduces-electronic-cash-transfers-refugees-kakuma-camps> p.122

Fig.45 - Hallaj, Omar - **Mayotte Development Projects**. Technical Review Summary, 2001 p.37, p.144, p.126

Fig.46 - Hallaj, Omar - **Mayotte Development Projects**. Technical Review Summary, 2001. p.32, p.128

Fig.47 - Hallaj, Omar - **Mayotte Development Projects**. Technical Review Summary, 2001. p.36, p.130

Anexos

Anexo I - Transcrição das Entrevistas

Anexo I. A

Entrevista ao Conselho Português para Refugiados

Parceria com o aluno Vasco Soares, do Instituto Superior Técnico, orientando da Arquiteta Patrícia Lourenço

CPR: Uma pessoa quando chega a Portugal, a nível do enquadramento jurídico e social acaba por ter um impacto na forma como o centro foi concebido nas necessidades que identificamos e portanto

O modelo que temos aqui em Portugal é único ao nível da UE e bastante referenciado por outras organizações precisamente porque é um centro de acolhimento aberto e também tem uma serie de serviços para as populações locais.

Falando então da experiencia em Portugal:

- Nós temos neste momento três dinâmicas que estão a correr ao nível nacional em Portugal, temos requerentes que exponencialmente, todos os dias, pedem protecção internacional ao Estado português, isso sempre existiu, porque sempre existiram pessoas que fugiam dos seus países por motivos de perseguição ou de violência generalizada, temos um programa de recolocação e um programa de reinstalação. Estes programas são mais antigos do que a população geralmente tem conhecimento. Estes programas surgiram em 2006. Em que é que consistem? Neste momento estão a ser mais dinamizados devido às necessidades que certamente conhecem da Síria da Turquia etc. Qual é a diferença entre estes dois? Ambos têm por principal objetivo proporcionar uma perspectiva a longo prazo de acolhimento e de integração sobretudo de famílias mais vulneráveis e que estão em países sem as condições necessárias para terem perspectiva de integração. A recolocação diz respeito a transferência de cidadãos requerentes de asilo que estão em países da União Europeia com elevada taxa de requerentes e que portanto não conseguem da resposta a todas as exigências e necessidades, a transferência desses países para outros países onde a pressão migratória não é tão sentida. No caso da reinstalação o processo é o mesmo. Famílias que vivem durante muito tempo em campos de refugiados ou em meios urbanos onde não há um mínimo de segurança e nunca conseguiram aceder ao mercado de trabalho porque os seus direitos não são reconhecidos mas em países terceiros. Por exemplo imagine um sudanês que fugiu do Sudão por ser considerado um opositor do governo que fugiu para o Egito e no Egito residiu durante 10 ou 20 anos sem acesso a qualquer formação ou educação sem acesso aos cuidados de saúde devido á elevada discriminação, e á relatos de agressões físicas sexuais verbais etc. Neste caso a ACNUR identifica estes casos vulneráveis e pede a um país que tenha melhores condições para acolher esta família, para a colher em termos de longo prazo.

CPR: Nestas três realidades diferentes os procedimentos são destintos, no caso da recolocação existem os out spots na Grécia e na Itália onde as autoridades Portuguesa e daqueles países identificam os casos mais vulneráveis e são as autoridades portuguesas que aceitam recolher esses candidatos.

No caso da Reinstalação é o ACNUR-Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados que faz um processo sobre aquela situação encaminha-a para as autoridades do país de acolhimento e são as autoridades desse país que decidem se vão ou não acolher. Portugal tem uma cota destinta para a recolocação e para a reinstalação a recolocação é +/- 6000 por cada três anos, Em termos de reinstalação são 45 por ano.

É uma cota definida não quer dizer que não sejam instalados mais candidatos.

Pronto Estes são os dois processos que se procedem atualmente ao nível nacional. Sobretudo a recolocação o programa é gerido pelo ACM Alto Comissariado para as Migrações que tem uma plataforma onde as Entidades se candidatam para acolher refugiados, temos por exemplo o conselho português para os refugiados que se candidata em parceria com 21 municípios Guimaraes Sintra Sul do país etc. e temos depois outras entidades a Cruz Vermelha outras entidades

No caso da Reinstalação este ano será o CPR a acolher mas poderia também ser ao nível nacional é uma entidade que se candidata para acolher a reinstalação

A cota anterior foi pedida pelo serviço dos Jesuítas para os refugiados.

Isto para dizer que são realmente três dinâmicas diferentes aquela que nós estamos a falar aqui no centro de acolhimento são então os pedidos espontâneos. Diariamente há pessoas que fogem dos sem países de origem e que pedem às autoridades Portuguesas protecção internacional. Podem pedir num Posto de fronteira como num aeroporto ou numa esquadra de polícia.

Vasco: São esses casos que são tratados aqui?

CPR: Sim

Vasco: Só a reinstalação espontânea?

CPR: Em termos de recolocação e reinstalação são trabalhados por várias entidades, no caso das famílias que são recolhidas pelo CPR são trabalhadas em termos de integração em parceria com os municípios e portanto a integração não é feita aqui no centro de acolhimento é feita diretamente no município.

Vasco: Acompanhou vários casos fora também?

CPR: Sim, e faz sentido porque qual é que é a diferença entre estas três situações tanto a recolocação reinstalação a perspectiva é de integração e portanto não faria sentido estarem num centro de acolhimento transitório.

Obviamente que temos aqui dois casos que transitoriamente estão cá até conseguirmos um acolhimento num município estamos a preparar todas as condições mas lá está não é o objetivo.

O centro de acolhimento é um centro de acolhimento transitório por isso é destinado para aos requerentes de proteção internacional espontâneos.

CPR: Nós temos aquela ideia de que refugiados são os sírios ou os Eritreus, nem tanto, Não são só os Sírios que fogem da guerra não só efetivamente.

Então Uma pessoa pede proteção internacional ao estado português pode pedir no aeroporto pode pedir; e agora vou só falar dos pedidos espontâneos esta bem?

Pode pedir numa esquadra policial enfim e o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras aceita aquele pedido de proteção internacional

CPR: A pessoa faz o pedido de Proteção internacional e entra na fase de acessibilidade nestas circunstâncias o requerente é alguém que pede, não tem ainda protecção internacional. Nestas circunstâncias o requerente tem uma declaração comprovativa de apresentação de pedido de protecção internacional.

É um documento válido por 45 dias mas renovável que não permite trabalhar não permite fazer formação profissional a única coisa que diz é muito bem este cidadão pediu proteção internacional. Tem autorização para permanecer em Portugal enquanto o pedido está a ser analisado, e é o SEF que o analisa. O que é que pode acontecer na fase final? Duas coisa o pedido pode ser aceite e se for aceite passa para a fase de instrução nesta fase o requerente tem uma autorização de residência provisória. É um documento válido por seis meses renovável por mais períodos se necessário permite ao cidadão trabalhar e fazer formação, mas ele ainda não tem proteção internacional. Ele continua a ser um requerente. Esta fase significa que no fundo a fase de admissibilidade diz ok é um pedido claramente fraudulento ou não é um pedido que merece a nossa atenção, se merece a nossa atenção passa para fase de instrução onde a análise é mais aprofundada ok. Se o SEF considerar que o pedido é claramente fraudulento sejam quais forem os motivos, a pessoa pode interpor recurso junto do tribunal e iniciar então uma fase de recurso. Nesta situação eles continuam a ter a declaração de pedido de proteção internacional porquê? Porquê o recurso tem efeito suspensivo ou seja a pessoa não volta para o país de origem porque se considera que esta a ser analisado um pedido de proteção internacional a decisão e portanto imaginem o que era ok, não tem protecção internacional é um pedido claramente fraudulento o cidadão interpõem recurso e depois o tribunal diz não atenção ele merece o estatuto de refugiado mas já está no país de origem. Então neste caso.

Na fase de instrução o que é que pode acontecer, á depois então o tribunal pode decidir, ok, tem proteção não tem proteção. Na fase de instrução pode acontecer três situações, a pessoa está no estatuto de refugiado, então ai o SEF considera que aquela pessoa foi perseguida por motivos de raça religião motivos políticos pertença a um grupo social como o caso de ser homossexual, ser uma mulher, perseguido com base no género etc., ou portanto raça nacionalidade pertença a grupo social razões politicas e etnia ok? No fundo a convenção de Genebra. Obviamente que é muito difícil para uma pessoa individualmente comprovar que foi perseguida por aquelas situações até mesmo porque muitas vezes

a pessoa a maioria dos casos a pessoa foge e não trás qualquer tipo de documentação. Então nem sempre acaba por ser possível comprovar que houve uma perseguição individual e nem sempre também é isso que acontece. Por exemplo no caso da Síria não há uma perseguição àquele individuo específico, pode haver ou não, de uma forma geral não, mas a pessoa não pode regressar porque há também uma violação de direitos humano e ele corre risco de vida se regressar. Então ai é dada uma proteção subsidiada a diferença é que são três e cinco anos em termos práticos com a proteção internacional a pessoa não pode regressar ao país de origem porque corre risco de vida o que é que pode acontecer o SEF também pode dizer:

- Não é caso para proteção internacional. A pessoa vai para Portugal por outros motivos, pode haver uma apreciação negativa e a pessoa mais uma vez pode pôr recurso aqui contínua com autorização de residência provisória aqui com um documento valido por três anos aqui por cinco ano renovável com base na análise no país de origem.

Então em termos jurídicos é esta a orientação dos procedimentos.

A pessoa pede proteção internacional ao SEF o SEF vai analisar se aquela pessoa está em situação de carência económica ou não.

Nós temos situações de pessoas que têm um familiar em Portugal e que portanto têm aqui uma rede de apoio. É muito raro. Ou não tão frequente como seria desejável porventura. Porquê porque ao contrario da emigração cuja saída do país acaba por ser mais programada mais planeada tendo em conta também família etc., no caso do asilo a fuga do país é muitas vezes de um momento para o outro sem planeamento e até onde conseguir chegar para estar em segurança. Temos casos sobretudo da Ucrânia que vieram para Portugal porque já tinham cá familiares emigrantes de anteriormente, e depois quando despoletou o conflito acabou por ser uma solução. No SEF identifica se a pessoa esta em situação de carência económica. se estiver em situação de carência económica é encaminhado para aqui para o Centro de Acolhimento para Refugiados ou no caso de ser um menor não acompanhado para o centro de acolhimento para crianças refugiadas Casa para Crianças Refugiadas na Bela Vista. E aqui já temos uma diferença nas necessidades ao nível da arquitetura porque obviamente que os menores têm um tipo de necessidades que este centro não permite de responder. Quando falamos em requerentes de proteção internacional estamos a falar de pessoas com uma enorme diversidade de nacionalidades que podem imaginar. Todos os países onde há conflitos vocês vão ter aqui uma nacionalidade no centro de acolhimento temos cidadãos que são de Angola temos cidadãos do Paquistão, Sri Lanka, Ucrânia, Guiné Conacri, da Serra Leoa, da República democrática do Congo, etc. da Colômbia de Cuba também já tivemos. Portanto primeira caracterização da população diversidade, ao nível de países de origem consequentemente ao nível de códigos culturais ao nível de línguas ao nível de percursos profissionais e formativos, temos pessoas que são iletradas, até licenciados e têm mestrado temos agricultores até professores de ensino universitário, Engº informáticos. Temos pessoas que viveram em

meio urbano em meio rural e portanto realmente diversidade é a palavra que caracteriza a população requerente de proteção internacional.

Vasco: Podem estar cá durante quanto tempo?

CPR: Este é um centro transitório. Nós acolhemos sobretudo nesta fase de admissibilidade. Quando a pessoa obtém uma resposta encaminhamos para um protocolo de recuperação, fazemos um relatório com as assistentes sociais, que foi assinado entre entidades governamentais e não-governamentais com o objetivo de trabalhar a questão da integração dos refugiados. Então temos Segurança Social Instituto do Emprego Ministério da Educação Ministério da Saúde A ---UCDR-- a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa a associação de municípios portugueses pese embora há entidades que estão mais presentes do que outras atualmente. A UCPR vai um relatório social em que vai fazer uma breve descrição ao nível de curso das necessidades da experiencia profissional daquele candidato e esse relatório é analisado em sede de reunião do grupo operativo. Se a pessoa estiver em fase de instrução vai ser a segurança social que vai apoiar, vai ser a entidade que vai ser responsável pelo apoio social até a pessoa ser autónoma. Atualmente a política da segurança social desde 2012 é apoiara nível nacional portanto a nível descentralizado significa que o candidato sai do centro de acolhimento para uma cidade que pode ser Guimarães, Faro todos os distritos de Portugal. E temos aqui uma questão que é a chegada a um sítio o receio de um meio desconhecido. A pessoa só pode ficar em Lisboa se tiver familiares, se tiver a possibilidade um trabalho e precisa do apoio da Segurança Social numa fase inicial se estiver inscrito numa formação portanto critérios muito específicos. E porquê porque se considera que a capacidade de resposta da equipa da segurança social de Lisboa não é tão próxima e disponível como é noutras cidades.

Vasco: Mas na segurança social oferecem só rendimentos ou oferecem casa? É caso a caso?

CPR: Neste caso se for em recurso vai ser a Santa casa da Misericórdia de Lisboa que vai apoiar isto porquê? Porque normalmente os recursos são propostos pelo tribunal Administrativo de Lisboa e é aconselhável que o requerente esteja perto. Como já expliquei neste caso a pessoa pode trabalhar neste caso a pessoa não pode trabalhar (minuto 19:05) Então o apoio que a Santa Casa lhe vai dar é meramente ao nível da subsistência pagamento do alojamento pagamento da alimentação pagamento de algumas despesas. No caso da segurança social a perspetiva é mais a longo prazo e portanto é suposto que a Segurança Social articule com parceiros locais para apoiar não só ao nível de alimentação e alojamento mas também ao nível de emprego formação etc. Se a pessoa ficar em Lisboa é o CPR que faz a procura de habitação alojamento alternativo e essa procura vai-se basear na tipologia do agregado familiar. Isto porquê porque nós temos sobretudo casos individuais homens sozinhos porque lhes é mais fácil fugirem as mulheres enfrentam muito mais desafios e são muito mais vulneráveis. Mas também temos famílias temos agregados monoparentais a mãe só com o bebé temos até grávidas

Recebemos recentemente uma grávida de nove meses. Portanto quando a pessoa tem de fugir... Mas também temos o casal com as filhas ou o casal só ou seja a tipologia do agregado familiar também é muito diversificado pese embora o que predomina é o homem sozinho. Então o CPR apoia na procura de alojamento exterior ao centro se a pessoa ficar em Lisboa atualmente a procura de habitação é bastante difícil, com certamente sabem, os valores estão muito altos o apoio que é dado não é significativo por exemplo uma pessoa sozinha terá de procurar necessariamente um quarto ou uma casa partilhada para que possa fazer face às despesas com o apoio social que recebe. Depois se tiver interesse se a assistente social tiver disponibilidade ela pode falar um bocadinho mais em termos de valores Se for a Segurança Social de outra cidade então aí será a Segurança Social que vai definir o alojamento de acordo com o agregado familiar e com a disponibilidade do município. Há cidades em que o alojamento inicial é um centro de acolhimento por exemplo para idosos mas é transitório até conseguir definir uma casa um alojamento Há distritos que já têm identificadas casas partilhadas ou não e a pessoa vai diretamente para o alojamento portanto vai depender muito de caso a caso e da disponibilidade imediata.

Isto porque é um centro transitório e significa que tem de ser bastante fluído, todos os dias chegam novas pessoas, e não todos os dias, mas com regularidade deviam sair também pessoas.

O que é que acontece atualmente? O centro de acolhimento, inicialmente, foi construído para 36, máximo 42 pessoas; atualmente estão cerca de 80 pessoas e nós estamos a apoiar mais 130, salvo erro, mas vamos confirmar fora. Isto porque não tendo aqui vaga nós procuramos soluções alternativas; no caso do aumento do nº de asilo, foi necessário alugar uma vivenda e essa vivenda foi transformada num mini centro para fazer face a esta necessidade de alojamento.

Vasco: Não tem nada a ver com a habitação provisória da câmara?

CPR: Não. Neste caso, é uma vivenda aqui perto dos nossos serviços; por outro lado, temos alguns proprietários privados, que nos alugam quartos para podermos responder.

Nós tentamos sempre preservar a unidade familiar, porventura às vezes não é possível.

A família pode inicialmente ficar separada até se conseguir alugar um quarto.

Tudo isto é causado pelo aumento do nº de pedidos de asilo. Inicialmente, Portugal era um dos países que tinha menos pedidos de proteção internacional; hoje não é o país com o maior nº de pedidos mas houve um aumento substancial. E portanto, as estruturas que foram criadas, o Centro é de 2006; as estruturas que foram criadas em 2006, não correspondem à realidade atual.

Em 2006 tínhamos 110 pedidos de asilo, por ano.

Ana: Está a falar de vagas para homens e para mulheres. Na vivenda existe uma área feminina e uma outra masculina?

CPR: A questão de género é sempre respeitada. Nós utilizamos muito a vivenda para famílias.

Neste caso, no Centro há uma ala para homens e uma ala para mulheres, mas temos 1/ 2 quartos que muitas vezes acolhem famílias.

Tentamos sempre responder às necessidades, mas nem sempre é fácil.

Por este motivo foi aprovada a construção de um novo Centro de Acolhimento aqui perto, em S. João da Talha, que vai ter capacidade para 80 pessoas, salvo erro, para tentarmos responder a esta questão.

No fundo é este o enquadramento geral; O CPR é uma ONG e o nosso objetivo é dar o apoio inicial.

Agora, pensando um pouco no que consiste este apoio social, é um bocadinho pensar... imagine que eclodia uma guerra em Portugal e nós tínhamos que fugir, fugíamos de um momento para o outro, e chegávamos ao Afeganistão, onde tudo é um mar de rosas. O que é que chegado ao Afeganistão vocês iriam precisar? Tudo, tudo... Alimentação alojamento, documentos, aprender a língua afegã. A educação, até porque a licenciatura em Arquitetura estaria fora de questão.

Ana: Ajuda às crianças que não têm educação ou têm educação a meio e cursos que não são acreditados?

CPR: No fundo todas as necessidades que identificaram, vamos responder aqui no Centro e fora; portanto há determinados serviços que são para a população que sai do Centro.

Então temos, em primeiro lugar a questão do alojamento; então à chegada nós identificamos o local onde a pessoa vai ser acolhida e damos também um apoio financeiro para que a pessoa possa comprar os seus próprios alimentos e confeccioná-los.

Tudo aquilo que é relacionado com necessidades básicas, alojamento, alimentação e, eventualmente roupa, porque muitas pessoas acabam por chegar só com a roupa do corpo; lembro-me que, ao nível da reinstalação havia um tempo, penso que em 2010, nessa altura ainda acolhíamos aqui ni Centro porque os pedidos eram muito pouquinhos, e tínhamos vaga; recebemos uma família reinstalada que viveu muito tempo no campo de refugiados; era uma mãe com várias crianças, muitos menores e eu fiquei para a acolher e a minha colega, assistente social, foi ao aeroporto receber a família e ela liga-me de lá e diz-me para eu ir buscar roupa para as crianças; eu fui, era inverno, estávamos a 23 de Dezembro, e quando eu vi a família a chegar estavam de T-shirt e chinelos; efetivamente o impacto foi difícil; muitas vezes as pessoas só trazem a roupa do corpo; nós estamos a falar de pessoas que fugiram de um momento para o outro; a diferença entre os refugiados em particular e da imigração em geral, é que há todo um impacto ao nível da intervenção.

CPR: A imigração, a diferença ou a especificidade em termos da população refugiada é que, por exemplo um imigrante, ele decide sair do país seja decisão mais forçada ou não, não, em termos económicos, mas muitas vezes é uma saída mais planeada, uma saída que tem por objetivo procurar trabalho e melhorar as condições de vida; isto significa que a pessoa, em termos de segurança e ao nível emocional, tem uma serenidade maior, significa que, se a pessoa quiser regressar pode sempre regressar, não corre risco de vida, tem facilidade de contactar pessoas, familiares e amigos.

Muitos dos refugiados nem sequer sabem onde está a família, muitos viram familiares e amigos morrerem à sua frente; temos várias mulheres e vários homens que deixaram os filhos ao cuidado de alguém e não têm conhecimento onde estão os filhos, e portanto, isso em termos de impacto é muito forte.

No caso dos imigrantes há uma possibilidade de contactos, há uma possibilidade, inclusive de regressar se as coisas não correrem bem aqui. Os refugiados não têm essa possibilidade... tem de funcionar bem aqui.

Por outro lado, também não podem sair de Portugal porque a proteção internacional é-lhes fornecido pelo Estado Português, portanto o título de residência é só para Portugal.

E portanto, essa é a diferença. Nós quando falamos em refugiados falamos de uma imigração forçada, tudo isso tem implicações em termos de, por exemplo, imaginem que estamos a falar de um arquiteto que foge, para fazermos equivalências escolares, se vocês quiserem fazer uma equivalência escolar noutros países têm de levar o diploma, tem de levar o conteúdo programático, têm de levar a tese, não é? Estes documentos têm de ser traduzidos e têm de ser autenticados pelo Consulado Português no país de origem, no país de acolhimento; ora, um refugiado não pode contactar a embaixada, porquê? Porque a embaixada representa o país do qual fugiu porque não se sentia seguro. Então, para além do facto da maioria dos refugiados não terem qualquer tipo de documentação, aqueles que têm documentação não podem contactar as embaixadas dos seus países; a realidade é que temos muitos licenciados e com mestrados que não são reconhecidos em Portugal. Há determinadas profissões que são regulamentadas e não tendo documentação não podem exercer a profissão. Imaginem a frustração que é, nós estudarmos anos e anos e depois só temos lugar na construção civil... é muito complicado...

O migrante muito dificilmente verá reconhecidas as suas habilitações. No caso dos menores, eles têm de ter a escolaridade obrigatória até aos 18 anos, são automaticamente integrados numa escola mas têm as dificuldades da língua; imagina que eles estavam a estudar no Afeganistão, em basto; até o alfabeto é totalmente diferente. Há a questão da língua, há a questão efetivamente desse...

Têm aqui 2 formadores de língua portuguesa; assim que a pessoa chega, assim que abre uma turma eles são integrados; aliás a professora gostaria muito de falar convosco sobre as questões de acústica e de privacidade, ao nível da formação. Temos 2 professores que ensinam a língua portuguesa aos formandos; agora, depois há necessidades muito específicas; temos casos de iletradas, temos casos de pessoas que frequentaram a escolaridade noutra alfabeto, pode ser árabe, somali e portanto, o alfabeto é distinto.

E depois temos aquilo que, se calhar, acaba por ser uma das primeiras necessidades, que é a questão da saúde, seja a nível físico, seja a nível psicológico, não só por aquilo que aconteceu no país de origem, mas também durante todo o percurso.

Estamos a falar de pessoas que, por vezes, fazem percursos de vários meses, que usam autocarro, que vão a pé, enfim, tudo aquilo que conseguirem imaginar..., e portanto, é logo feito um encaminhamento para o centro de saúde, para despistagem de doenças do foro respiratório, tuberculose; é feita a vacinação; há protocolos com algumas associações para despiste de doenças infectocontagiosas; há toda essa questão ao nível da saúde, inclusive é feito um acompanhamento ao nível de situações específicas de cada refugiado.

No caso de acharmos que precisa de acompanhamento psicológico... estamos a falar de pessoas que foram torturadas, mulheres que foram violadas, estamos a falar de pessoas que viram... muitas coisas a acontecer e que, inclusive, deixaram familiares para trás; portanto a questão do acompanhamento psicológico acaba por ser importante. Nós enviamos para o Centro de Apoio à Vitima de Tortura, em Portugal.

Sendo certo que, todas estas questões acabam por refletir-se aqui, na vivência do Centro, não há conflitos, por aí além, conforme se pode imaginar.

Na realidade todas as pessoas acabam por estar aqui, por procurarem proteção internacional, mas efetivamente são pessoas com culturas muito diferentes; quando eu vivia com a minha irmã, eu e ela já tínhamos conflitos, só na vivência das duas; imagina o que é uma pessoa da República do Congo, uma pessoa da Ucrânia cujos hábitos culturais, etc, são totalmente diferentes. E, por outro lado, também não nos podemos esquecer que não é o facto de serem do mesmo país, que faz com que as pessoas se deem bem.

Isto porquê? Porque muitas vezes saíram do país...

Fiz uma sessão técnica para a procura de emprego; havia 2 cidadãos do Sri Lanka, um deles falava muito bem inglês, o outro não falava. Eu pensei, bem..., vamos juntá-los e eles entreejudam-se. E na sala foi cada um para a sua ponta e eu pedi para traduzir e ele não traduzia assim muito, e aquilo ficou na minha cabeça. Quando eu saí falei com os colegas, claro, e foi quando um deles, me disse que um deles era Tâmil e o outro Cingalês; isso também pode acontecer aqui no Centro; podem cá estar relações opostas do país de origem. É também uma necessidade trabalhar estas questões da vivência, das questões culturais em Portugal; como é que em Portugal nós fazemos, etc...

Vasco: Em termos gerais de lógica de habitar, os quartos são partilhados?

CPR: Sim.

Vasco: O tipo de quarto é o normal em Portugal? Não há adaptações? Alguma experiência que tenham tido com pessoas que não consegue habitar aquele espaço? Ou que se queixem? Não quer dizer que não fiquem lá na mesma.

CPR: Por exemplo, aquela família de reinstalados que vos referi, a mãe e os menores, ficaram trancados num quarto porque não sabiam usar a fechadura.

CPR: Coisas tão simples como essa; depois temos outra de pessoas que não sabem utilizar uma máquina de lavar loiça, ou um eletrodoméstico específico.

Temos também outras questões, por exemplo, os quartos agora são quartos partilhados, a capacidade dos quartos está sobrelotada, não em termos de camas, pois nós procuramos sempre manter um mini lar; o quarto foi construído para ter 4 pessoas e tem 6 camas, independentemente de, em termos de espaço ser possível, os armários são só para 4 pessoas; a casa de banho é só para 4 pessoas.

Mas isto que eu disse é que, mesmo em termos de cuidados de higiene e de limpeza há hábitos diferentes, produtos diferentes e portanto nós temos aqui algumas situações que ocorrem por esse motivo.

Lembro-me de uma reinstalada, que nós alugámos uma casa para ela, e tivemos muitas queixas do senhorio. Porquê? Porque ela limava o soalho com muita água, então o soalho estava a levantar todo; uma questão muito simples que nós nunca imaginámos que pudesse ser um problema. E, na ótica dela, ela estava a limpar muito bem.

Então, este desconhecimento dos materiais, este desconhecimento de como funcionam determinados eletrodomésticos, é uma dificuldade; falando-se aqui, obviamente de pessoas de várias culturas, de várias vivências. Quando eu digo isto..., claro que temos refugiados que tinham a sua habitação, uma casa própria, um carro, um estatuto político elevado..., claro que estas questões não se põem; mas é uma população muito diversificada. Estão no mesmo quarto, ao mesmo tempo, um ativista político, um agricultor, um empregado de mesa, um comerciante de países muito diferentes, com códigos de conduta muito diferentes.

Ana: Quando falou da ajuda psicológica e, exatamente por causa desta questão, toda a gente tem direito a um psicólogo...

CPR: Toda a gente tem direito a acompanhamento psicológico, mas nós não podemos forçar a ir ao apoio psicológico; tem de ser algo que a pessoa aceita e a assistente social identifica e propõe.

Agora podemos pensar... uma pessoa, uma mulher, que fala árabe, junto de uma psicóloga, tem de ter sempre um intérprete, e experiências que são tão pessoais e difíceis, o acompanhamento psicológico pode também não ser o mais adequado. Isto para salientar que, efetivamente, há dificuldades a vários níveis... mas nós temos este protocolo com uma organização e nós temos tido muito bom feedback.

Ok. Então temos questões práticas, desde alojamento, alimentação, apoio pecuniário..., como é que funciona o euro..., não sei qual é a moeda do Afeganistão, não é...?; a questão da gestão económica... houve uma senhora que muito indignada me disse: então eu dei uma nota e eles só me deram moedas...

Depois temos a questão da língua e inicialmente vamos precisar de intérpretes, ... vêm cá colaborar com os serviços; temos a questão da saúde que é extremamente importante e numa fase posterior o acompanhamento em termos de emprego, formação, ao nível da criação do próprio negócio, porventura, são vários os obstáculos inerentes...

Vasco: Não estipulam prazos às pessoas?

CDR: Depende da duração da fase de admissibilidade; às vezes as pessoas já chegam do aeroporto com uma decisão, que pode ser em recurso ou em instrução, e de pende depois... ou pode ser durante 3 meses, por exemplo, que tem uma

decisão e depois depende da capacidade de resposta das entidades, nomeadamente a Segurança Social e a Santa Casa; portanto, não oferecemos um prazo às pessoas mas há prazos que têm de ser cumpridos.

Vasco: Por causa da lotação do Centro?

CPR: Sim. Nunca deixamos ninguém na rua, a não ser que, imagine que, há um mês que estamos a falar à pessoa que tem de vir aos atendimentos, para procurar casa; a pessoa não vem aos atendimentos, então aí é o compromisso também da pessoa; a pessoa é a principal beneficiada, interessada e ativa do seu processo de acolhimento e integração, e isso é o que referi logo no primeiro instante. Nós podemos criar todas as oportunidades. Se a pessoa não as aproveita...

No caso dos menores qui deste Centro, são mais acompanhados. Agora, nós temos e ter cuidado com as famílias, ter em consideração a situação emocional da pessoa, uma série de circunstâncias são tidas em consideração.

O nosso objetivo, aqui, é promover a dignidade, promover os direitos humanos.

Portanto o que é que eu sugeri? Fiz, assim, algo geral, no Centro só requerentes de proteção internacional; portanto, recolocação, reinstalação; ... aquilo que ouvem nas notícias é uma estratégia diferente, a nível nacional, em colaboração com os municípios, a identificação é feita por cada entidade que determina o alinhamento...

Vasco: E nas pessoas que ficam fora?

Há casos de famílias que as acolhem?

CPR: Não. É sempre alugada uma casa. E isso porquê? Quando nós falamos de refugiados, falamos de pessoas com tudo o que isso implica; são pessoas que têm expectativas, são pessoas que têm vontades, sonhos, sentimentos e o processo de integração tem de ser um processo acompanhado.

Se nós, por muita solidariedade que aja...

Imaginem que uma família aceita acolher um refugiado e esse refugiado fica descontente porque só tem um quarto e não tem uma casa; na minha opinião é legítimo, no sentido em que há expectativa e, se calhar no país de origem ele tinha uma casa e o filho tinha um quarto com todos os brinquedos e nós temos consciência disso e a parte técnica trabalha essa expectativa. No caso de uma família isso não iria funcionar, porque nós achamos logo, “pobre e mal-agrado” e não tem nada a ver com isso. Há um background muito diferente.

Para evitar esse tipo de situações que ocorrem necessariamente o CPR optou sempre por não acolher em famílias.

É uma equipa técnica que acolhe, que acompanha; há voluntários portugueses que apoiam o CPR nesse acompanhamento. Mas esses voluntários também são acompanhados pelas técnicas.

Para que tudo funcione o acolhimento tem de ser profissional, com o apoio de voluntários, tudo isto só faz sentido se a comunidade estiver envolvida, mas não nos podemos esquecer que os refugiados são cidadãos, são pessoas; às vezes, por exemplo, eu trabalho na área de informação, e tenho uma oferta de emprego que é de 2ª a 6ª feira e divulgo essa oferta profissional a um muçulmano e ele diz-me que não pode à 6ª feira. Eu enquanto técnica tenho de compreender

que, para aquela pessoa, estar cá não foi uma opção. Aquela pessoa fugiu do seu país de origem, se calhar nunca imaginou que ia ser refugiada e chegou aqui de para-quadras, num centro de acolhimento, num país que não conhece, com pessoas que nunca viu na vida, com códigos sociais e culturais totalmente diferentes e tem toda a legitimidade a agarrar-se a algo com o qual se identifica, neste caso é a religião.

Claro que o meu trabalho como técnica, também é ajustar as expectativas à realidade atual, mas isso só pode ser feito com uma equipa que acompanha todos o níveis.

Anexo I. B

Entrevista ao arquiteto Carlos Franco, Studio Muda

AFM: Pode falar sobre o projeto de arquitetura de emergência que concebeu?

CF: como é que tiveste conhecimento do projeto?

AFM: A partir da pagina do Facebook que mencionava a exposição do mesmo.

CF: Esse projeto foi desenvolvido no âmbito de uma competição que, até não tinha nada a ver com arquitetura de emergência. Era uma competição que procurava a utilização de uma tela, de um tecido, de uma marca específica, Some-bela? Tinha 3 vertentes que tinham que ser articuladas; tinha de ser lúdico numa situação de emergência, lá está... E revestimento de um edifício... Eu optei por essa parte de emergência porque era uma área que sempre me interessou; mais do ponto de vista de pesquisa, do que a fazer algo concreto. A competição não deu em nada mas o projeto teve alguma aceitação em publicações da altura, inclusive essa publicação do museu que pediu imagens, porque quiseram fazer uma exposição sobre o assunto. Neste caso concreto era mais para pôr à discussão, o que é que a arquitetura de emergência deve ser ou pode ser; até que ponto as soluções apresentadas são viáveis, ou são utópicas, mas acima de tudo estabelecer um debate ideal, para que se continuem a desenvolver novas propostas e tentar de alguma forma, através da arquitetura, dar resposta a um problema muito complexo de resolver.

AFM: Porque na minha tese eu tenho vindo a perceber que a arquitetura de emergência, arquitetura social, se calhar é tudo arquitetura, os recursos disponíveis é que são diferentes, e daí, talvez, arquitetura de emergência seja algo mais complexo, porque não temos tantos recursos e há muitos mais constrangimentos. A minha tese também se foca em países subdesenvolvidos, e aborda o tema da utilização dos materiais locais. Existe a problemática de que os países ocidentais levam os abrigos de emergência, portanto uma coisa entre tenda e abrigo, com materiais aos quais a população local não tem acesso. Consequentemente não existe manutenção. A arquitetura temporária deveria durar meses e acaba por durar anos. Será que poderíamos usar os materiais locais e pensar numa abordagem sobre o desenvolvimento, ou seja, em vez de dar só o abrigo, em arquitetura podíamos pensar logo, será que podíamos dar uma “vila” temporária que depois as pessoas podiam desenvolver para uma cidade que não fosse dependente

CF: Acho que estás a abordar o tema no caminho certo. Eu faço parte de uma academia fundada nos USA que desenvolve e promove o ensino da arquitetura on-line e que se chama “ Build Academy”; dantes tinha um nome diferente que era “open on-line Academy” ; dantes era uma coisa gratuita, o interesse era chegar a países..., obviamente onde as pessoas não têm acesso ao ensino mas, através da internet ... Como não havia fundos a empresa teve de deixar de ser gratuita e direcionada mais para o mundo ocidental, digamos, houve ali uma reviravolta; isto para dizer que, numa das abordagens que estávamos a fazer, o que tu diseste agora fazia mais sentido, ou seja, não descarregar lá produtos industrializados da nossa cultura ocidental, etc. . Em certas situações é a resposta mais rápida que podes dar, é levars N tendas e montares e as pessoas ficam ali abrigadas.

AFM: Claro.

CF: Mas sem qualidade de vida, porque é um abrigo que devia ser temporário. O que acontece depois, é que não são temporários e passam a ser permanentes e desenvolvem-se todos os problemas que há ... Ou quando a emergência é derivada de uma guerra... Quando é uma catástrofe, a bem ou a mal, as coisas tomam outro sentido porque as pessoas não são deslocadas do seu território durante muito tempo; existe sempre ali a tua antiga habitação, podes ser realocado numa zona, temporariamente, mas as pessoas vão sempre voltar às suas casas para tentar reconstruir a sua vida, mas quando é guerra isso não acontece, elas têm de deixar tudo para trás... Ficam disponíveis, tudo... E uma das coisas que a arquitetura também poderia fazer, não só na parte material da coisa, ou seja, chegar lá e construir os abrigos, mas ensinar de certa forma, transmitir o conhecimento às pessoas, principalmente em populações menos desenvolvidas, sem acesso aos materiais industrializados que nós temos, sem as ferramentas; transmitir esses conhecimentos, ensinar às pessoas o que elas podem fazer com os materiais que estão ali à sua disposição; em alguns cursos que estivemos a fazer, os arquitetos desenvolviam abrigos, com base nos recursos disponíveis localmente, mas ao mesmo tempo, de uma forma que fosse utilizando as técnicas, não só os materiais, mas indo ao encontro das técnicas tradicionais, que já são utilizadas nessas povoações, para que acharam ligação quase natural, de certa forma, entre os materiais que as pessoas conhecem e os materiais a que assessoras têm acesso, e assim, talvez, essa arquitetura de emergência vá ligar com essa parte social; ao fim e ao cabo essas definições ainda são muito recentes.

AFM: Exato.

CF : É ainda se anda a tentar um bocado estabelecer o que cada uma significa. A arquitetura social... Muita gente pensa logo em bairros sociais, e acho que é muito mais do que isso; e a arquitetura de emergência, essa vertente, que é de ser

uma coisa quase que imediata, e daí talvez é levada ao extremo, neste abrigo. A situação de ser imediato, ele, em teoria, pudesse ser lançado de um avião e, ao cair, já estava montado. Era minimizar o tempo de montagem ao máximo. Claro que é uma situação um bocado utópica e, foi nessa base, que eles me puseram lá na exposição..., mas que a ideia é mesmo de pensar o que é a emergência. Já que é tudo de emergência, o tempo de ação é muito importante, o que é que se vai oferecer às pessoas e quanto tempo é que isso vai demorar a chegar lá.

Depois, qual é o partido que as pessoas vão tirar disso; tem de ter algumas vantagens; é só uma tenda ou não deve ser só uma tenda?

AFM: A arquitetura de emergência tem várias fases. Há quem veja que a arquitetura de emergência como um abrigo, ou é arquitetura social e eu acho, pelo menos é a conclusão a que eu estou a chegar, é que é um bocadinho de tudo. No início responde-se às necessidades básicas, mas não pode ser só isso; depois tem de haver a continuação do processo de reconstrução ou de reabilitação, independentemente da situação; se for um campo de refugiados, em que as pessoas são deslocadas, deve-se pensar como é que nós podemos desenvolver este campo, para não se transformar numa prisão; nesse sentido, é importante perceber também a cultura com que estamos a trabalhar, mas acho que a tenda é importante; esse abrigo que, se nós pudéssemos lançar, ficava logo montado, as pessoas não sofriam mais. Mas é importante de vir depois o abrigo temporário.

195

CF: O abrigo um bocado permanente?

AFM: Sim, sim...

CF: A construção desse abrigo.. Há uma coisa que vemos acontecer, as pessoas... Quando vais visitar alguns campos de refugiados mais antigos, as tendas já deixaram de ser tendas, as pessoas já aproveitaram material da tenda e construíram alguma habitação; a tenda passa a ser a cobertura ou a impermeabilização dessa construção de lata; à uma parte interessante que é... Tu dás-lhes uma coisa e ao fim de algum tempo vão transformá-la de alguma forma e, acho que também deveria passar por aí; a maneira como se pensa os campos hoje em dia, não ser só finito naquele objeto em si, mas haver essa possibilidade; ok, já que estamos a aplicar um material que eles não têm acesso, como as tendas impermeáveis, e estamos a fornecer esse material às pessoas, que essas tendas, de alguma forma, pudessem ser pensadas para que as pessoas que utilizassem esse material, em conjunto com outro que tivessem no local, reconstruíssem a sua nova casa, digamos..., de alguma forma que aquilo não acabasse por ali, não dos só aquilo. Claro que isto é só o abrigo, a habitação.

Mas a parte que tu falas, que é fundamental também, que é a necessidade de reeducar as pessoas numa nova reorganização; quando elas voltam à mesma cidade, a bem ou a mal, reconstróem a estrutura da cidade existente; quando as pessoas são completamente retiradas da sua zona de conforto, do local onde viveram, é tudo novo, Então a arquitetura não consegue dar resposta a tudo, mas deve combinar com outras ciências sociais, por forma a que essa sociedade se sinta integrada, seja numa cidade ou noutra situação qualquer. Não seja o que acontece nos campos de refugiados, todos muito bem alinhados, todos compactados, porque o espaço é pouco como um campo de concentração. As pessoas morrem lá todos os dias, só não estão a matar com gás, mas as condições que lhes dão, muitas vezes vão levar a esse fim.

Eu não sei se a arquitetura consegue dar resposta a isso tudo, mas deve pensar e deve interagir com as outras ciências.

AFM: Eu li sobre a arquiteta Sandra d'Urzo, não sei se conhece. É uma arquiteta humanitária que trabalha para o IFCR

CF: não sei se já vi, talvez já tenha visto algum projeto de construir escolas em bambu e casas.

AFM: Ela já fez vários tipos de projetos, trabalha em cenários pós-catástrofes naturais e ela fala, exatamente, do arquiteto como gestor do projeto sendo que, conseguimos interligar os engenheiros, os sociólogos, os economistas, e fazer um projeto que sirva à comunidade e que tenha em vista o desenvolvimento é algo que nós, os arquitetos, conseguimos ver, ter o pensamento abstrato e ter uma visão mais geral, conseguir interligar todas estas ciências para fazer algo completo, digamos assim.

CF: Acho que sim, acho que é por aí, apesar que é difícil tomar a rédea quando vivemos nesta situação, em que a economia dita mais que qualquer outra ciência.; especialmente nestas situações de emergência, acabam por perceber que a economia tem um papel fundamental; só vai de encontro ao que se pretende se vir que terá retorno, o que para mim não faz muito sentido; não se devia estar à espera de lucro numa situação de emergência.

AFM: Claro.

CF: Nem numa situação de catástrofe e, parece que a economia só avança se for proveitoso para a empresa que está a fornecer o material, de alguma forma..., faz-me lembrar aqueles abrigos do IKEA, que eles têm para emergência; eles fazem o abrigo, tu montas tudo com uma chave de fendas, mas eles fizeram isso porque houve um retorno enorme, do

ponto de vista de marketing, para a própria empresa, e não sei, nem quantos, nem onde, foram aplicados esses abrigos. Quem está a passar por essa situação de catástrofe é que sofre, e eu, fico apreensivo.

O arquiteto seria o elemento que conseguiria chegar a todas as partes, através de um pensamento abstrato, em prol do bem dos deslocados.

AFM: Da comunidade. Há duas coisas que eu acho que são interessantes. Uma é como nós doamos, há muito a ideia do ocidental que vai dar um abrigo, a culturas que não vão aceitar, porque não tem nada a ver, com a maneira como eles vivem; existem casos de reconstruções, mesmo, que não têm nada a ver com o tipo de vida que as pessoas tinham; as pessoas vivem em pátios, porque há áreas para as mulheres e para os homens...

CF: Exato.

AFM: Depois as pessoas não os usam, e são vistos como mal agradecidos, e eu acho que é importante termos a noção que não somos seres superiores que vamos ajudar, e a abordagem deve ser um trabalho em equipa, que vamos trabalhar com as pessoas. tentar perceber e haver esta ligação, porque somos todos seres humanos.

CF: Mas com culturas diferentes! E, relativamente à construção com conhecimentos diferentes, materiais diferentes; isso que falaste das culturas é muito importante; ao dares uma tenda em que toda a família vai ter de viver junta naquele espaço, em determinadas culturas em que está tudo separado, outros sexos, ou porque a mulher não pode estar junta com o marido; têm uma vivência ... Pó-os todos num contentor, com um sorriso na cara, não quer dizer que estejam a fazer uma boa ação.

AFM: Exato.

CF: só pode ser um caso que não foi bem estudado, e isso faz-me uma certa confusão. Com tanto conhecimento que se tem hoje em dia, ou acesso a tanta informação; com tanto dinheiro que as organizações têm, nomeadamente a ONU, e outras organizações intervenientes, que participam ativamente nestes problemas, como é que se continuam a oferecer tendas como sendo o melhor que podemos dar para abrigar as pessoas, vindas de culturas completamente diferentes, que acabaram de perder tudo, até familiares, e a resposta que nós temos são estas tendas da ONU, que são as mais conhecidas.

Com um bocadinho mais de dedicação, as empresas das tendas receberiam menos, conseguiríamos dar uma resposta mais adequada. Era preciso haver uma equipa de reconhecimento da cultura dos desalojados, que fosse para lá reeducar, participar, interagir, e educar, fundamentalmente; não só porque as catástrofes naturais se repetem várias vezes no mesmo sítio; um exemplo, numa catástrofe de um furacão nas Filipinas, fomos dar cursos de construção de escolas, utilizando materiais e técnicas locais, mas construindo-as resistentes aos furacões. A arquitetura que foi destruída não deve ser reconstruída igual ao que estava anteriormente.

Deve-se aprender com os erros, perceber o que é que se pode fazer para melhorar, utilizando o que temos à nossa disposição; leva é tempo. Em emergência, o tempo é essencial. O curso demorou 6 meses, as pessoas não podem estar 6 meses sem uma resposta. Surgiram propostas realmente interessantes, para construção de escolas que poderiam resistir a tufões e, etc., com materiais locais, nomeadamente o bambu, que é uma planta que cresce muito nas Filipinas; eles têm toda uma técnica que eu desconhecia, técnicas locais com bambu, de ligações super interessantes..

AFM: sim, sim... Mesmo muito resistentes; eu também estive a ler sobre isso.

CF: foi feita uma exposição na sede da ONU, em Nova Iorque, com os trabalhos mais interessantes, digamos, fizemos uma espécie de concurso e, até hoje, nenhum desses trabalhos foi financiado. Houve um interesse mediático, mas chegada à altura de implementar isto no terreno, começam a surgir toda uma série de problemas e interesses..., não sei..., vai-se reconstruir aquilo que foi destruído, para ser destruído novamente, em vez de se aplicar os dinheiros que existem a modificar. Tudo bem, não quer dizer que estas escolas foram pensadas e iriam ser muito melhores, claro que só passando pela mesma situação se poderia confirmar estas conclusões. Mas na teoria eram melhor do que aquilo que estavam. Isto deixa-me de pé atrás, apesar da dedicação de imensos profissionais em todo o mundo, muitos voluntariamente, as coisas não vão para a frente, por razões económicas, ou de interesses.

Ou seja, é muito importante o retorno económico que estes projetos podem gerar. Em lucro direto ou publicidade. Só assim, estes projetos poderão acontecer de alguma forma, infelizmente.

AFM: Eu acho que é importante os arquitetos perceberem como navegar entre ciências como a economia e a política que são fulcrais em qualquer projeto social e arquitetónico. Aí o pensamento creativo e mais abstrato pode ser a resposta. Por exemplo, no caso da construção de habitação social em Mayotte, em que a organização Cra-Terre cria uma micro economia em torno do desenvolvimento de um tijolo de terra. A utilização de materiais locais e o ensinamento da população, sobre como os trabalhar, foi determinante no projeto tanto a nível arquitetónico como social.

Assim, falo também da importância da educação a nível construtivo como social. Num campo de refugiados onde não existe atividade possível para além de comer e dormir a vida torna-se insuportável.

CF: As pessoas precisam de se sentir úteis. Além de perderes tudo começa a sentir-te inútil. Que é o pior que pode acontecer a um ser humano é essa sensação de inutilidade. Ao dares essa atividade estás de certa forma a manter a pessoa ativa e saudável mentalmente.

AFM: Por isso eu acho importante que se fale também em escolas e centros de emergência, e não apenas o abrigo de emergência, ou seja na criação de uma espécie de “vilas de emergência”. Penso que seria importante ter em consideração o desenvolvimento da mesma, e pergunto-me se a arquitetura poderia ter força nesse sentido.

CF: Eu acho que sim, nesse sentido pode ter força efetivamente. A arquitetura acaba por ser, não é só a parte do desenho, da criatividade e da produção técnica digamos, é muito mais do que isso, é a parte social. É a parte de interação do ser humano com o espaço a relação a relação humana é o que forma as cidades é um misto de relações, mas tudo se passa entre ruas e habitações. Para mim pelo menos a arquitetura é isto, a vivência que tu ofereces. As coisas mudam conforme o seu ambiente, não é por acaso que os bairros problemáticos são problemáticos. A forma como eles estão inseridos na malha urbana e a forma como foram feitos têm tudo para ser problemáticos, portanto quem vai viver lá é uma pessoa que vai estar fechada. A arquitetura tem uma influencia tremenda nas nossas vidas. Quando acontece uma catástrofe, é quase o voltar á estaca zero, e por teres oportunidade realmente de refazeres aquilo que se calhar estava mal feito e continuar a fazer aquilo que estava bem feito aí tem um papel fundamental. Pelo menos na definição da estratégia. Acho que era importante haver sempre uma consulta direta com arquitetos, urbanistas, designers, sociólogos, quando se toma a decisão de fazer um campo de concentração de refugiados, podia passar mesmo pelo que estás a dizer. Não começar por pôr tendas em filas dentro desta cerca, vamos organizar o espaço por centros de acção, e em torno disto vamos recriar estes abrigos. É quase impensável hoje em dia dizermos que isto vai ser um abrigo temporário. Ninguém sabe. Nunca vai ser uma coisa que dure dois meses. É ridículo continuarmos a pensar assim. Quando uma situação dessas acontece pode durar anos, e guerras duram décadas e há interesse em que se mantenham. Se já sabemos isto, porque é que não se pensa nestas coisas logo de uma forma a recriar uma nova cidade e não um campo de refugiados. Faz mais sentido. E esses próprios campos servem micro cidades sendo uns centros de produção. Mesmo para o bem estar não só pessoal, como mental e as pessoas sentirem-se ativas. Programas de educação em Agricultura ou micro agricultura local, as pessoas vão fazer parte das equipas de reconstrução. O que é que se pode utilizar para fazer a reconstrução, haver uma

ajuda às crianças ao nível da educação. Alguém terá de interagir com estas crianças. Aí a arquitetura terá um papel fundamental nesta definição da estratégia. É preciso é que os arquitetos sejam consultados.

AFM: Realmente eu fiquei surpresa quando me apercebi que não existem arquitetos envolvidos na distribuição dos abrigos. Não há uma pessoa encarregue de redigir um plano. Na verdade, não existem especialistas por detrás destas operações de ajuda humanitária ao nível do alojamento. Penso que também não há muito interesse por parte dos arquitetos.

CF: Aqui em Portugal, quando entrámos em crise houve necessidade de procurar alternativas. Das duas uma, ou o arquiteto vai procurar outro trabalho para sobreviver, ou vai tentar manter-se dentro da arquitetura e procurar outros caminhos para que possa continuar a exercer. Pelo menos a pensar sobre. Na crise houve um súbito interesse de muitos portugueses, noutros cursos também, a aderirem a isso. Mas existe um interesse cada vez mais global humanitário, penso que a parte humanitária esteja mais presente. É bom fazer bem aos outros e isso vai-se sentindo cada vez mais na comunidade internacional. Nos primeiros cursos que fizemos eram á volta de 13 mil estudantes por todo o mundo que tinham pelo menos interesse no assunto ou porque queriam participar ou ouvir algumas das aulas. O que é número bom, para algo que tinha surgido assim do nada. Eu próprio descobri por acaso pela internet. Mas nota-se que há um interesse cada vez maior. Espero que seja crescente. Mas que este interesse passe para além disso e que passe mesmo para acções concretas.

200

No Haiti, alias naquele terramoto ainda hoje as pessoas estão a sofrer. Já passaram estes anos todos e a reconstrução de que se falou tanto na altura, e todos os fundos que foram para lá, muitos deles desviados, como acontece quase sempre. Estamos a viver uma situação semelhante em Portugal por causa dos incêndios, já se passaram 3 meses e as pessoas continuam com as casas em baixo. Houve uma grande vontade de toda a população que moveu muito dinheiro. Pergunto-me se numa situação num país desenvolvido tão pequenino não conseguimos responder às necessidades das vítimas de pedrogão, como é que numa situação de catástrofe que envolve milhões de pessoas o podemos fazer. Talvez não seja tão simples como estou a pensar ou é e as pessoas responsáveis não deixam que o processo seja simples.

Como estava a dizer, depois do terramoto do Haiti voluntariei-me para ir para lá como arquiteto humanitário. Contactei uma pessoa em Londres que estava a organizar toda a equipa, mas o que acontece é que para se ser voluntário nesta situação eu tinha de pagar a minha viagem, a minha estadia, e tinha de contribuir com o meu tempo e com o meu conhecimento. Isto é uma espécie do chamado “New Rich Volunteer”, se tiveres só vontade mesmo que eles tenham o dinheiro já não vais.

AFM: Realmente essa abordagem não faz muito sentido. É triste ver esse tipo de atitudes.

CF: Eu espero que mude. É bom ver agora novas iniciativas e interesse. Parte tudo do interesse, se a população demonstrar muito interesse e fazer pressão para que as coisas sejam feitas, não vejo como não se fazer. Eu estou á espera que a situação em Portugal, que recebeu tanta atenção mediática, e que angariou alguns milhões de euros, se resolva. Quando as pessoas ficam sem nada, a arquitetura pode influenciar a mentalidade humana, das massas, que acabam por ditar o que se vai fazer, e se agora se começa a falar mais na arquitetura social e que há uma reação mais a favor deste tipo de intervenções, e com mais consciência do que se faz, é por existe uma estratégia por trás. O pritzker ter sido o arquiteto Aravena, um arquiteto social há anos, e antes dele Shigeru Ban que trabalha muito com refugiados, mesmo no campo de arquitetura se começa a ver que faz sentido tomar este sentido. Se as massas estiverem sensibilizadas para este tipo de problemas, e virem que a arquitetura pode ser e deve ser incluída quando existem planificações deste género, que os arquitetos devem ser consultados e integrados nestes papeis de acção, eu penso que as coisas podem talvez mudar para melhor. Isto em tudo. Mas especialmente na arquitetura de emergência que acho que tem um potencial enorme, não só no campo do desenvolvimento de novas tecnologias e conceitos, e estratégias sociais, e na parte social. Uma arquitetura social para mim é uma arquitetura contextualizada, responsável economicamente viável é sustentável. Não é só uma arquitetura para pessoas que não têm dinheiro. É muito mais do que uma arquitetura ecológica ou do que uma arquitetura High Tech. É tudo isso e mais. Ai talvez tenhamos um papel importante, que pelo menos seja ouvido.

Anexo I. C

Entrevista ao Atelier MUTUO

AFM- How are people responding to it? Are they satisfied with the results?

MUTUO - Our programme has been just launched two weeks ago. It's been the result of a whole year of research and modelling of the concept, and about 3 years of work experience in social projects. As it is the beginning, there are no results yet in terms of beneficiaries. We are now working on the first architecture competition that will be launched this year in order to impact the first community, in the city of Lima. However, in terms of the architecture community and the innovation and social sector, the project has been really well received. Last November MUTUO won the first prize of a seed funding programme for social entrepreneurs and this encouraged us to keep focused.

AFM - How do architects proceed?

MUTUO - There are two ways for architects to get involved: To participate in the architectural competitions or to be part of the architecture team in our project development platform. The project development platform is in charge to bring the winning proposals of the architecture competitions to the necessary detail level to be built, and supervise their construction afterwards.

AFM - Which materials do you use?

MUTUO - The materials are determined by the community's location. If we work with a community in Lima, it is likely that we will use regular materials like bricks or concrete, but if we work with communities in the rainforest or our Andes, we will probably incorporate wood or earth.

203

AFM - Do you try to use natural materials like earth and wood?

-MUTUOS's mission is to improve the self-built housing process, the idea is to bring self-builders closer to professionals and formal habits, but they will still be in charge of the construction of their houses, whether as builders or as managers. I highly recommend you the book "Housing by People" by John Turner, it will help you better understand this point.

AFM - Do the people help in the construction?

MUTUO - As our platform is based on architecture competitions, we are open to promote other kinds of interventions, like public and community spaces. However, the main focus of our programme is self-built housing and our first goal is to impact on that area.

VERTENTE PRÁTICA

(Re) Ativar Alenquer

Projeto Final de Arquitetura

Trabalho prático submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura.

Ana Filipa Correia Maceira

Orientadora da vertente teórica: Professora Doutora Paula André, Professora Auxiliar

Tutor da vertente prática: Professor Doutor Pedro Mendes, Professor Auxiliar ISCTE-IUL

Departamento de Arquitetura e Urbanismo | Mestrado Integrado em Arquitetura

INTRODUÇÃO AO EXERCÍCIO

O enunciado da Unidade Curricular de Projecto Final de Arquitectura propõe que, através de um olhar crítico sobre do concelho de Alenquer, se construam estratégias que identifiquem e tratem temas estruturantes deste território.

Nesse sentido, a estratégia de grupo que aqui se propõe desenvolve-se em dois momentos distintos que, de forma complementar, (re)activam o papel do rio Alenquer enquanto elemento estruturante deste concelho.

Num primeiro momento, é proposto um percurso que acompanha o rio, do Jardim das Tílias à Estação do Carregado, reabilitando e/ou dinamizando os espaços públicos pré-existentes. Num segundo, o foco desloca-se para a Vila de Alenquer, mantendo-se a intervenção na frente ribeirinha, através da recuperação concertada de diversas estruturas arquitectónicas com o intuito de criar um circuito cultural e desportivo.

206

Esta estratégia dupla pretende estabelecer novas relações de proximidade geográfica, facilitando acessos e fomentando condições de mobilidade, mas também uma aproximação da população residente e turística a um espaço público de oferta diversificada.



CONTEXTO E ESTRATÉGIA

O rio assume-se como elemento estruturante do concelho de Alenquer. Se por um lado, é pela sua presença que Alenquer se estabeleceu e desenvolveu neste preciso lugar; por outro, o registo de sucessivas cheias ao longo dos tempos, transformou o rio em espaço gerador e simultaneamente destruidor de vidas humanas e bens materiais. Existe, portanto, uma história ambígua e de conflito entre o rio e a população deste concelho.

Por questões de segurança, começou em 2004 a execução de um projecto de redefinição do leito do rio, tendo o problema das cheias sido resolvido com o final da obra em 2007. No entanto, o projecto foi executado sem ter em atenção a harmonia entre a linha de água e as margens, resultando num esvaziamento do rio que conseqüentemente empobreceu a paisagem do concelho. Ao mesmo tempo, a construção de um número considerável de projectos de arquitectura desadequados à orgânica da Vila, teve um impacto considerável na sua organização paisagística que condiciona o quotidiano da população e a percepção de quem a visita.

208

Neste contexto, propõe-se a criação de um percurso que acompanhe o rio Alenquer e lhe devolva o estatuto de elemento gerador de urbanidade, convívio e desenvolvimento. Da área circundante do rio fazem parte um conjunto de espaços públicos - praças, caminhos pedonais, espaços descaracterizados e edifícios devolutos - que esta proposta pretende reabilitar e articular de modo a que ofereçam um programa unificado de actividades de lazer de vocação cultural e desportiva. A intervenção, prevê simultaneamente um redesenho da estrutura que alberga o rio, o que permitirá subir a sua cota, tendo sempre em atenção o leito de cheia, e fomentar um maior convívio e proximidade com a população. O percurso terá início no Jardim das Tílias e terminará perto da fábrica da Romeira, onde começa a intervenção do arquitecto Frederico Valsassina.

Este trajecto que acompanha a linha do rio será marcado pela existência de uma ciclovia que passará pela Escola Secundária de Alenquer e terminará na Estação de Comboio da Vala do Carregado. A existência de um projecto que, pelo Tejo, liga Loures a Vila Franca de Xira, através de uma ciclovia, transforma esta intervenção numa importante plataforma para a criação de uma maior rede de acessos e ligações, nomeadamente com Lisboa.

Os acessos multimodais a Alenquer são tanto mais importantes quando se reconhece neste concelho potencial para atrair públicos diferenciados que procurem actividades de lazer com vocação cultural e desportiva. É por isso que, num segundo momento, a estratégia se foca na vila de Alenquer e nos vários edifícios devolutos que povoam a frente ribeirinha.

Apesar da sua importância histórica e arquitectónica estes edifícios encontram-se fechados ao público e num estado de degradação que tem consequências directas na paisagem da vila, assim como na segurança da população. Neste contexto, propõe-se a reabilitação da Fábrica do Papel, da Fábrica da Chemina e da Antiga Albergaria do Espírito Santo, em duas fases.

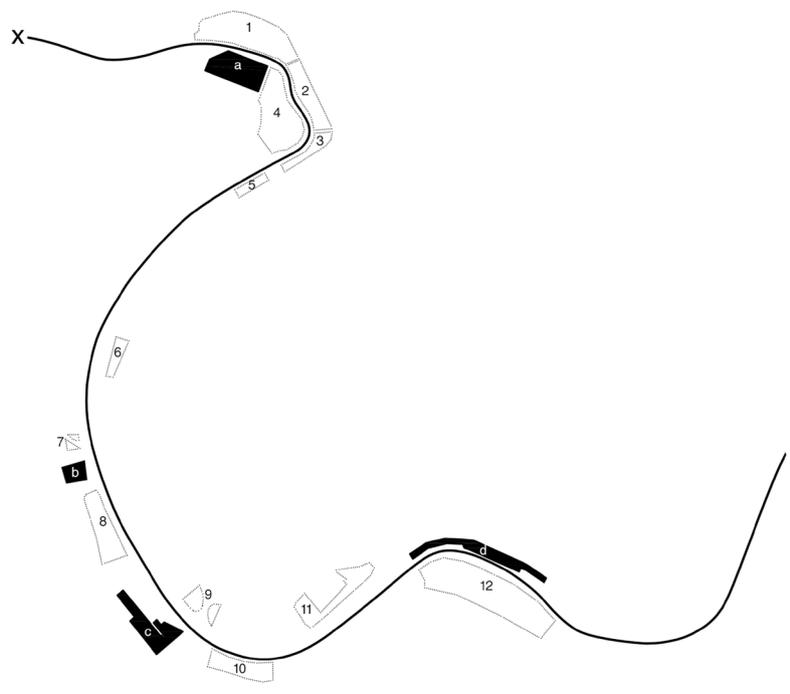
Numa primeira fase, é proposta a reutilização destas estruturas a partir das intervenções mínimas necessárias para conceder condições de segurança a estes edifícios de modo a que possam ser visitados pela população. Estas visitas facultariam um enquadramento histórico e uma discussão prévia dos programas a desenvolver nesses espaços. Numa segunda fase, estas estruturas seriam reabilitadas de acordo com programas específicos mas concertados.



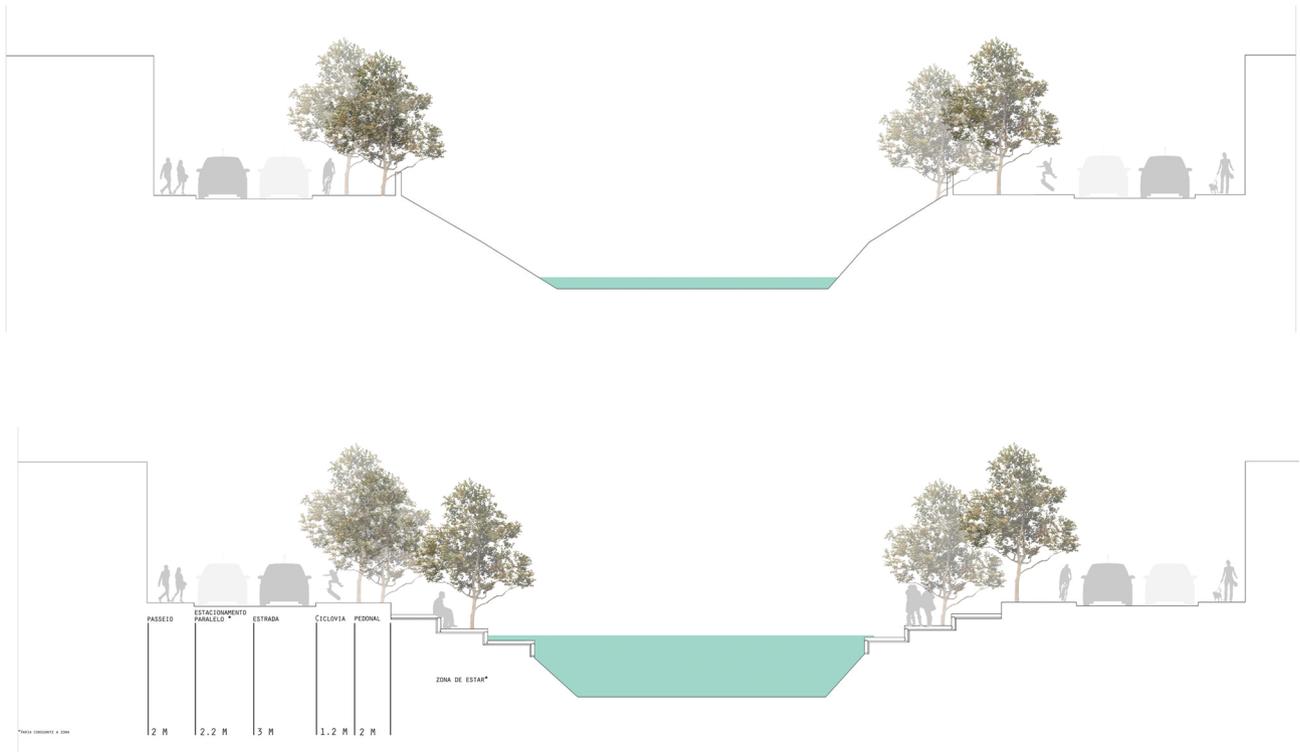
x - Linha de Água | Percurso

- a - Fábrica da Moagem
- b - Albergaria do Espírito Santo
- c - Fábrica da Chemina
- d - Fábrica da Romeira

- 01 - Jardim das Águas
- 02 - Baldio
- 03 - Mata
- 04 - Baldio
- 05 - Campo de Futebol
- 06 - Estacionamento
- 07 - Praça da Calçada Francisco Carmo
- 08 - Jardim Vaz Monteiro
- 09 - Estacionamento
- 10 - Mata
- 11 - Jardim do Tribunal de Alenquer
- 12 - Parque Urbano da Romeira



Redesenho e reorganização da frente ribeirinha da vila de Alenquer



Intervenção no areal

O projeto tem como objetivos, tornar o areal num ponto de interesse da cidade e que este assuma um papel no funcionamento da cidade tornando-se num local utilizado diariamente pela população. Neste sentido, pela sua situação na cidade, junto á estrada nacional e num dos pontos de entrada em Alenquer, o areal é, assim, entendido como um potencial ponto de chegadas e partidas atraindo a o quotidiano da população para esta zona através da localização do interface de Alenquer neste local. Por outro lado, o areal, é visto também como um potencial local de recriação e lazer tendo em conta a sua proximidade com o rio e a mata do areal.

A proposta de intervenção resume-se na transposição da barreira imposta pela estrada nacional que torna intransponível o acesso á mata do areal. Com este gesto torna-se possível uma invasão do verde ao areal e o acesso a uma área que é já provida de algum equipamento recreativo, como o parque das merendas

A Fábrica da Chemina será devolvida à cidade como um espaço público, a partir da criação de oficinas e espaços de co-working, por forma a acolher profissionais das mais diversas áreas. Estes espaços e o jardim público que os envolve, permitem uma interligação entre quem visita a fábrica por lazer e quem nela trabalha e cria.

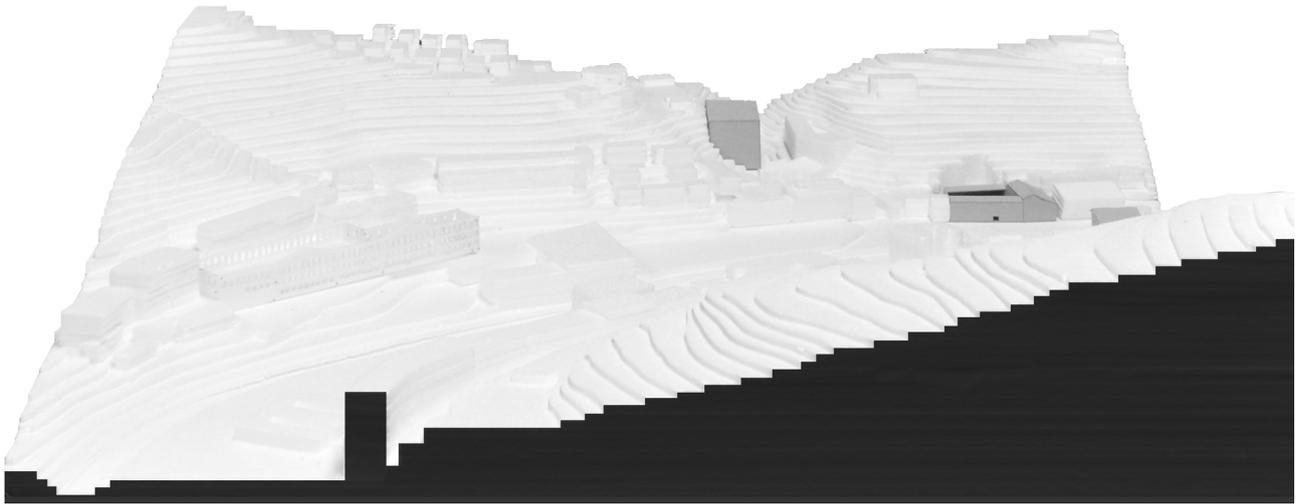
215

A base da intervenção encontra-se no respeito pela ruína, tentando-se enaltecer o espaço já existente em lugar de o repartir e alterar.

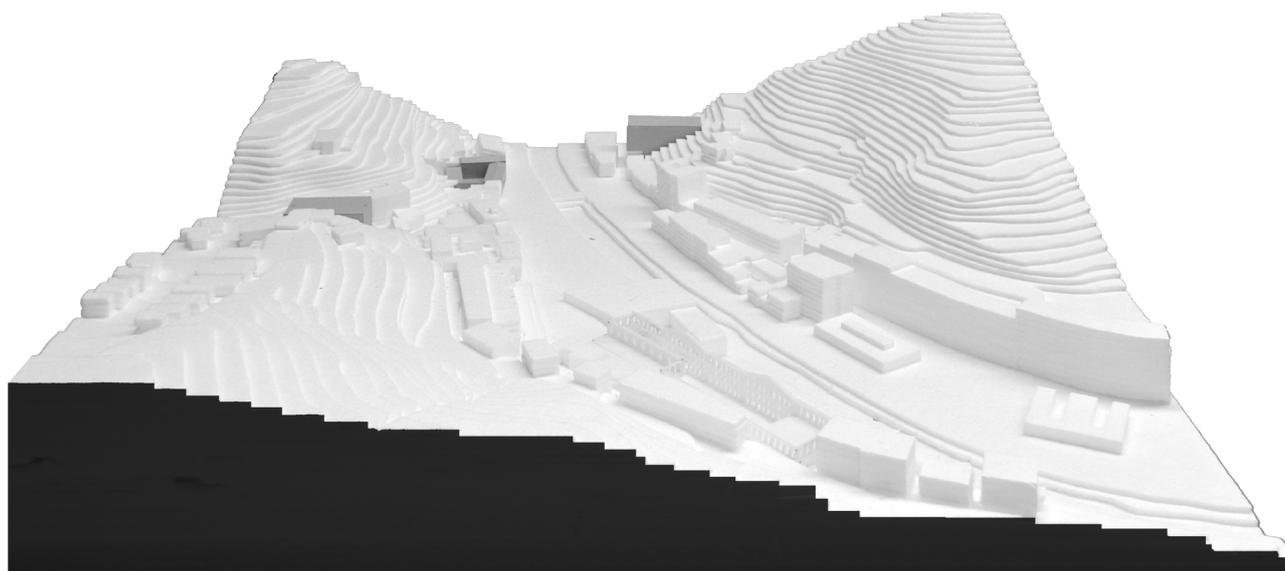
A Antiga Albergaria do Espírito Santo passará a ser um espaço para residências artísticas que conjuga espaços dedicados a actividades diversas como a produção e exibição de objectos artísticos, históricos e vernáculos; à produção artística e de conhecimento através de residências, oficinas partilhadas e actividades de mediação; ao lazer e ao convívio inter-geracional.

Estes espaços serão destinados à população residente, a futuros habitantes e visitantes, numa tentativa de reverter o abandono crescente da região.

216



Maquete de estudo 1:400 Intervenção de grupo a nível urbano - Estacionamento, Chemina, Albergaria



Levantamento Fotográfico - Fábrica da Chemina



















MAT office
projeto de Go East

232





Pinacoteca de S.Paulo
projeto de Paulo Mendes da Rocha

234





Intervenção em Barcelos
projeto de Proap

236



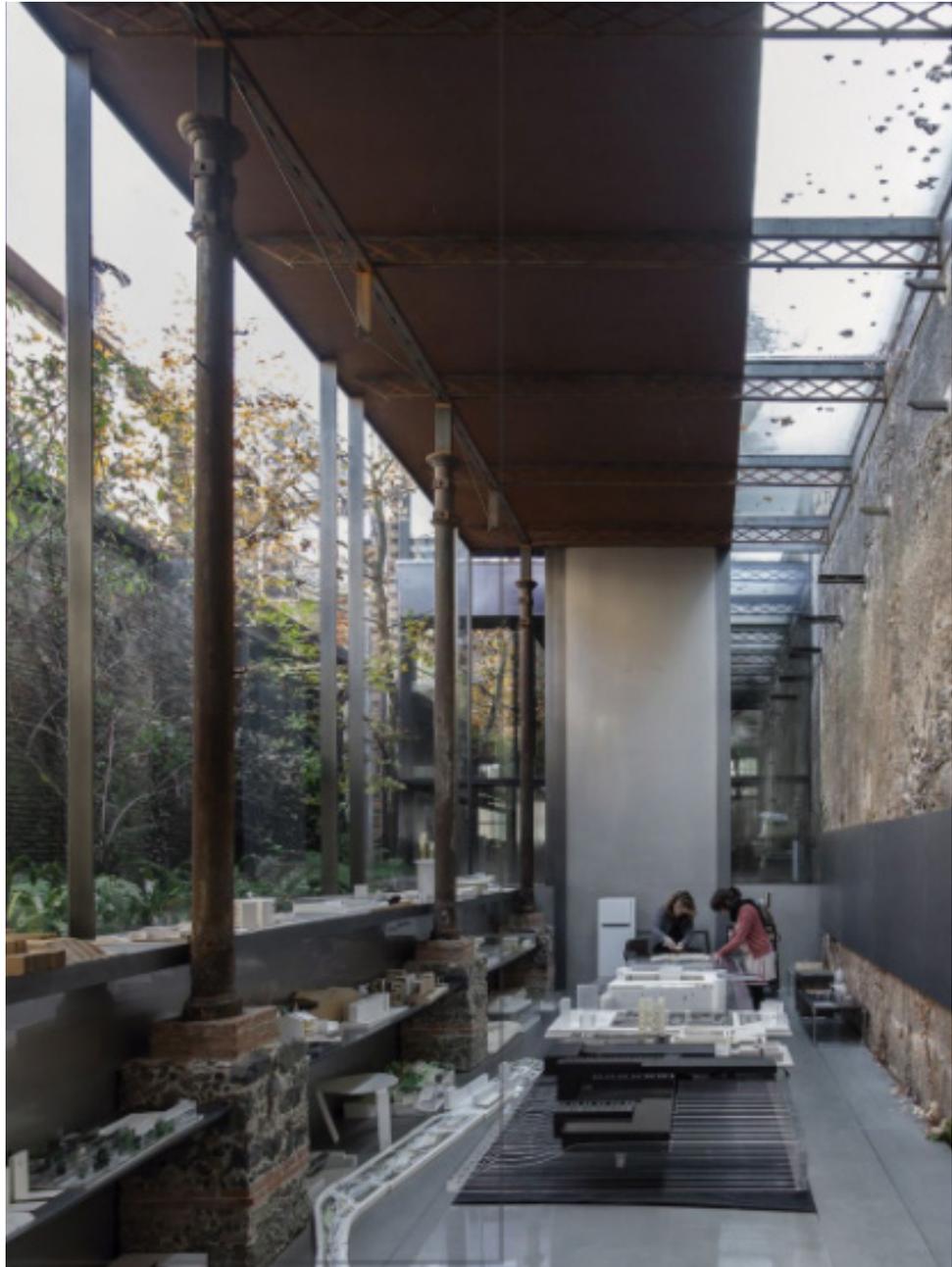
N House
projeto de Sou Fujimoto



Atelier
projeto de RCR

238

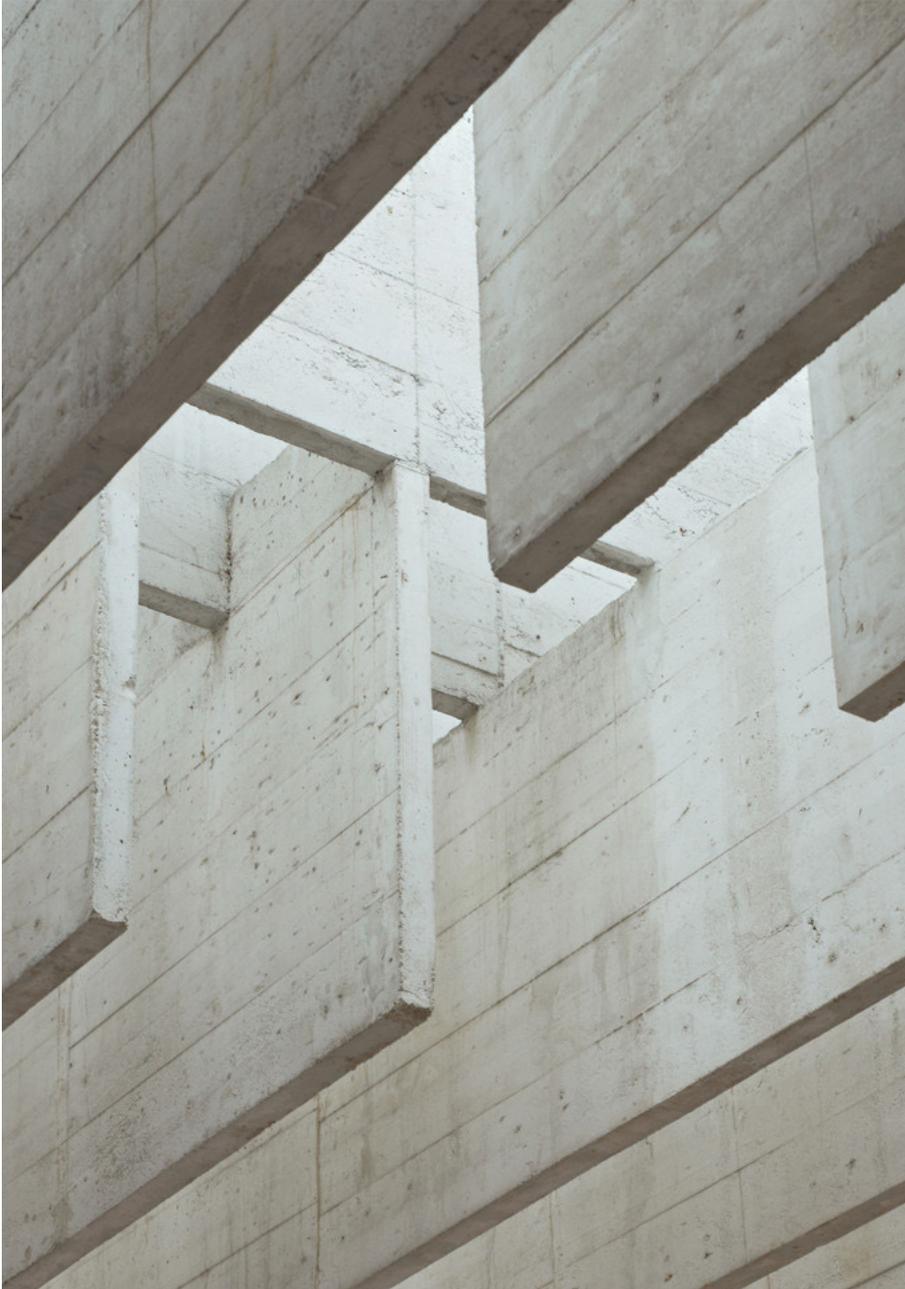




Pavilhão de Veneza
projeto de Sverre Fehn

240





Faculdade de S.Paula
projeto de Vilanova Artigas

242





Requalificação da Fábrica da Chemina

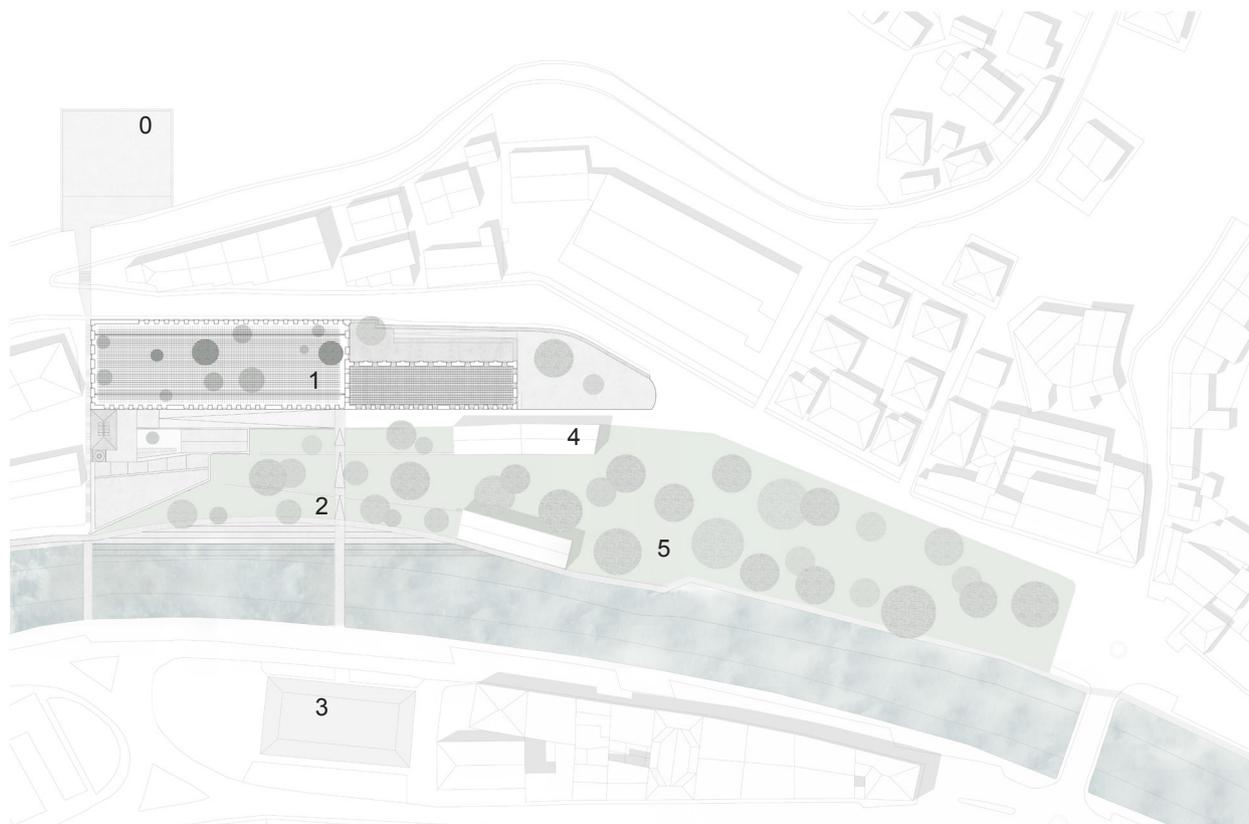
Alenquer Work Hub

Numa primeira fase, elaborada com o aluno Vasco Reis cujo projeto também se centra na requalificação da Fábrica da Chemina, é proposto que a antiga Fábrica se torne parte integrante das ruas de Alenquer, abrindo assim a ruína ao público, na forma de um Jardim.

O estacionamento adjacente ao alçado principal da Fábrica será recolocado nas traseiras da mesma. Deste modo, é libertado um largo espaço com uma privilegiada vista para o rio, que o grupo transforma num jardim público, que se estendea até ao Jardim Vaz Monteiro, considerando também a requalificação da Filarmónica de Alenquer.

246 Tal como referido anteriormente, o rio é redesenhado e são construídas bancadas que permitem à população voltar a ter o contacto com a linha de água.

O grupo pretende também que exista uma ligação entre a Fábrica e o Mercado, criando uma ponte sobre o rio a unir estes dois equipamentos. A ideia seria que em eventos públicos, como feiras e mercados, estes se pudessem estender entre o Mercado, o novo Jardim e o interior da Fábrica, como indicado na seguinte planta de implantação.



- 0 - Novo Estacionamento
- 1 - Fábrica da Chemina
- 2 - Jardim Público (antigo estacionamento)
- 3 - Mercado
- 4 - Filarmónica
- 5 - Jardim Vaz Monteiro

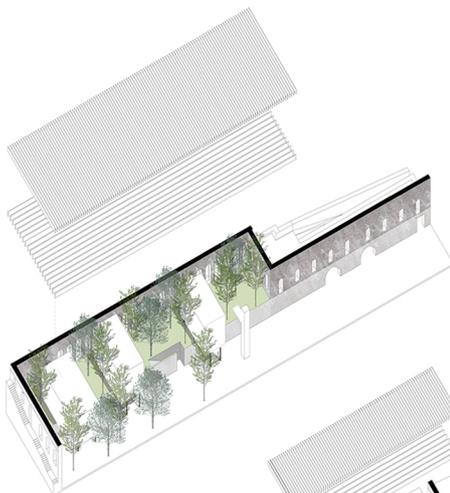
Uma vez que o interesse na Fábrica da Chemina se prende na sua qualidade enquanto ruína repleta de vegetação selvagem, é proposta uma intervenção mínima cujo principal propósito é o enaltecer da mesma enquanto a torna vivível.

248

Nesse sentido todos os espaços da fábrica são libertos para um programa que integra espaços de trabalho Co.Work, e espaços expositivos. São apenas construídos 3 equipamentos que se presam aparentarem tocar em qualquer ponto da antiga fábrica. Em torno dos mesmos é desenhado um jardim a partir da vegetação selvagem existente.

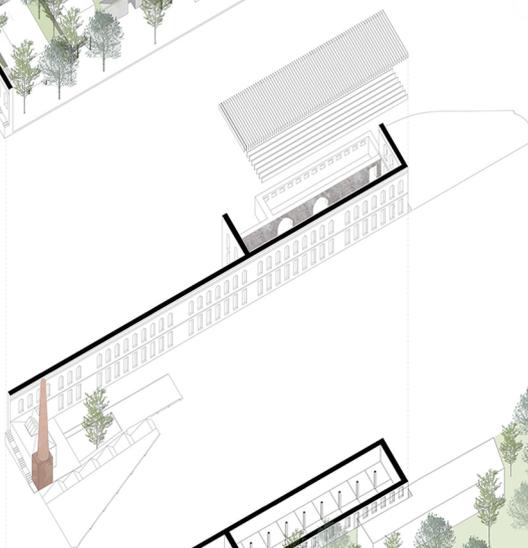
Estes equipamentos podem ser repartidos por várias pessoas ou podem ser alugados por inteiro. O objetivo é oferecer à população de Alenquer espaços que possam servir a sua vida pública, ao mesmo tempo que atraem outras comunidades para a vila.

Jardim Público Interior
+
Espaços Co.Work



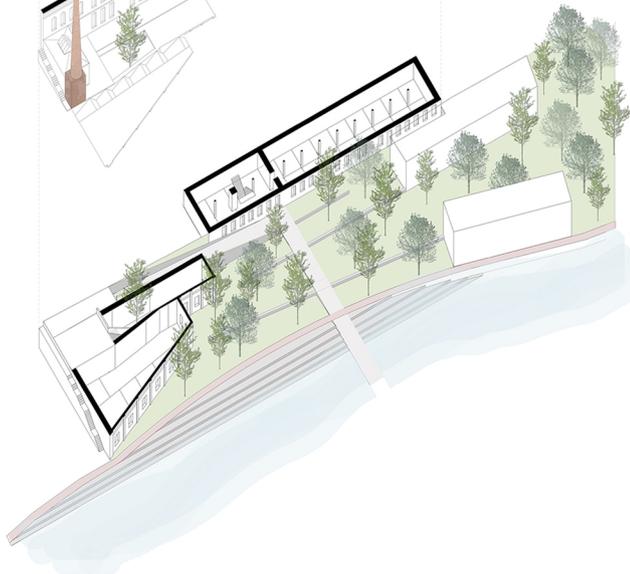
+

Espaços Expositivos



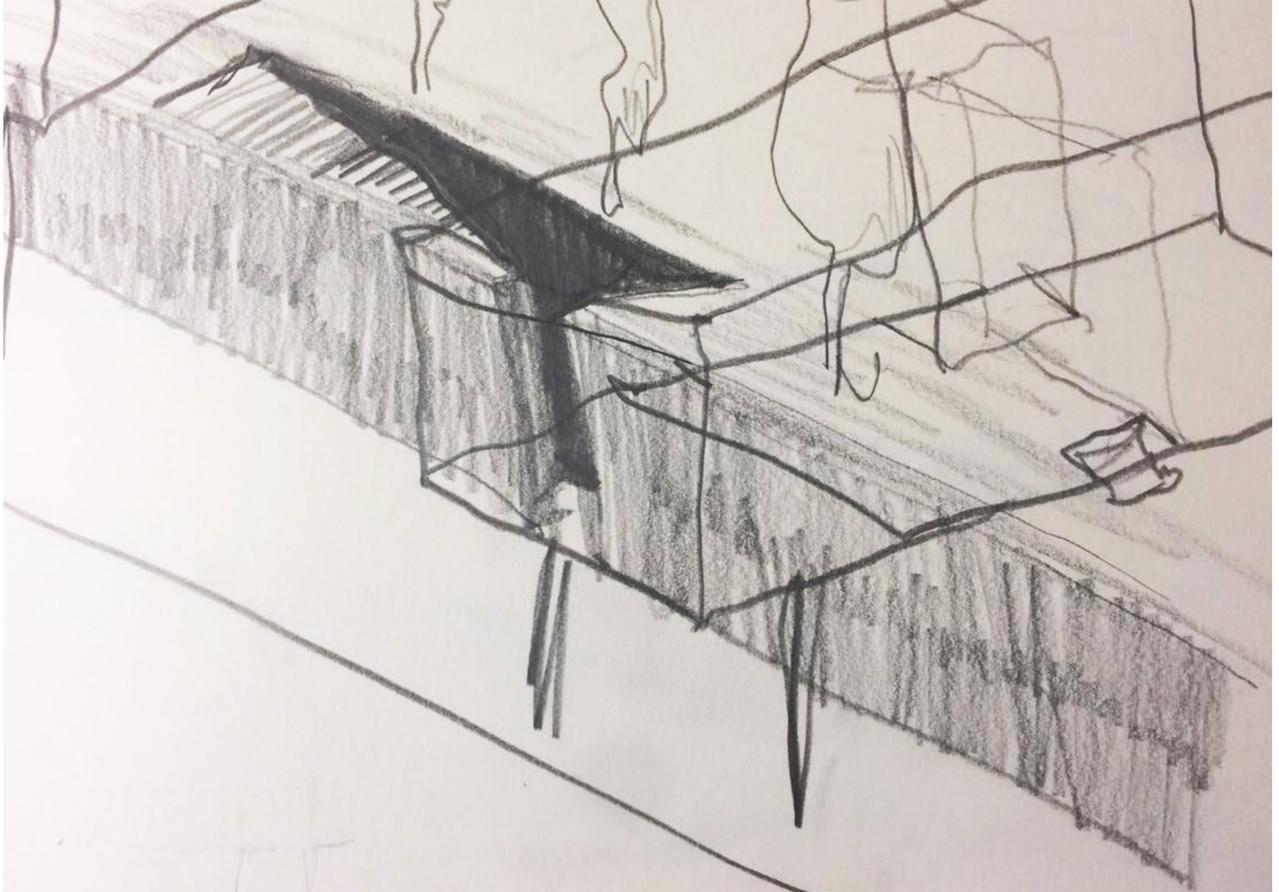
+

Jardim Público Exterior



Desenvolvimento da proposta







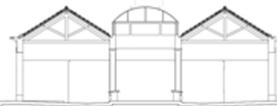


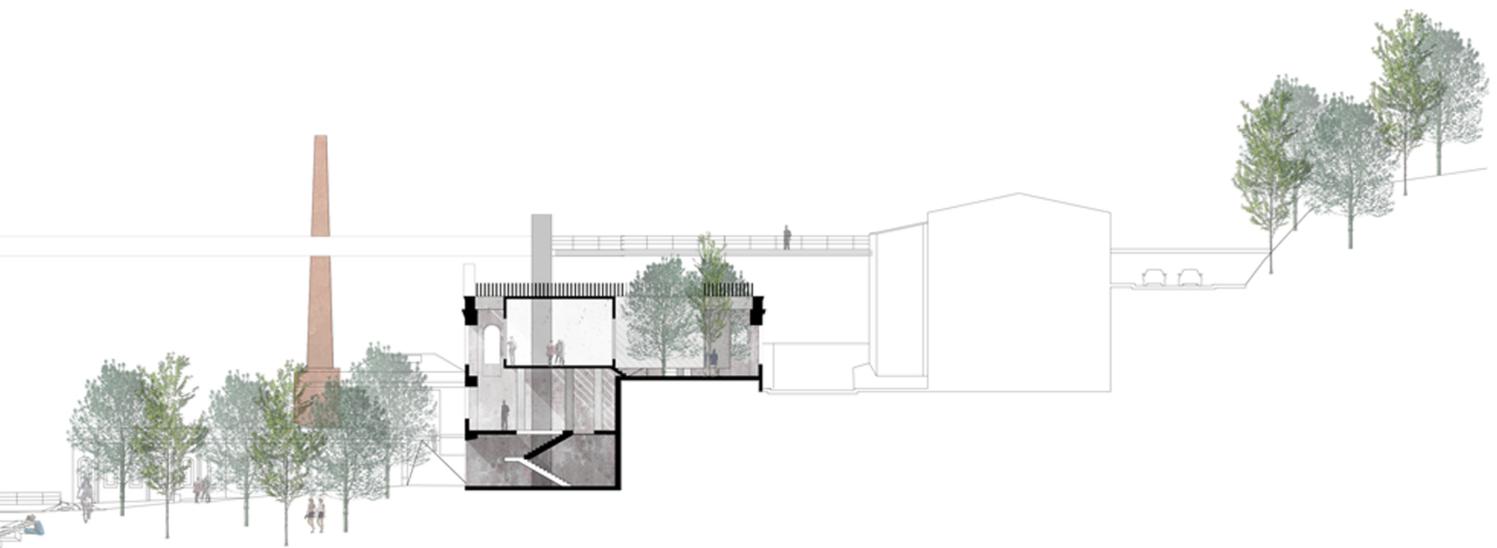


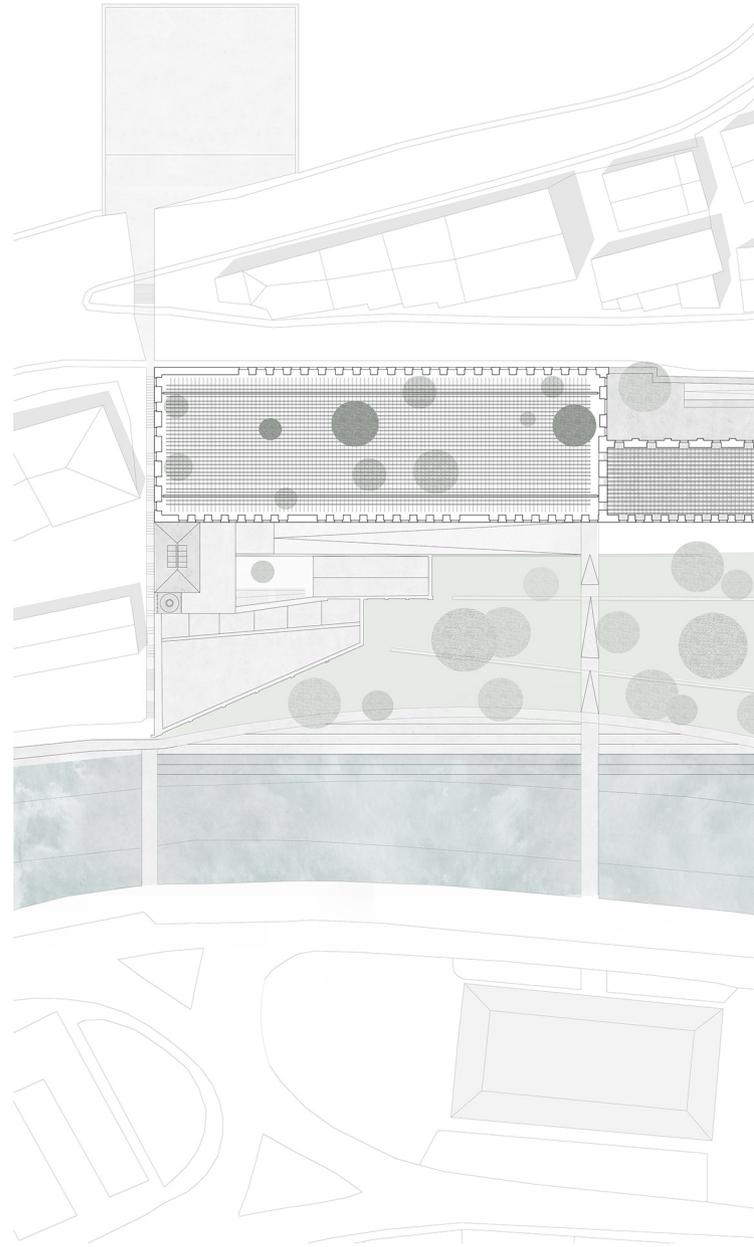


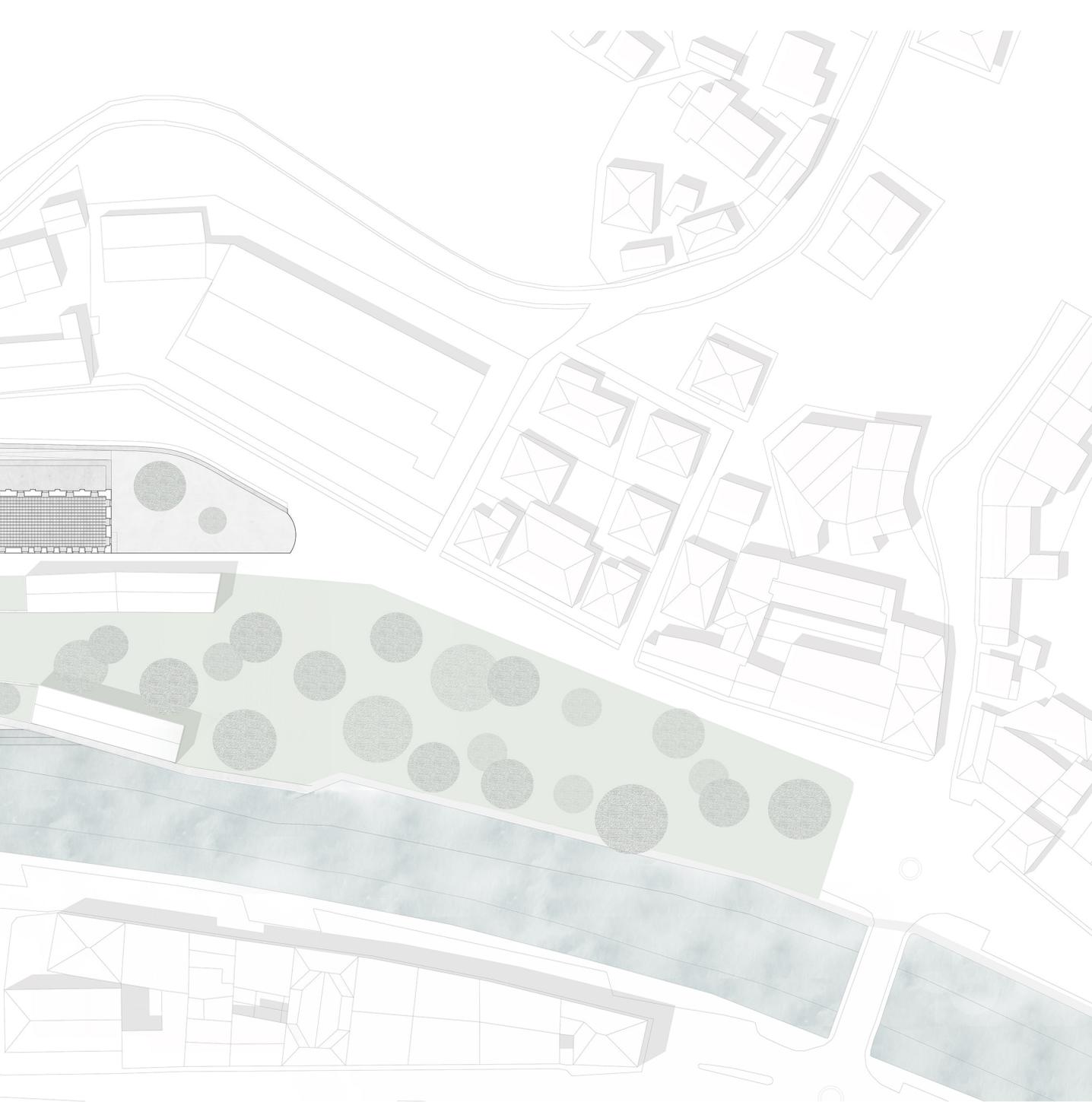


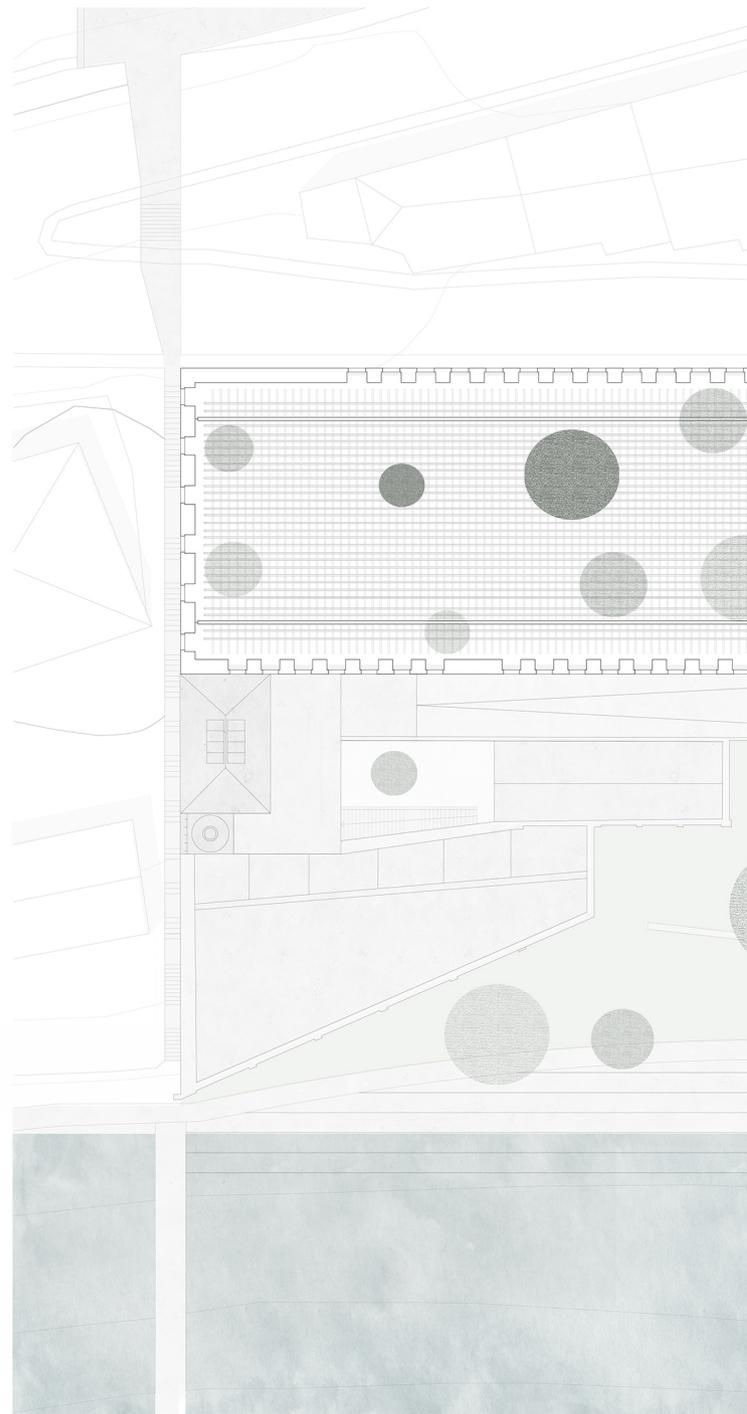
possibilidade de extensão de uma ponte que liga o verde de alenquer

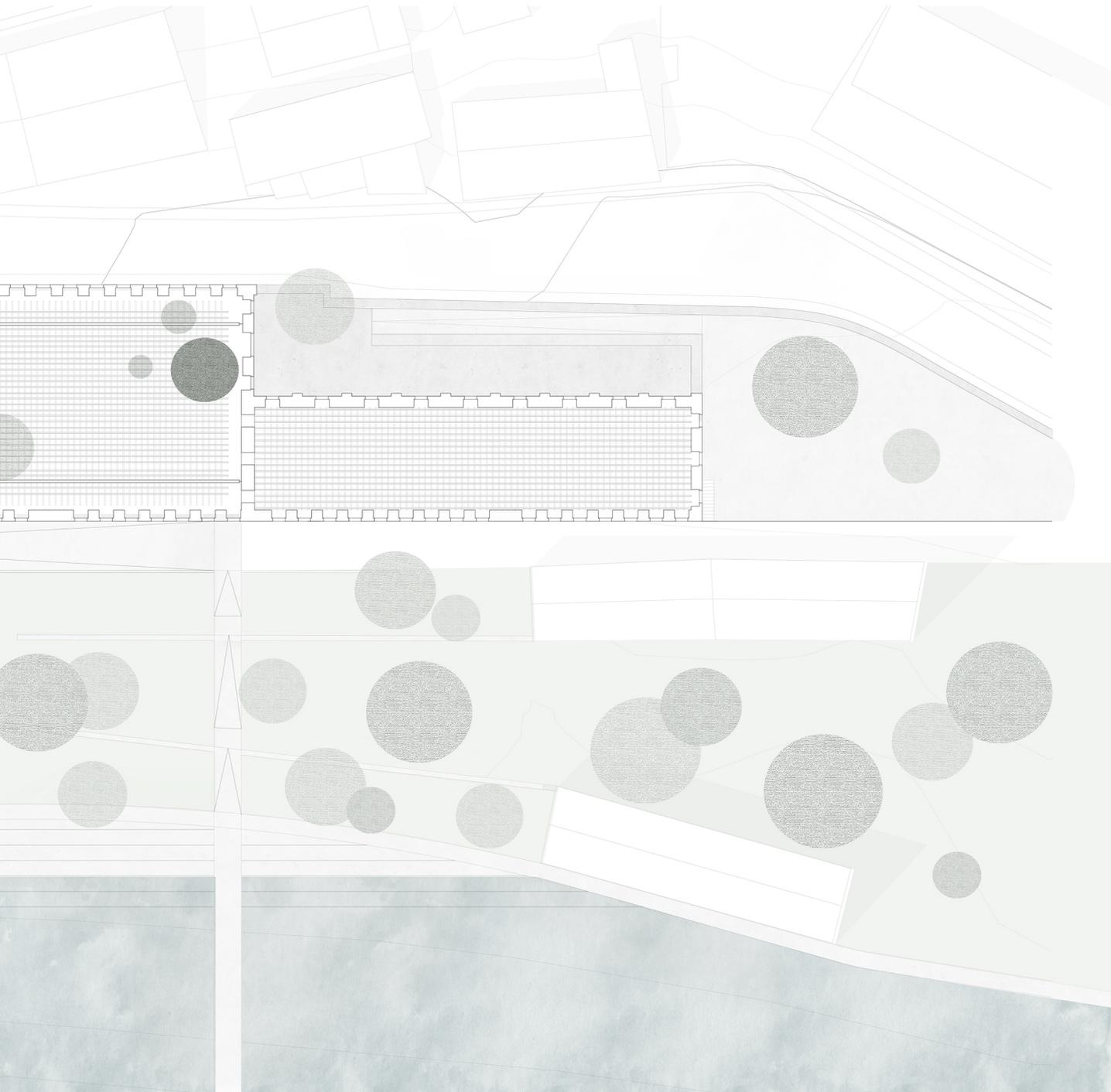


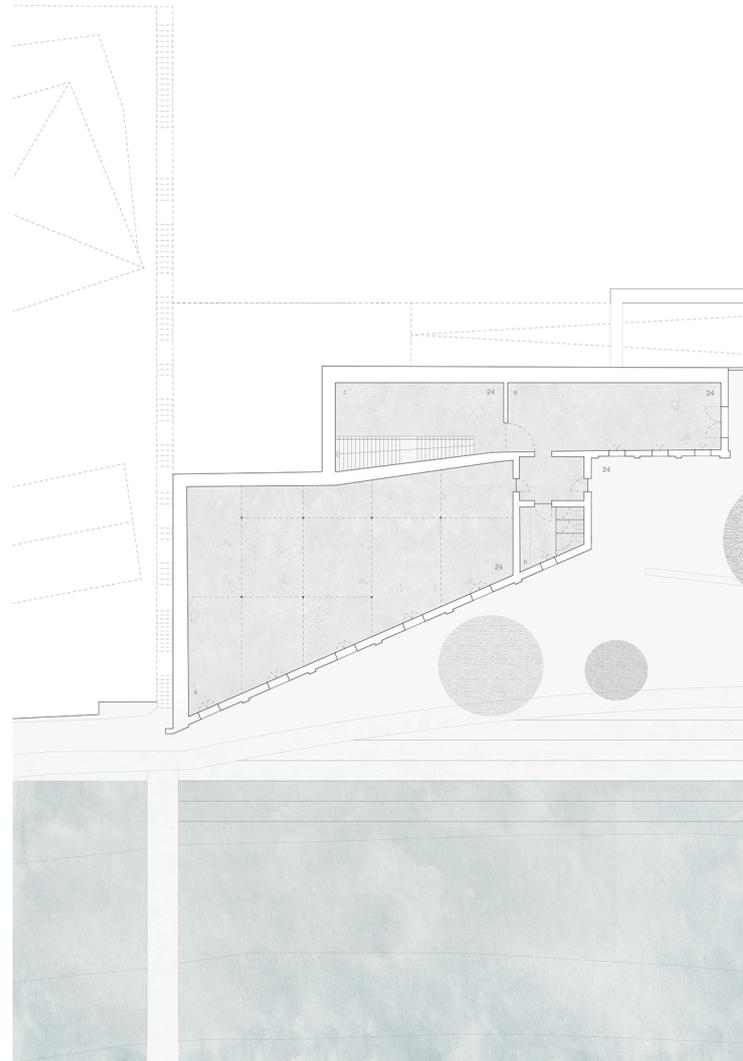


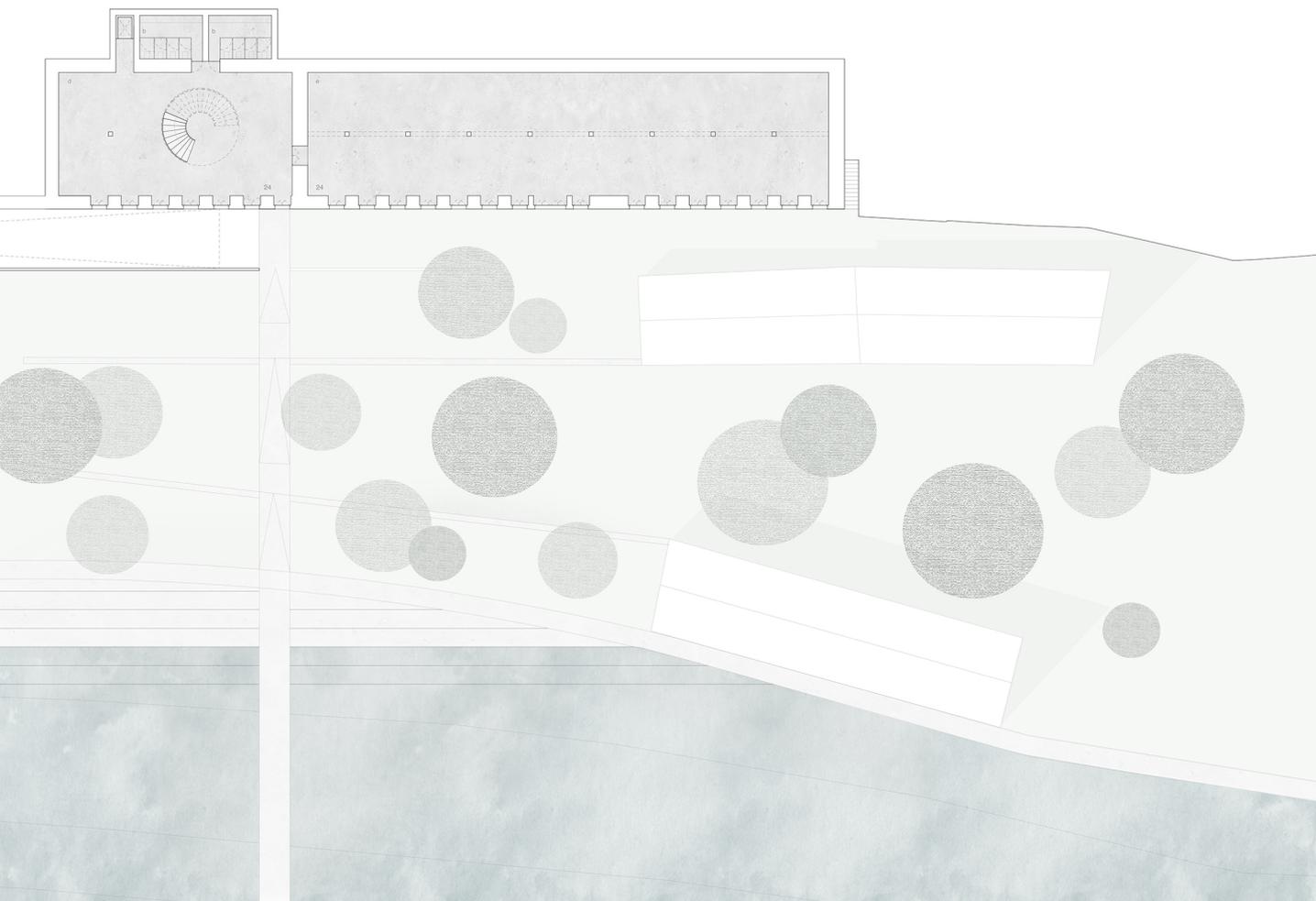


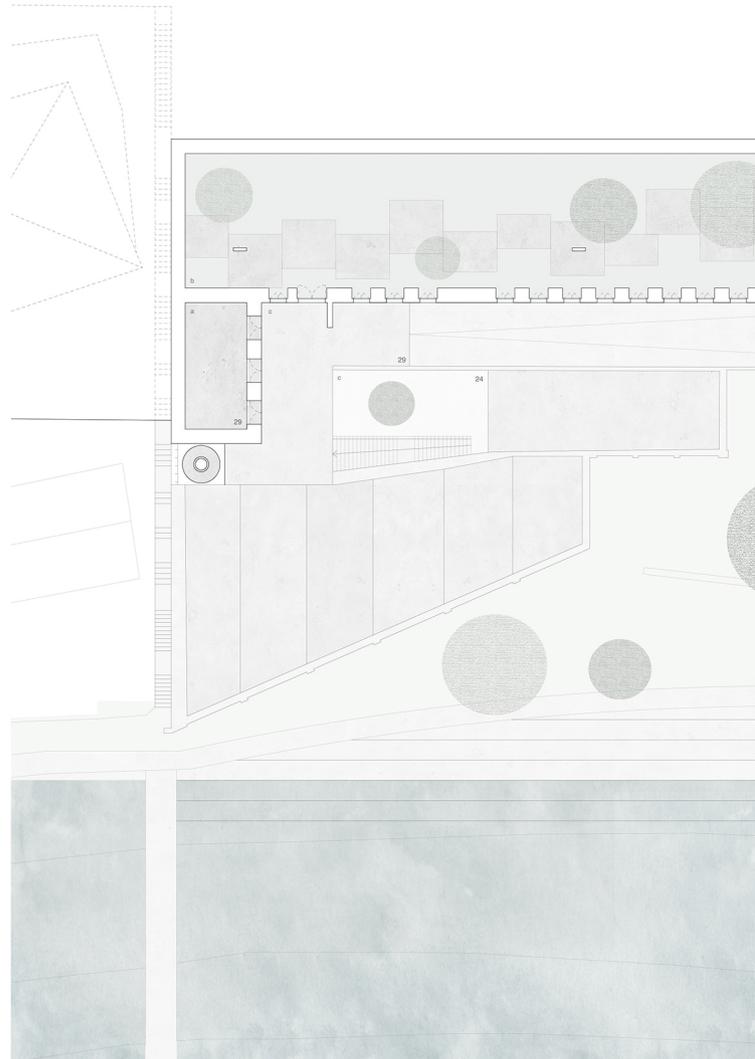


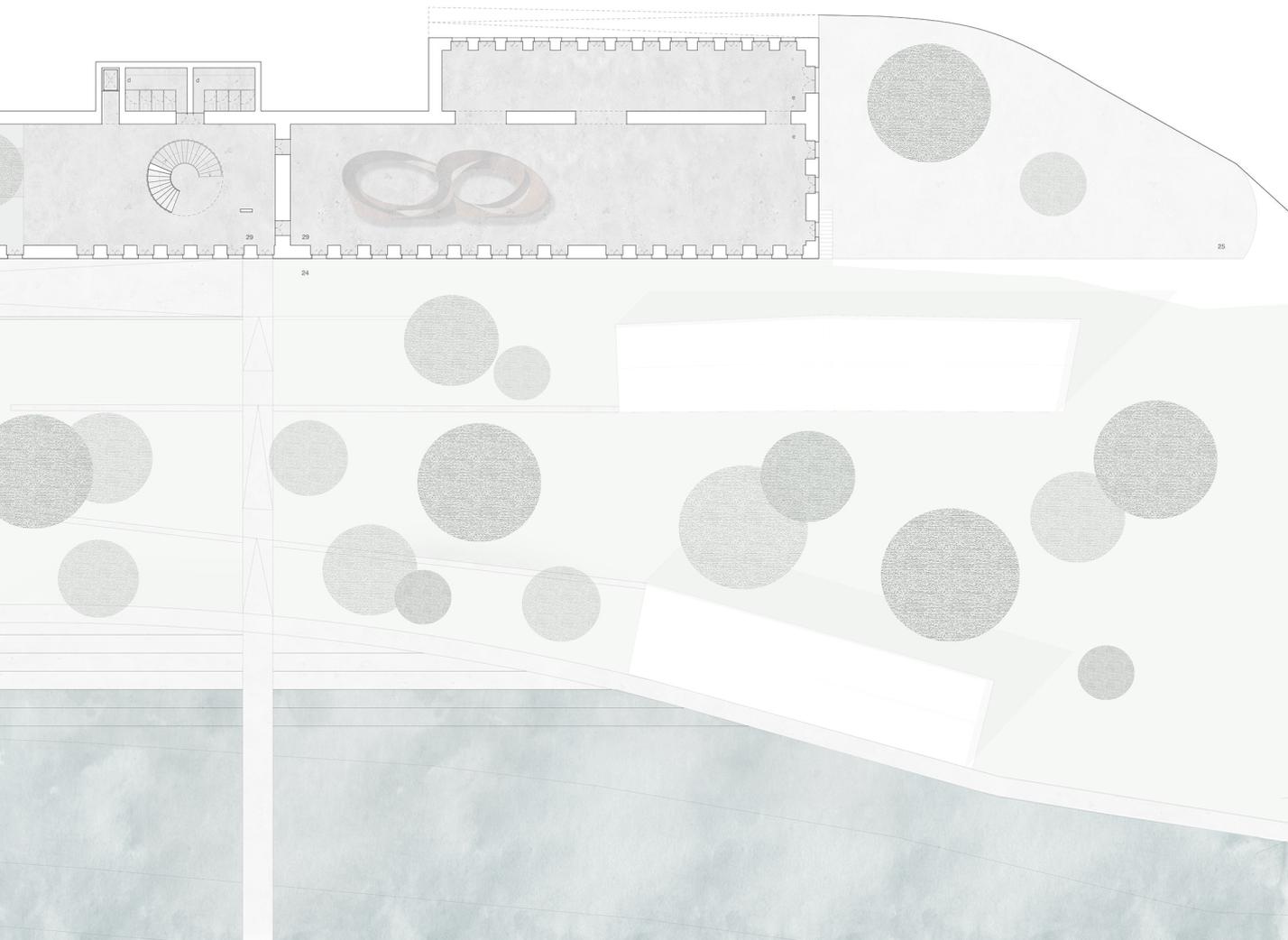


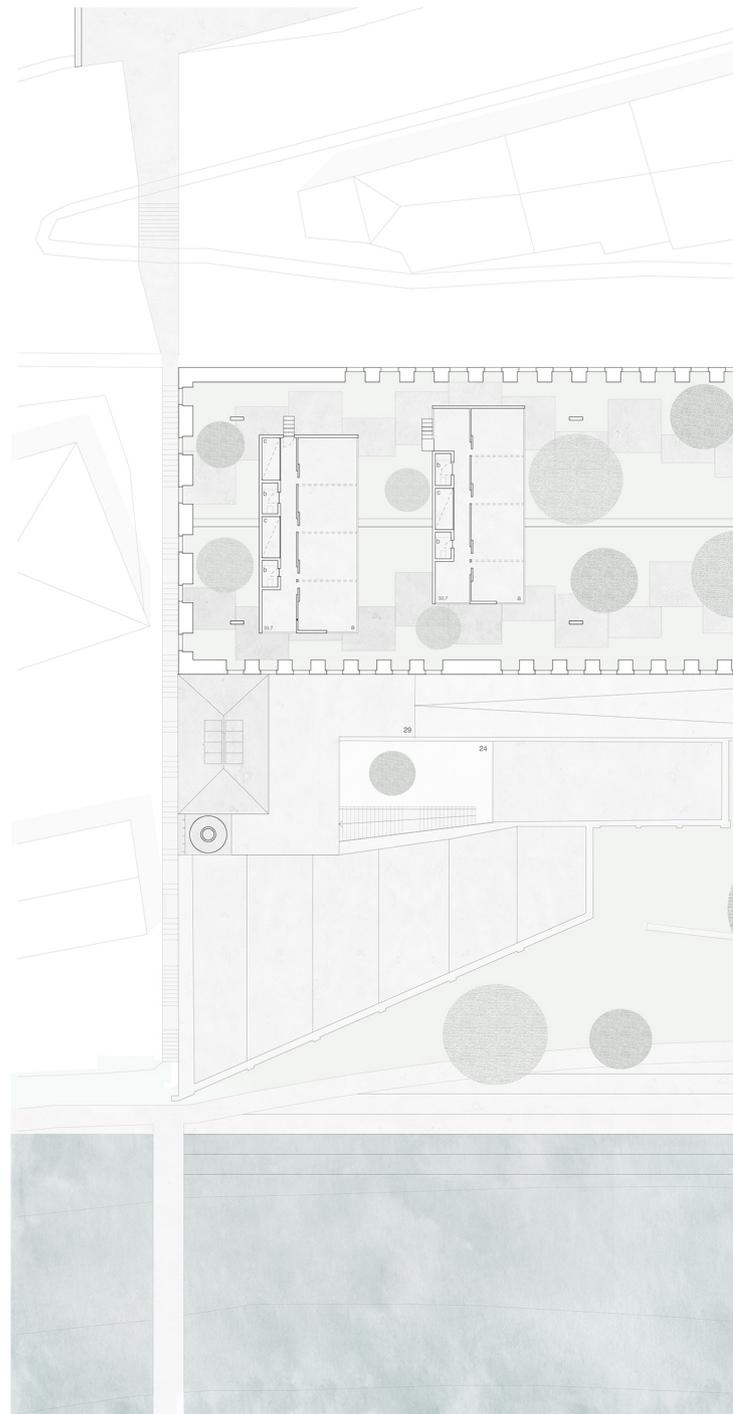


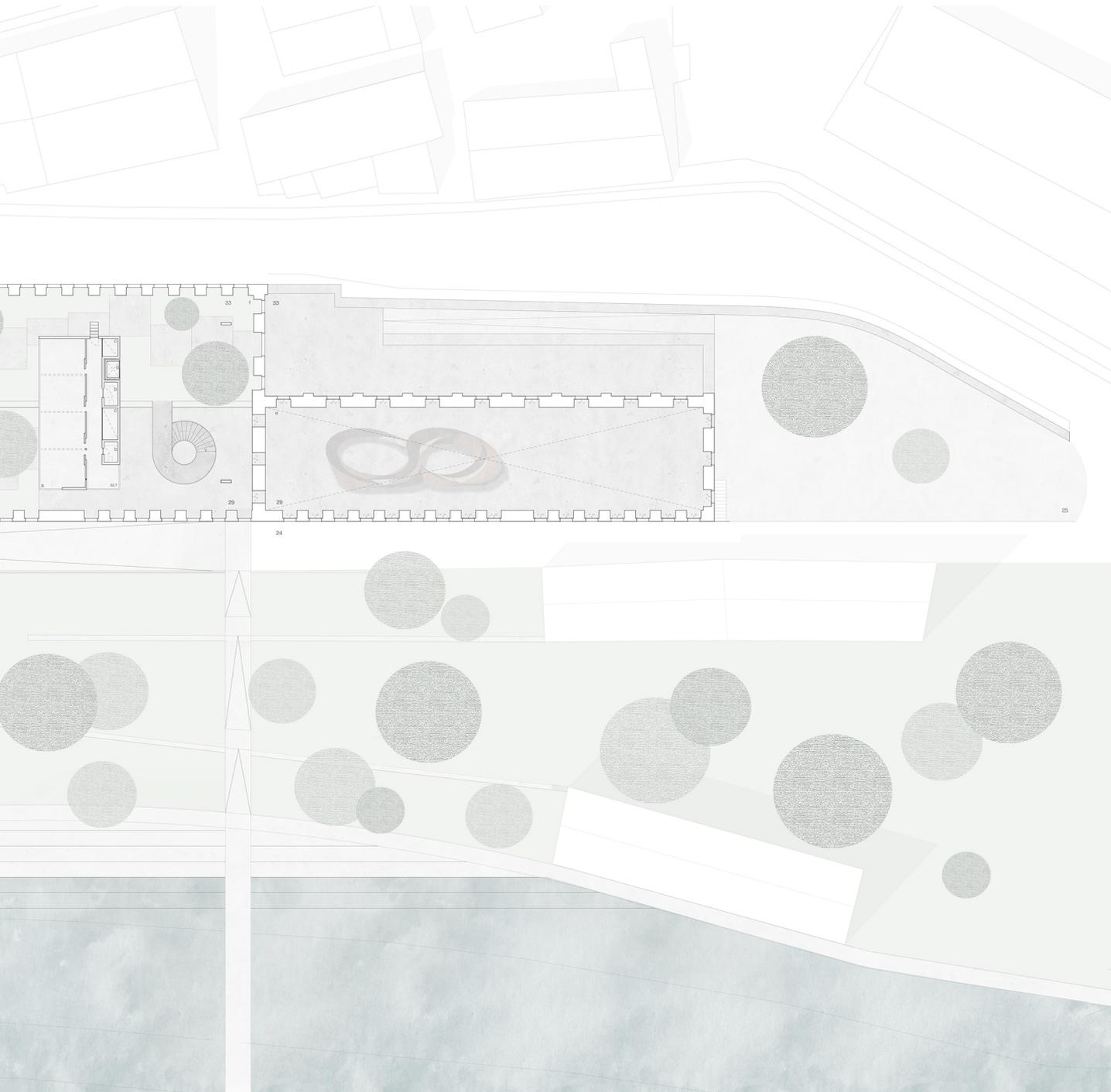




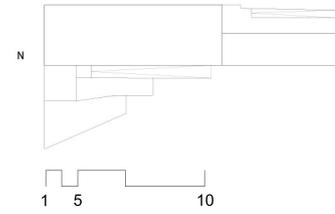


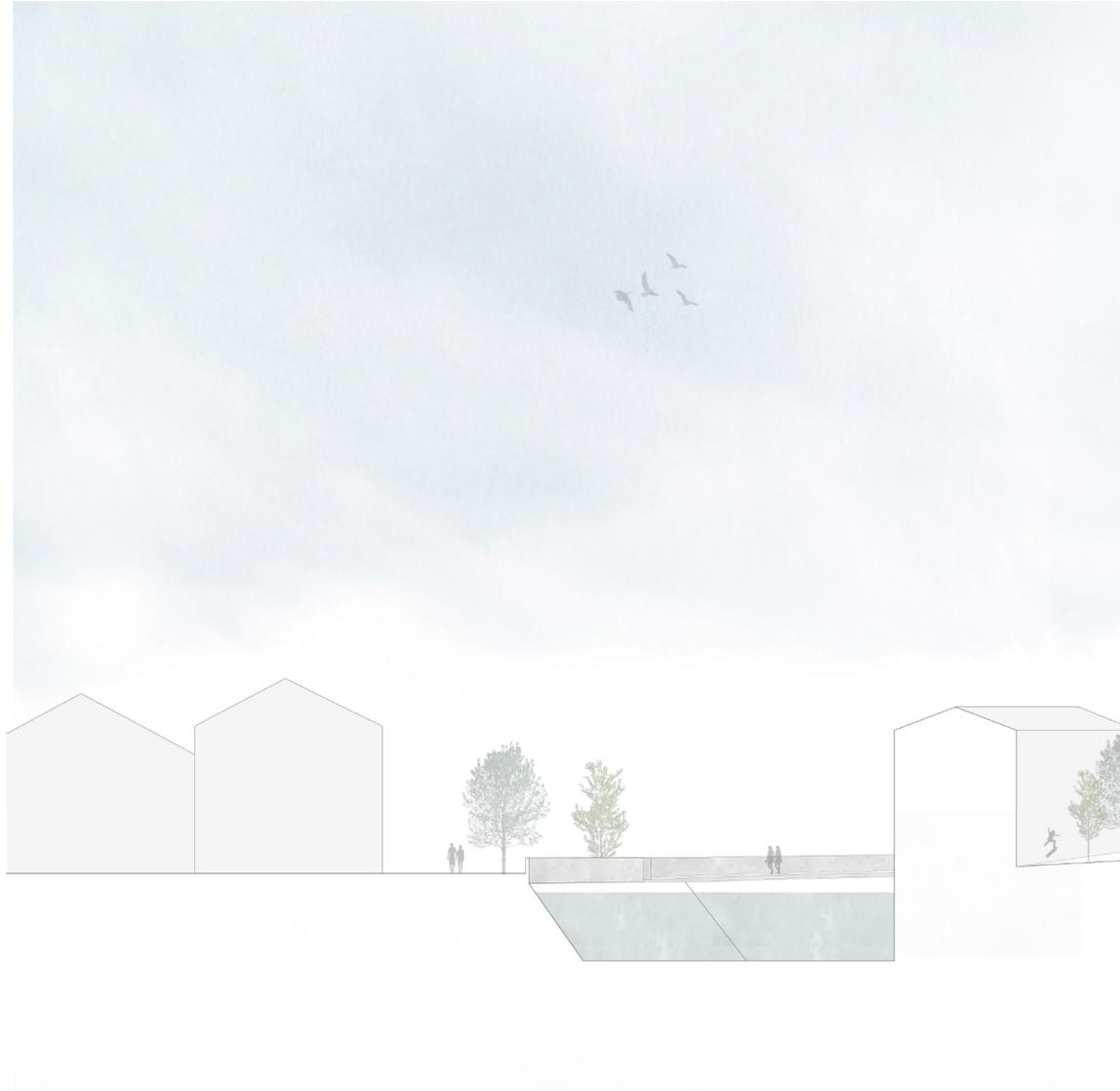


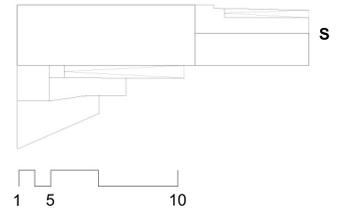
















1 5 10





